

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS  
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA**

**ANA PAULA ALVES DA SILVA**

**“A Juventude é um caminho contente que depende da gente”.**  
**Coletivo de Cultura, Juventude e Comunicação MST/MS.**

Dourados- MS  
2015

**ANA PAULA ALVES DA SILVA**

**“A Juventude é um caminho contente que depende da gente”.**  
**Coletivo de Cultura, Juventude e Comunicação MST/MS.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Federal da Grande Dourados para obtenção do Título de Mestre em Sociologia. Área de Concentração: Sociologia.

Linha de Pesquisa: Cidadania, Diversidade e Movimentos Sociais.

Orientadora: Dr<sup>a</sup> Marisa de Fátima Lomba de Farias

Dourados-MS

2015



**TERMO DE APROVAÇÃO****ANA PAULA ALVES DA SILVA**

**“A Juventude é um caminho contente que depende da gente”.**  
**Coletivo de Cultura, Juventude e Comunicação MST/MS.**

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestra em Sociologia, da Universidade Federal da Grande Dourados, pela seguinte banca examinadora:

---

**Prof. Dra. MARISA DE FATIMA LOMBA DE FARIAS**  
**Orientadora/Presidente**

---

**Prof. Dra. ALZIRA SALETE MENEGAT**  
**Membro Titular**

---

**Prof. Drº. LOSANDRO ANTÔNIO TEDESCHI**  
**Membro Titular**

**APROVADA EM: 31/08/2015**

## AGRADECIMENTOS

Durante os meses de pesquisa. Conheci muitas pessoas e conquistei muitos amigos/as, múltiplos sentimentos foram vivenciados durante as pesquisas em campo, nos assentamentos, acampamentos, no 6º Congresso Nacional do MST, durante as marchas, e as viagens para apresentar trabalhos. A palavra que definiria de maneira significativa o que sinto por todos/as, é gratidão.

Em especial à minha mãe Altina, mulher, nordestina e guerreira. Diariamente me apoiava tanto em palavras como em ações, sempre com um afago, um prato de comida preferido, e seu carinho nos momentos de angústia e alegrias.

Ao meu pai Severino que se foi na morte há onze anos, me ensinou o real significado da vida, a humildade e o respeito ao próximo são os ingredientes primordiais para a felicidade. Gratidão Pai por ser sua filha.

Em especial quero agradecer a duas mulheres muito importantes em minha trajetória acadêmica e pessoal, ao qual conheci no primeiro dia que adentrei ao espaço da Universidade na graduação, as professoras Alzira Salete Menegat e Marisa de Fátima Lomba de Farias. Gratidão por me compreender, respeitar e apoiar nos caminhos em busca do conhecimento acerca das juventudes, além de professoras, elas são amigas e confidentes nos momentos difíceis, aos quais foi possível partilhar tanto as angústias quanto alegrias. Ensinar-me, através de suas ações, que nossas pesquisas devem ir além dos muros da Universidade, devemos nos revestir de humildade, gratidão de coração pela valiosa lição.

Sou grata à vida por me apresentar nos caminhos percorridos Sandra Procópio, mulher, guerreira, valente, mãe, militante, amiga, não apenas uma colega de mestrado, uma irmã para a vida toda. Obrigada por me amparar em seus braços em momentos de conflitos, quando eu não sabia o que fazer, você me dizia: “Calma amiga, tudo dará certo”, grata por sua existência.

Rodrigo Menezes amigo confiante, colega de profissão, professor, sempre com uma palavra amiga e seu jeito calmo, sua presença foi muito importante para a minha caminhada.

Ao corpo docente do Programa de Pós- Graduação em Sociologia, professores e professoras, minha gratidão pelas discussões em sala de aula, as viagens e as aventuras.

Ao José secretário do Programa, com sua paciência e pronto a atender, torno o caminho mais leve. Aos meus colegas de mestrado e lutas, Daniel, Marina, Maelly, Denilson, Denise, Fabiane, Jatene, Rogério, Sandra, Sara.

À CAPES pela possibilidade de prosseguir durante os dois anos de pesquisa, através do apoio financeiro. Em especial minha gratidão aos/as protagonistas da pesquisa, jovens homens e jovens mulheres de distintos lugares do Mato Grosso do Sul, obrigada por compartilhar de seu tempo, suas histórias, seus desejos e sonhos comigo. Gratidão a cada um que contribuiu para a pesquisa, além de grupo social com o qual eu trabalhei. Vocês são amigos/as que a vida me apresentou, os momentos vivenciados e sentimentos serão guardados não apenas na dissertação, mas em meu coração e alma.

Gratidão à vida.

## Sumário

RESUMO .....	9
ABSTRACT .....	10
LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS .....	11
INTRODUÇÃO .....	12
Interesse pela Pesquisa .....	12
Objetivos e Contextualização do Campo de Pesquisa.....	15
Os caminhos da Pesquisa .....	18
Estrutura da Dissertação.....	28
CAPÍTULO I.....	30
COLETIVO DE CULTURA, JUVENTUDE E COMUNICAÇÃO (CCJC): ENTRE CONFLITOS E AVANÇOS .....	30
1.1 DIVERSIDADES DAS JUVENTUDES .....	44
CAPÍTULO II .....	58
JUVENTUDES SEM TERRA E O MST: DIÁLOGOS, DISCURSOS E PRÁTICAS .....	58
2.1 DISCUSSÕES COLETIVAS: ESPAÇOS DE CONFLITOS E DIÁLOGOS .....	59
2.2 DISCUSSÕES COLETIVAS: DIÁLOGOS, CONFLITOS E RESISTÊNCIAS .....	71
2.3 POR QUE MARCHAR? .....	80
CAPÍTULO III .....	89
JUVENTUDES SEM TERRA: PERSPECTIVAS E CAMINHOS.....	89
3.1 DIFICULDADES: ROMPER CERCAS E CONSTRUIR CAMINHOS .....	90
3.2 VOZES DAS JUVENTUDES .....	96
3.3 EXPECTATIVAS QUANTO AO TRABALHO E A RENDA.....	102
3.4 A LUTA POR EDUCAÇÃO COMO ESTRATÉGIA DE PERMANÊNCIA NA TERRA .....	111
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	117
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	121



## RESUMO

O objetivo da dissertação é estudar a participação de jovens mulheres e jovens homens do Coletivo de Cultura, Juventude e Comunicação/CCJC do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, no estado de Mato Grosso do Sul, nos espaços de discussões coletivas – encontros regionais, estaduais, nacionais e marchas – no período de 2013-2015. Procurou-se, através das pesquisas em campo, compreender os pertencimentos estruturados e as estratégias de diálogos desses/as jovens com o MST. E se as práticas educativas e os princípios políticos do Movimento colaboram para decisão das juventudes sem terra, entre permanecer na terra ou migrar para outros espaços. Além disso, analisar as relações entre as juventudes do Coletivo e o MST no que tange à organização de ações, definição de propostas, ações políticas, elaboração de metas e projetos. Aos/às foi perguntado sobre suas expectativas quanto ao trabalho e à renda e a importância da educação para o alcance de seus objetivos. A metodologia utilizada foi a pesquisa-ação nos espaços de discussões coletivas, nos encontros, a relação direta entre a pesquisadora e o grupo social. As três técnicas para o desenvolvimento da pesquisa foram: a observação direta e participante, que propicia observar, o mais próximo possível, as relações entre as juventudes e os/as demais grupos; a aplicação de questionários com perguntas semiabertas respondidas durante os encontros e as atividades que foram desenvolvidas nos projetos de assentamentos do MST no estado, com um total de vinte e dois jovens e o caderno de campo com sua relevância para a análise do “não dito”. Com a pesquisa constatou-se que as juventudes ainda ocupam poucos espaços e de modo sazonal, no entanto, a prática da mística é de responsabilidade das juventudes nos espaços de discussões coletivas. Os/as jovens não estão presentes nas plenárias e nas mesas de discussões, discutem apenas os assuntos relacionados à sua realidade, as jovens mulheres lutam a cada dia com as famílias no âmbito privado e no espaço público com as lideranças masculinas, a fim de participar do Movimento. As juventudes, através de suas vozes propõem novos trabalhos para o campo, a pluriatividade como estratégia de permanência nos assentamentos, o acesso à educação com autonomia e liberdade. Resistem de diversas maneiras e continuam a luta por inserção em todos os espaços do MST, somam forças e transformam os espaços ocupados.

**Palavras Chave:** Juventudes, MST, Trabalho e Renda, Educação.

## **ABSTRACT**

The purpose of this work is to study the participation of young women and young men of the Collective of Culture, Youth and Communication / CCJC of the Landless Rural Workers Movement in the state of Mato Grosso do Sul, in the spaces of collective discussions - regional, state meetings national and marches - in the 2013-2015 period. An attempt was made by the research in the field, understand the structured belongings and dialogues of these strategies / girls with the MST. And if the educational practices and the political principles of the Movement collaborate to decision of youths without land, between staying on land or migrate to other areas. Furthermore examine the relationships between the youths of the Collective and the MST in relation to the organization of actions, definition of proposals, political action, development goals and projects. To / to asked about their expectations regarding work and income and the importance of education for achieving your goals. The methodology used was action research in the areas of collective discussions, the meetings, the direct relationship between the researcher and the social group. The three techniques for the development of the research were: direct observation and participant, which provides observe, the closest possible relations between the youths and the / the other groups; the questionnaires with semi-open questions answered during the meetings and the activities that were developed in the MST settlement projects in the state, with a total of twenty-two young and field notebook to their relevance to the analysis of the "unsaid" . Through research it was found that the youths still occupy little space and seasonally, however, the practice of mysticism is the responsibility of youths in the spaces of collective discussions. The / girls are not present in the plenary and the discussion tables, discuss only the issues related to their reality, young women struggle every day with families in private and public space with male leaders in order to participate Movement. The youths, through their voices propose new work to the field, pluriactivity as permanent strategy in the settlements, access to education with autonomy and freedom. They resist in various ways and continue to fight for inclusion in all areas of the MST, join forces and transform the occupied spaces.

**Keywords:** Youth, MST, Work and Income, Education.

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

**MST-** Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra.

**PRONERA-** Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária.

**INCRA-** Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária

**CCJC-** Coletivo de Cultura, Juventude e Comunicação.

# INTRODUÇÃO

## Interesse pela Pesquisa

Esta dissertação iniciou-se para mim antes do ingresso no Programa de Pós-Graduação em Sociologia na UFGD na linha de pesquisa Cidadania, Diversidade e Movimentos Sociais. A definição do tema e o ingresso no programa são o resultado de pesquisas realizadas durante a graduação em Bacharelado em Ciências Sociais na Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD) iniciado em 2005.

Além de experiências vivenciadas e compartilhadas com grupos dessa instituição e de movimentos sociais, principalmente com o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra, foram etapas de aprendizagem na minha trajetória pessoal e enquanto pesquisadora.

Experiências, olhares, subjetividades, esperanças, foram vivenciados enquanto uma jovem mulher assentada, que vislumbrou no ensino superior a possibilidade de compreender os seus próprios dilemas quanto à permanência ou saída do assentamento.

Havia uma busca incessante para mim em adquirir conhecimentos para tornar viável a transformação da vida dos/as jovens que estão no campo, ao plantar sonhos, e colher esperanças.

O interesse pelo tema de pesquisa se tornou significativo para mim nos primeiros anos de minha trajetória na graduação, ao ter contato com a sociologia rural durante as aulas do curso e as pesquisas que, até então, se efetivavam nos espaços dos assentamentos rurais. Foi quando me encontrei entre o dilema de pesquisar ou não as juventudes, pois ao adentrar ao espaço da Universidade, havia vivenciado há pouco tempo o dilema, os mesmos dilemas de escolher entre ficar ou sair da terra.

A decisão foi por sair do lote de minha família no assentamento Santa Clara, município de Bataguassu, MS, distante 314 quilômetros de Dourados. Após a morte de meu pai, ansiava muito cursar o nível superior, e residir no espaço do assentamento impossibilitava realizar este desejo.

Migrei junto com minha mãe para a cidade de Dourados e iniciei a caminhada em busca do conhecimento. Desde o ano de 2008 me dedico aos estudos sobre as juventudes. Inicialmente, no período de 2008-2009 em uma pesquisa de Iniciação

Científica na modalidade PIVIC <sup>1</sup> com o estudo sobre jovens estudantes de uma Escola Família Agrícola(EFAITAQ), situada no projeto de Assentamento Lua Branca em Itaquiraí-MS, com o tema: “Jovens do campo: novos atores sociais e seus dilemas e perspectivas”. O objetivo foi estudar quais eram os mecanismos que norteavam a decisão do/a jovem entre ficar ou sair do campo <sup>2</sup>.

Entre o período de 2009 a 2010 o estudo inicial foi ampliado na categoria de PIBIC <sup>3</sup> a fim de estudar se a Escola Família Agrícola de Itaquiraí/ EFAITAQ havia contribuído para a permanência dos/as jovens no campo, através de suas teorias, práticas e saberes, com o tema: “Saberes técnicos na vida de jovens do campo: um olhar sobre os resultados produzidos pela Escola Família Agrícola de Itaquiraí-EFAITAQ, nos/as jovens assentados em Itaquiraí- MS”.

Em 2010, durante a elaboração do trabalho de conclusão de curso para atender aos requisitos para a obtenção do título de Bacharel em Ciências Sociais, foi efetivada uma compreensão acerca das juventudes que haviam se formado em nível técnico na mesma Escola onde foram realizadas as pesquisas anteriores. Buscava-se entender as diversas situações vividas pelos/pelas jovens, norteando um estudo de gênero e poder.

Estes momentos que antecederam o ingresso no Programa de Pós- Graduação em Sociologia contribuíram para a elaboração e sistematização da dissertação, ao dialogar com estudiosos/as que se debruçam sobre o referido tema, e dialogando com os/as jovens.

A riqueza desses momentos não se finda, a cada dia ela se renova no desenvolvimento da pesquisa, diante de cada jovem com sua trajetória, as lágrimas e os sorrisos, a cada utopia renovada, a busca se faz constante, pois segundo Nedelcu (2014, p.42):

E realizar pesquisas nas quais crianças e jovens falam sobre si mesmos e o mundo, nas quais as suas vozes são componente essencial de um diálogo onde são escutados, é um elemento crucial de uma lógica cognoscitiva que, em vez de coisificar a informação, humaniza.

Segundo Nedelcu realizar pesquisas quando o princípio é a escuta, os resultados obtidos não serão a transmissão de informações ou transformação dos sujeitos sociais

---

<sup>1</sup> Programa Voluntário de Iniciação Científica.

<sup>2</sup> Como consequência significativa do estudo, no ano de 2010 e posteriormente em 2011, a pesquisa estava alistada entre os melhores trabalhos na área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, ganhando o II e III Prêmio ENIC de Melhor Trabalho.

<sup>3</sup> Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica.

em objetos, as reflexões tomarão um rumo utópico de humanização. As vozes, antes silenciadas pelas violências acometidas, sejam pela força do Estado com seu poder opressor ou pelas violências simbólicas no espaço privado dos lares, as pesquisas se constroem enquanto possibilidades de uma transformação em suas vidas, acreditamos nisso. Por este motivo, trilhamos este caminho, em busca de novas indagações acerca das juventudes que estão no campo.

Este foi o pressuposto das pesquisas desde o início, humanizar o conhecimento científico articulado com os distintos saberes compartilhados com os/as jovens. Construiu-se um diálogo com as juventudes e as suas experiências nos espaços de discussões coletivas. Foi possível vivenciar os conflitos internos ao Coletivo e seus próprios dilemas.

Ao ouvir as juventudes, suas vozes não são silenciadas, ecoam por todos os cantos e espaços, será possível combater a invisibilidade social que esse grupo vivencia na sociedade ao longo da história. Segundo Novaes (2007, p.258): “Certamente, escutar os jovens é imprescindível porque toda a experiência geracional é inédita (só sabe o que é jovem no mundo de hoje)”.

Aos poucos, o interesse por pesquisar as juventudes os dilemas enfrentados pelas juventudes se consolidou enquanto categoria de análise significativa<sup>4</sup>: suas ações coletivas nos movimentos sociais, as identidades e representações, a convivência geracional na família; com o objetivo de compreender as transformações nos espaços do campo e a diversidade dos grupos sociais no estado de Mato Grosso do Sul<sup>5</sup>.

---

<sup>4</sup> Neste sentido, no ano de 2012 foi construída uma reflexão acerca da juventude rural através de uma pesquisa efetivada por Kátia Aline da Costa. Ainda no curso de Licenciatura em Ciências Sociais pelo Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária/ PRONERA, na FCH/ UFGD, três trabalhos de conclusão abordaram o tema sobre juventude de NASCIMENTO, Alice Araújo do; ÁVILA, Rosângela Fátima Correia; ALVARENGA, Julio Cesar de Souza; também de ROSA, Joel Santos da; SOUZA, Susy Michelly de Lima; GODÓI, Tatiane Aparecida e, ainda, FERNANDES, Aline Alves e TAVARES, Gerson Ferreira. Os nomes dos trabalhos estão nas referências bibliográficas. Significativa, também, foi uma experiência compartilhada pela pesquisadora, ao apresentar resultados parciais da pesquisa no evento: “VI Simpósio sobre Reforma Agrária e Questões Rurais. Por que a reforma agrária continua atual e necessária”, em maio de 2014, quando se debateu sobre a reforma agrária, no GT “Gênero e Geração Rural”, havia cinco trabalhos que se propuseram a estudar as juventudes, evidenciando assim que paulatinamente os estudos quanto à juventude estão avançando e se consolidando enquanto uma categoria social.

<sup>5</sup> O estado de Mato Grosso do Sul, é constituído historicamente por grandes porções de terras nas mãos de poucos proprietários. Os movimentos sociais, por sua vez, vêm alterando forças a fim de que indivíduos possam conquistar um pedaço de terra para plantar e viver; neste sentido é significativo a criação de 145 Projetos de Assentamento em MS, no ano de 2014, segundo dados do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária/ INCRA.

A análise da realidade histórica do estado de MS é relevante diante da criação, gradativa, de projetos de assentamentos, considerando avanços e recuos na política de Reforma Agrária. Uma política pública que “possibilita” aos indivíduos sociais, construir espaços de convivência coletiva, com solidariedade, coletividade, igualdade e respeito, sem desconsiderar os obstáculos vividos e a instabilidade dessa política. Acreditamos que o nosso olhar diferenciado para o viver dos/as sujeitos sociais através das pesquisas, poderá contribuir para relações sociais autônomas e justas entre as juventudes e o MST.

## **Objetivos e Contextualização do Campo de Pesquisa**

O objetivo da pesquisa, que resultou nessa dissertação, foi o de estudar a participação de jovens homens e jovens mulheres <sup>6</sup> do Coletivo de Cultura, Juventude e Comunicação/CCJC <sup>7</sup> do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) no estado de Mato Grosso do Sul. Envolveu variados espaços de discussões coletivas: os encontros regionais, estaduais, nacionais, marchas, dentre outros.

Através das pesquisas em campo, compreender os pertencimentos e as estratégias de diálogos desses/as jovens com o MST <sup>8</sup>. E por fim, se esse diálogo através das práticas educativas e dos princípios políticos do MST, colabora para decisão das juventudes sem terra<sup>9</sup> entre permanecer na terra ou migrar para outros espaços.

Os objetivos específicos da pesquisa foram:

- Analisar as relações estabelecidas entre as juventudes do Coletivo e o MST na organização de ações e definição de propostas;
- Observar as ações políticas dos/as jovens e os pertencimentos estabelecidos quanto a elaboração de metas e projetos no interior do MST;

---

<sup>6</sup> Não utilizaremos a identificação dos/as jovens, ao nos referirmos a eles/elas será utilizada a linguagem de gênero, jovens homens e jovens mulheres a fim de não criar conflitos internos.

<sup>7</sup> Utilizaremos a sigla CCJC para identificar o Coletivo pesquisado.

<sup>8</sup> Ao utilizar MST, a pesquisadora está se referindo ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra.

<sup>9</sup> O termo “Sem Terra” será utilizado para se referir aos/as jovens que pertencem ao Coletivo de Cultura, Juventude e Comunicação MST/MS.

- Compreender como as juventudes sem terra no estado de Mato Grosso do Sul estão organizadas politicamente, quais são suas demandas e seus anseios;
- Verificar quais são as expectativas das juventudes quanto ao trabalho e à renda;
- Observar qual a importância da educação para os/as jovens.

O CCJC surgiu diante da necessidade de construir um espaço às juventudes do MST, para a discussão sobre assuntos relacionados com a sua realidade, como trabalho e renda, acesso à educação, estratégias de permanência no campo, dentre outros. Além disso, mobilizar jovens que não participavam ativamente no Movimento, ou que atuavam em outros Coletivos do MST.

Pretendia-se unir forças para a construção de um espaço de discussões das/para as juventudes a fim de participar do CCJC. Unir através das ações políticas e culturais tanto jovens dos acampamentos, pré-assentamentos, assentamentos quanto aqueles/as que residem nos espaços das cidades.

O Coletivo formou-se entre os anos de 2000 e 2011. As primeiras discussões para a construção desse espaço para/de as juventudes ocorreram em 2000 durante uma ocupação<sup>10</sup> na cidade de Novo Horizonte do Sul MS, com a participação de um grupo de militantes que vivenciava a cultura através da mística<sup>11</sup>, utilizava-se, a música, poesia e o teatro.

Para Boff; Betto (1999, p.24):

Mística significa, então, o conjunto de convicções profundas, as visões grandiosas e as paixões fortes que mobilizam pessoas e movimentos na vontade de mudanças, inspiram práticas capazes de afrontar quaisquer dificuldades ou sustentam a esperança face aos fracassos históricos.

A prática da mística é um momento o qual ocorre em todos os momentos em que os/as militantes estão em coletivo. Pode ser uma peça teatral com símbolos que

---

<sup>10</sup> Ocupação é o termo utilizado para o processo de luta pela terra, precede a conquista da mesma, para Turati (1999) o acampamento é: “[...] configurado por uma etapa em que os acampados foram separados de seu universo social anterior e cumprem normas rituais que os qualificam para uma agregação social futura com atributos de estabilidade”.

<sup>11</sup> Quanto à prática da mística, no II capítulo será abordado de maneira ampla sobre a relação que há com a realidade das juventudes do Coletivo.

representam a luta pela terra, como foice, facção, alimentos, como uma música ou uma poesia. Para Coelho (2010), a prática da mística se apresenta em duplo sentido, tanto político quanto cultural.

No ano de 2008, ocorreu o Encontro Nacional da Juventude Campo e Cidade, no campus da Universidade Federal Fluminense em Niterói RJ, onde estiveram reunidos/as mais de 1.200 jovens de movimentos sociais, entre eles/elas estavam as juventudes do Mato Grosso do Sul. Durante uma semana, compartilharam experiências através de muitas atividades culturais, oficinas e discussões com jovens de outros estados, a partir de então, passaram a articular suas discussões em âmbitos estaduais a nacional <sup>12</sup>.

Em 2011 após discussões sobre a importância do CCJC, dois jovens homens assumiram a liderança, a participação das mulheres era tímida e sazonal. Segundo as juventudes, no início, a ausência feminina ocorreu diante do desconhecimento das famílias quanto à proposta do Coletivo, além da influência do patriarcado nas relações estabelecidas no âmbito privado, tema que será discutido no segundo capítulo da dissertação.

No ano de 2014, o trabalho de conscientização resultou na definição, pelo MST, de uma jovem mulher e um jovem homem para a assumirem a direção estadual do CCJC <sup>13</sup>. Os/as protagonistas que compõem o grupo são distintos e heterogêneos, tanto os territórios que ocupam quanto as suas identidades.

Conforme Pais (1990, p.149): “[...] a juventude não é, com efeito, socialmente homogênea [...]”, há jovens que foram mobilizados/as através das ações políticas e culturais, tanto nos espaços do campo como das cidades. Outros/as participaram de discussões coletivas sobre temas pré-definidos nas Universidades, diálogos efetuados com outros movimentos sociais do campo e da cidade, de encontros e marchas.

As juventudes residem nos acampamentos, pré-assentamentos, assentamentos ou nos espaços das cidades, são jovens casados/as, solteiros/as, com filhos/as ou sem acompanhantes. Durante a pesquisa, dialogamos com jovens que participam ativamente das discussões ações do MST há mais tempo, outros/as pela primeira vez. A faixa etária mínima para participar é a partir de 14 anos e há uma flexibilidade quanto a idade máxima, segundo os/as militantes: “Uns dos critérios para fazer parte coletiva é espírito

---

<sup>12</sup> Foi possível a pesquisadora participar do evento, iniciando os estudos acerca dos/as jovens.

<sup>13</sup> A escolha de lideranças para os Coletivos de discussões no interior do MST ocorre de acordo com as ações dos/as militantes. É necessário demonstrar responsabilidades com as diretrizes do MST, interesse mútuo com os/as militantes, e o Movimento, estudo regular, comprometimento com as causas sociais e um espírito inovador e ativo.

jovem e revolucionário”, assim não é relevante a idade máxima, desde que a pessoa se autoidentifique com um espírito jovem e revolucionário.

Atualmente o CCJC possui em sua liderança uma jovem mulher e um jovem homem, conquistas que foram possíveis através de diálogos efetivados e experiências compartilhadas desde o início das discussões da construção do Coletivo.

Cerca de 50 jovens participam sazonal ou ativamente nas ações e discussões, dentre este universo foi possível, durante a pesquisa, dialogar nos espaços de discussões coletivas com 22 jovens e, suas considerações estão registradas ao longo da dissertação. Para Flores; Silva (2014) juventudes<sup>14</sup> é um processo de autoidentificação, aos quais estão envoltas em um processo de lutas e busca por demandas no âmbito dos movimentos sociais.

## **Os caminhos da Pesquisa**

Para o desenvolvimento da pesquisa, não foi estabelecido um número exato de jovens que iriam participar. Segundo os/as militantes, é difícil quantificar os/as jovens que compartilham das ações políticas do CCJC, vários fatores contribuem para a presença ativa ou não dos/as jovens, que serão abordados no decorrer da dissertação.

Ao dialogar com as juventudes, respeitamos os limites estabelecidos pelo MST: as atividades culturais, sociais e políticas durante as discussões coletivas que poderíamos participar e, as que não tínhamos permissão, como reuniões de deliberação de metas e estratégias, e espaços específicos às lideranças do CCJC. Em certos momentos em que a escuta e o silêncio foram determinantes, vivenciamos conflitos internos, discussões, ambiguidades e subjetividades, a pesquisa se construiu a cada ida a campo, entre conflitos, inseguranças e esperanças.

A pesquisa envolveu os/as jovens, nos espaços das discussões coletivas, visto que a grande maioria desempenhava alguma atividade durante os encontros do MST. Os/as jovens foram convidados/as a participarem da pesquisa, evolvia um olhar sobre suas vidas e poderiam aceitar ou não. Diante do aceite, 22 jovens de distintos espaços de Mato Grosso do Sul participaram do processo. Corroboramos com Gil (2008, p. 107): “As pessoas que participam de qualquer pesquisa têm não apenas o direito de serem

---

<sup>14</sup> No decorrer da dissertação serão utilizadas juventudes no plural, ao se referir aos/as jovens do CCJC.

informadas acerca dos propósitos da pesquisa, mas também o de recusar-se participar dela”.

Sabíamos que não seria uma tarefa fácil estudar um grupo envolvido no MST, inclusive por se constituir nas juventudes que “reivindicavam” espaço político, reconhecimento e autonomia.

Para Boff (2014) <sup>15</sup>:

O MST é o maior movimento popular organizado do mundo. Tantos foram difamados, perseguidos, presos, torturados, assassinados e vocês nunca baixaram os braços ou arreararam as bandeiras. Continuam porque a causa é justa, humanitária e, porque não dizer divina. O sonho do MST nunca foi pequeno: a Reforma Agrária ou políticas agrárias mais justas e equitativas. O sonho sempre foi grande: fazer que a Terra possa acolher a todos para nela trabalhar e viver, no respeito a seus limites e possibilidades para nós e para nossos filhos e netos.

Para Boff o MST é o maior movimento popular organizado do mundo, estudar os motivos que o impulsionam a se manter em constante “movimento”, por mais de trinta anos em nossa sociedade, é importante para a própria sociedade e o MST.

Gohn (1997, p. 154) destaca que os movimentos sociais “podem alterar forças e correlações de forças”. Ao estudar as juventudes, a partir de um recorte de gênero, compreendemos aspectos dos diálogos ou silêncios sobre o êxodo rural das juventudes, quais são os impasses e conflitos vivenciados e analisar como as juventudes estão organizadas.

As pesquisas e as compreensões acerca das juventudes que estão no campo ainda são tímidas. Em uma pesquisa efetivada por Sposito (2007), ela observou que de 100 pesquisas realizadas no Brasil, 4% da produção intelectual se destinava à compreensão da juventude rural.

Wiesheimer (2004) realizou um levantamento bibliográfico acerca da produção acadêmica referente às juventudes que estão no campo, entre os anos de 1990 a 2004, constatou a existência de maior número de estudos na área de Sociologia, com 15 trabalhos, seguida pela Antropologia, com 7 trabalhos destinados a respeito da temática. As linhas temáticas com maior número de estudos são para “juventude e reprodução

---

<sup>15</sup> Entrevista ao Jornal dos Trabalhadores Rurais Sem Terra Edição Especial Congresso, ano XXX, nº323- Fevereiro de 2014, para Leonardo Boff- Teólogo, professor e escritor:

social na agricultura familiar”, na região centro-oeste, por sua vez, até o mês de outubro de 2004 não havia trabalhos sobre as juventudes do campo.<sup>16</sup>

Para a análise desse tema, optou-se pela pesquisa-ação proposta por Paulo Freire, consiste em uma relação direta do/a pesquisador/pesquisadora com os grupos sociais. Esse pensador crítico e educador social, propõe uma nova forma de pesquisa, na qual os indivíduos possam, por meio de seus saberes articulados com a prática, transformar a realidade em que vivem.

Conforme destaca Freire (1967), a educação deve partir do pressuposto de mudança de atitude, e essa proposta ocorrerá somente, segundo o autor, se for dialogada com a prática, então será libertadora e como consequência, proporcionará a transformação dos pensamentos e das atitudes dos indivíduos. A pesquisa em campo é um diálogo constante.

Para Spink (2003, p.26):

Investigar é uma forma de relatar o mundo e a pesquisa social é tanto um produto social para relatar quanto um produtor de relatos; uma maneira de contar- e produzir- o mundo. A pesquisa nasce da curiosidade e da experiência tomados como processos sociais e intersubjetivos de fazer uma experiência ou refletir sobre uma experiência.

A pesquisa segundo Spink nasce da curiosidade dos/as pesquisadores/as, e no decorrer dos caminhos trilhados evidencia-se um processo de construção, experiência e reflexão sobre ela. Há pesquisadores/as que já estão inseridos/as nos espaços investigados, outros/as, sua inserção ocorre durante a investigação, entretanto, em todos os casos, a pesquisa se inicia em um contexto de curiosidade.

Muitas experiências são vivenciadas e compartilhadas durante a pesquisa, um convívio, que caracteriza o diferencial de nossas análises. Scott (1999), ao utilizar o conceito de experiência nas pesquisas e escrever a história do “outro”, ressalta que a experiência se evidencia enquanto uma categoria social, com o propósito de compreender os grupos sociais, não é estática e sim múltipla. Para Scott (1999, p.48):

Experiência não é uma palavra sem a qual podemos passar, apesar de ser tentador, dado seu uso corrente para essencializar a identidade e retificar o sujeito, abandoná-la totalmente. Mas experiência faz parte

---

<sup>16</sup> Não foram encontradas outras pesquisas referentes a esse tema. Acredita-se que pouco mudou até o momento.

da linguagem cotidiana, está tão imbricada nas nossas narrativas, que seria em vão querer eliminá-la.

O conceito de experiência, segundo Scott (1999), permite uma análise contextualizada de experiências dos/as sujeitos sociais, que são compartilhadas com pesquisadores/as e seria em vão eliminá-lo de nossas análises. Experiência não é a origem da nossa explicação, mas sim o que queremos explicar, não desvaloriza os/as indivíduos, por sua vez construímos caminhos para que suas vozes ressoem.

No desenvolvimento de pesquisas, o conceito de experiência possibilita construir conhecimentos e saberes que poderão oportunizar aos sujeitos sociais pesquisados/as, a construção de reflexões teóricas e sobre suas práticas, a fim de refletirem acerca das transformações possíveis. Eles/as definirão seus próprios caminhos.

Antes de interagir com as juventudes, eu me deparei-se com os meus próprios medos e anseios, como o receio de viajar para um lugar distante de minha morada e sozinha, os contratemplos que poderiam surgir durante as viagens. Como eu seria recebida pelo MST e pelas as juventudes? Essas indagações fizeram parte constante no início da pesquisa.

Ressaltamos que os contatos com o grupo, foram estabelecidos anteriormente em outras pesquisas em campo e alguns trabalhos efetuados com os/as militantes do MST<sup>17</sup>. Essa atuação proporcionou adentrar, de maneira mais tranquila, aos locais onde ocorriam as discussões coletivas, participar das atividades e interagir nos espaços.

Os caminhos metodológicos percorridos para o desenvolvimento da pesquisa estão estruturados em três técnicas: observação participante, aplicação de questionários e o caderno de campo. Essa sequência não significa etapas lineares, as técnicas ocorreram ao mesmo tempo, conforme a necessidade demonstrada pelo campo de pesquisa, assim serão apresentadas para melhor explicação.

A primeira é a **observação direta e participante** durante as discussões coletivas do MST. Envolve encontros regionais, estaduais, nacionais e marchas, com as juventudes como público alvo ou não, uma metodologia no âmbito das discussões

---

<sup>17</sup> Durante o período de dois anos e meio a pesquisadora trabalhou na secretária do PRONERA no curso de Licenciatura em Ciências Sociais, como bolsista de Apoio Técnico Nível Superior pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico/CNPQ, e logo após como estagiária da Faculdade de Ciências Humanas/FCH. Foram momentos importantes aos quais propiciaram conhecer militantes não apenas do MST, como de outros movimentos sociais, Comissão Pastoral da Terra/CPT, Federação dos Trabalhadores na Agricultura/ FETAFRI- MS, Movimento das Mulheres Camponesas/ MMC. Estes momentos foram importantes para estabelecer contatos, amizades e pesquisas futuras.

coletivas. A observação atenta para as relações sociais estabelecidas nos espaços coletivos e a aplicação de questionários, ocasionou uma compreensão significativa da realidade que a pesquisadora também está comprometida.

A observação participante proporciona o contato direto com os grupos sociais, ao executar as mesmas atividades cria-se empatia e confiança. Ao se colocar no lugar do pesquisado/a, podemos construir, paulatinamente, um olhar diferenciado e efetuar análises críticas acerca da realidade a que nos propomos pesquisar. Para Minayo (2007, p.70) essa postura constitui-se observação participante:

Definimos a observação participante como um processo pelo qual um pesquisador se coloca como observador de uma situação social, com a finalidade de realizar uma investigação científica. O observador, no caso, fica em relação direta com seus interlocutores no espaço social da pesquisa, na medida do possível, participando da vida social deles, no seu cenário cultural, mas com a finalidade de colher dados e compreender o contexto da pesquisa.

Essa técnica, a observação direta e participante propicia observar, o mais próximo possível, as relações estabelecidas entre as juventudes e os/as demais grupos, nos quais estão envolvidas as famílias, a comunidade, as lideranças e as gerações. Esta técnica de pesquisa evidenciou-se, significativa para esta trajetória.

Ao conviver com as juventudes e realizar as mesmas tarefas: limpar banheiro, lavar louça, vivenciar medos e incertezas debaixo de uma lona a noite durante a marcha, ou nas atividades culturais em distintos espaços ocupados, foi possível interagir com os grupos sociais, compreender os conflitos, sentimentos e as ações, construir uma postura atenta diante dos discursos e compreender as subjetividades. Para Peruzzo:

A pesquisa participante consiste em: A) Presença constante no ambiente investigado para que ele possa “ver as coisas de dentro”. B) O investigador compartilha de modo consistente e sistematizado das atividades do grupo ou do contexto que está sendo estudado. Ou seja, ele se envolve nas atividades, além de compartilhar “interesses e fatos”. (PERUZZO, 2003, p. 2)

Abre caminhos para o/a pesquisador/a, a fim de que possa sistematizar a realidade através da efetivação das atividades no interior do grupo estudado, envolvendo-se nas práticas diárias do dia a dia, bem como nas ações políticas. Isso

contribui para viver um pouco das razões e dos sentimentos do movimento social. Para Caldart (1987, p.13):

Não se consegue interpretar um sonho se não se sonha um pouco junto com ele; não se consegue entender a lógica de um símbolo, se não se aceita e respeita esta lógica; não se consegue compreender a fundo um movimento social, se não se vive um pouco de suas razões e sentimentos.

Quando estudamos e refletimos sobre a realidade de grupos sociais que estão inseridos/as em movimentos sociais e buscam, por meio de suas ações, uma nova maneira de viver, baseada em valores como solidariedade, respeito e igualdade, ou seja, em contraponto ao modelo hegemônico e linear predominante na sociedade capitalista contemporânea.

É preciso conviver com esses grupos, como destaca Caldart (1987): “viver um pouco de suas razões e sentimentos”. Ainda é possível estreitar a relação entre o/a pesquisador/a e o movimento social e ampliar a discussão, para Souza (2012, p.9):

Sobre o estreitamento entre o movimento e o pesquisador – que implica a pesquisa de campo e a vivência por parte do pesquisador da vida cotidiana dos assentamentos rurais – esse posicionamento fortalece o relacionamento direto da sociedade com as universidades e centros de pesquisa, além de produzir conhecimentos específicos, ampliando a inserção e discussão de temas conexos como a educação no meio rural, inserindo com maior precisão conteúdos pertinentes à realidade da agricultura familiar.

Várias atividades, consideradas rotineiras, pelas juventudes durante as discussões coletivas e em outros espaços, foram realizadas concomitantes à observação participante tais como: tarefas de limpeza e para a alimentação, dormir em barracas durante quatro ou cinco dias, tomar banho em lugares e banheiros improvisados com baldes de água, ou até atividades consideradas políticas, como a elaboração de místicas, e ainda participação em rodas de conversa nas rodas de tereré<sup>18</sup>, entre outras.

Através da observação e participação durante essas atividades verificou-se, de maneira atenta e sensível, os conflitos não perceptíveis durante uma entrevista ou com a aplicação de um questionário. Essa opção tornou favorável dialogar com as juventudes,

---

<sup>18</sup> Bebida típica do estado de Mato Grosso do Sul, consumida com erva apropriada, gelada e muito apreciada pelas juventudes durante os encontros. Durante as rodas de tereré há sempre um número significativo de juventudes apreciando a bebida e conversando, é possível observar elementos essenciais para a pesquisa, interagindo com todos/as da roda.

a cada nova ida a campo, ao participar de suas atividades nos encontros e interagir em suas ações.

Trata-se de um processo construído através de conflitos, resistências e das próprias indagações que o/a pesquisador/a se faz a todo o momento com os grupos sociais. Para Brandão; Borges (2007, p. 54):

Deve-se partir sempre da busca de unidade entre a teoria e a prática, e construir e re-construir a teoria a partir de uma sequência de práticas refletidas criticamente. A pesquisa participante deve ser pensada como um momento dinâmico de um processo de ação social comunitária. Ela se insere no fluxo desta ação e deve ser exercida como algo integrado e, também, dinâmico.

Durante a pesquisa, efetivaram-se pontes entre a pesquisadora e as juventudes, e as indagações sobre a vida desses/as jovens foi se construindo na “busca de unidade entre teoria e prática” para fazer ouvir suas vozes.

É um campo novo de pesquisa, quando os/as pesquisadores/as se propõem, em estudar os sujeitos sociais que estão nos movimentos sociais, os espaços compreendidos são os acampamentos ou assentamentos, nosso campo de pesquisa são os espaços de discussões coletivas, nossa busca foi em efetuar uma etnografia <sup>19</sup> de eventos. Para Castro (2009, p. 28):

A riqueza para uma análise etnográfica nesses espaços está em acompanhar desde o processo de construção, durante e “após o evento”, pois assim é possível observar o processo de construção simbólica da categoria *juventude*, os significados atribuídos à categoria e também os conflitos e negociações.

O desenvolvimento da pesquisa envolveu dilemas e conflitos vividos pela pesquisadora que estava em lugares não ocupados anteriormente, como cidades, assentamentos e acampamentos onde ocorreram os eventos, as negociações, foi preciso aprender também. Participava dos espaços com os/as interlocutores/as. Enfim não foi um processo harmônico e ocorreram diversos percalços durante a pesquisa, com momentos de angústias e outros de dificuldades para a operacionalização das etapas. Nem sempre foi possível a nossa presença nos espaços da pesquisa, por motivos de chuva, distância, transporte, entre outros.

---

<sup>19</sup> Estudo descritivo da cultura dos povos.

Os diálogos com os com os/as interlocutores/as do Coletivo o CCJC, foram constantes para que compreendessem a importância da pesquisa para a sua realidade, alguns momentos foram fáceis outros não. Nem sempre obtivemos resultados significativos para avançar a pesquisa. A paciência foi um dos “ingredientes” nesse percurso de relações nas quais as juventudes e a pesquisadora são protagonistas, como por exemplo, esperar a decisão das juventudes quanto a responderem os questionários.

Cordeiro (2013, p.720) destaca: “Afinal, em sua ciência, tanto o pesquisador quanto o pesquisado são, ao mesmo tempo, produtos e agentes histórico-culturais, e definem-se por meio de relações sociais em que ambos estão inseridos quanto podem transformá-las”.

Para Cordeiro o processo da pesquisa se apresenta enquanto um diálogo, não é apenas um ser social que participa, há uma interlocução entre o/a pesquisador/a e os grupos sociais envolvidos, para a transformação dos espaços. Nos caminhos da pesquisa muitos contratempos podem ocorrer, como conflitos, dificuldades para adentrar os espaços dos movimentos sociais, como também a negação dos sujeitos sociais em participar da pesquisa.

Esses momentos fazem parte do processo da pesquisa, não ausenta a sua importância, ao contrário, nos evidencia o quanto os/as sujeitos sociais são detentores de suas histórias, e a qualquer momento podem reescrevê-la, transformando os seus espaços.

A vivência significa mergulhar na realidade dos/as jovens que assumem as atividades culturais e discussões nos encontros, procurar ter empatia, ou seja, nos colocarmos no lugar dos grupos sociais com os quais trabalhamos, procurar sentir as mesmas emoções vivenciadas nas lutas diárias dos grupos sociais pesquisados/as. Para Rocha (2004, p. 2):

Nossa contribuição vai no sentido de que, como professores, acadêmicos, cientistas, nos revistemos de humildade e trabalhemos no sentido de que nossas descobertas, nossas pesquisas, nossos estudos possam ser revertidos para as classes populares. Um trabalho dessa natureza tem como objetivo propiciar aos grupos populares entendimento de seus problemas para que eles possam percebê-los e levantar alternativas que vão de encontro aos seus interesses. Desse modo está se caminhando em direção ao envolvimento dos grupos populares como sujeitos do conhecimento.

A técnica da observação participante permitiu construir o olhar do “outro/a” de modo crítico e contextualizado, ao estarem lado a lado: pesquisadora e protagonistas da pesquisa. Conforme Rocha (2004), nos revestimos de humildade para trabalhar no sentido de contribuir, de maneira coletiva, para transformar as relações sociais.

São momentos de participação em múltiplas atividades e de construção de um olhar crítico, com sensibilidade para as ações dos grupos sociais, momentos em que sentimos, de forma significativa, o florescer de subjetividades na compreensão da realidade. É como se estivesse vestindo a pele do/a outro/a.

É o entrelaçar e compartilhar as experiências, vivências e saberes, de um lado o conhecimento científico adquirido através de leituras, reflexões e sua sistematização nos espaços da academia, e do outro lado às experiências, trajetórias diversas, lutas, utopias e os sonhos dos/as militantes.

Quando conseguimos através da humildade, que é a ausência do orgulho e a capacidade de reconhecer as nossas limitações como seres humanos e humanas, conforme Rocha (2004) trilhamos um caminho em busca de novas perguntas, indagações, e pesquisas que irão propiciar o envolvimento dos grupos como sujeitos de conhecimento e saberes. Respeitando todo saber apreendido e adquirido, tanto o da academia quanto os saberes da vida.

A outra técnica utilizada foi a **aplicação de questionários** durante os espaços de discussões coletivas. Os questionários foram organizados com perguntas semiabertas respondidas durante as atividades desenvolvidas nos projetos de assentamentos, durante as rodas de conversas, bem como nos eventos. Foram elaborados questionários distintos, um para as juventudes presentes no 6º Congresso Nacional do MST em Brasília, com perguntas relacionadas ao Congresso, e a importância atribuída aos/às jovens para os variados momentos do 6º Congresso.

O outro questionário foi elaborado especificamente para as atividades desenvolvidas nos Projetos de Assentamento do MST no estado de MS, com temas diversos através de dinâmicas de grupo com imagens, letras de músicas, documentários, místicas, seguidas de discussões grupais registradas através de imagens. Para Martins; Ferronato; Simões; Maurenre; Costa; Koller:

O Grupo Focal ou Grupo Foco (GF) tem sido utilizado em pesquisas qualitativas com o objetivo de coletar dados através da interação grupal. [...] Busca-se obter a compreensão de seus participantes em relação a algum tema, através de suas próprias palavras e

comportamentos. Os participantes descrevem, detalhadamente, suas experiências, o que pensam em relação a comportamentos, crenças, percepções e atitudes [...]. (MARTINS; Ferronato; SIMÕES; MAURENTE; COSTA & KOLLER, 2001, p. 2-3).

Durante os grupos focais temáticos, houve interação não apenas entre os/as jovens, mas também com os pais, mães, lideranças do MST e a própria pesquisadora. A comunidade local e as famílias tiveram a oportunidade de escutar os anseios, dilemas, sonhos e expectativas das juventudes através das discussões em grupos, por meio de uma palavra ou frase.

Tais dados coletados permitiram a construção das reflexões, sobre as juventudes do estado de Mato Grosso do Sul, a e a compreensão de suas principais características, expectativas e dificuldades, tais como: expectativas quanto à educação, trabalho e renda nos projetos de assentamentos, e participação nos eventos do MST na perspectiva de gênero.

Durante as pesquisas em campo foram efetivadas duas atividades nos P. A do MST, uma no dia 07 de Dezembro de 2013 no P. A Santa Luzia em Nova Alvorada do Sul MS, um sábado com a presença de 10 jovens homens e 01 jovem mulher. Essa atividade foi articulada com o estágio docência que a pesquisadora estava realizando, para atender os critérios para a obtenção do título de Licenciada em Ciências Sociais.

No segundo momento foi realizada a atividade no P. A 17 de Abril no município de Nova Andradina MS, no dia 24 de maio de 2014. A divulgação ficou sobre responsabilidade de militantes do MST, aos quais colaboraram com a pesquisa. Entretanto, conta da chuva que ocorreu no final de semana, estavam presentes, apenas 4 jovens mulheres e 1 jovem homem.

O **diário de campo** foi a terceira técnica utilizada, nele foram registrados e descritos os acontecimentos que ocorreram durante as discussões coletivas do MST, as atividades, os conflitos, as relações sociais estabelecidas entre os/as protagonistas da pesquisa, práticas do dia a dia, entre outras questões importantes. A memória pode falhar no momento da compreensão da escrita, por isso os registros são fundamentais.

Segundo Minayo (2007), este é um momento de relação do pesquisador/a com a realidade vivida, uma das principais ferramentas da observação participante. Para Costa (2012, p. 25):

Isto é, além de um instrumento pessoal para a coleta de dados, o diário de campo nos proporcionou ainda expressarmos as diversas preocupações que nos guiaram nos caminhos da pesquisa, além de refletir a subjetividade da mestranda/pesquisadora, pois, como analisa Lima (2002), se caracteriza como um exercício de espontaneidade por parte da/o investigadora/o.

Segundo Costa o diário de campo consiste em uma significativa ferramenta de pesquisa e um instrumento fundamental para que pesquisadores/as descrevam, em palavras, os múltiplos sentimentos vivenciados durante as pesquisas em campo, que podem envolver nossos sentimentos de angústias, preocupações, conflitos, são os anseios nos caminhos trilhados. O diário de campo foi fundamental, tanto nos momentos registros dos sentimentos vivenciados durante as pesquisas em campo, quanto na elaboração e escrita de nossas reflexões.

As imagens utilizadas são resultados de registros das pesquisas em campo, tanto nos espaços de discussões coletivas quanto durante as atividades nos assentamentos e em eventos. Optamos por não utilizar a identificação ou caracterização dos/as sujeitos sociais, apenas imagens que retratam o coletivo nas quais podem ser percebidos os símbolos, como bandeiras, camisetas, cores, espaço geográfico.

Essa decisão parte do pressuposto de que a imagem é uma importante técnica nos caminhos que trilhamos na pesquisa (MARTINS, 2008) e será utilizada para visualização do leitor/a da realidade vivenciada compreendida, sem a intenção de analisá-las.

Durante o discorrer da dissertação não utilizaremos a identificação dos/as sujeitos sociais, apenas indicaremos se são jovem mulher ou jovem homem, para preservar a sua privacidade e não fomentar conflitos entre pessoas ou grupos nos espaços percorridos pelas juventudes.

## **Estrutura da Dissertação**

A dissertação está dividida a em três capítulos, o primeiro capítulo com o título: “Gênese e Consolidação do CCJC- Entre Conflitos e Avanços” abordará a gênese e a construção do CCJC, enquanto processo de construção de atores e atrizes políticos e sociais no cenário de lutas do estado de Mato Grosso do Sul.

O segundo capítulo intitulado: “Juventudes Sem Terra e o MST: Diálogos, Discursos e Práticas”, abordarão a relação entre o discurso e a prática na cotidianidade das lutas e demandas do MST. Quanto às juventudes, serão discutidos temas como a prática da mística, a participação das jovens mulheres nas ações políticas do CCJC e os espaços coletivos de discussões aos quais tivemos acesso no período de 2013-2015. Esses elementos são importantes para compreendermos a relação entre o MST e as juventudes.

Já no terceiro capítulo, com o tema: “Juventudes Sem Terra: Perspectivas e Caminhos” serão discutidas algumas possibilidades de permanência no campo, ao propor novas estratégias quanto ao trabalho, à renda e ao acesso à educação nos assentamentos, demonstrar um novo lugar das/para juventudes. Um lugar com distintas perspectivas de trabalho e educação, onde as juventudes se apresentem como protagonistas, e não apenas coadjuvantes.

Através das considerações das juventudes, serão apresentados seus desejos e anseios com vistas à transformação dos assentamentos em lugares igualitários e agradáveis para permanecerem e viverem. Assim, o/a leitor/a poderá conhecer a realidade de jovens homens e jovens mulheres do Coletivo de Cultura, Juventude e Comunicação do MST/MS, suas utopias, as ambiguidades e os conflitos vivenciados.

Aos/às protagonistas da pesquisa, enquanto detentores/as de seus caminhos oferecemos os resultados da pesquisa, escrita por várias mãos. Aqui está uma construção pessoal e coletiva, não apenas da pesquisadora, mas das juventudes do Coletivo do MST, parceiras e parceiros nos caminhos da Ciência. Compartilhamos saberes, experiências, sonhos e desejos, uma busca que não se finda, sempre se renova.

## CAPÍTULO I

### **COLETIVO DE CULTURA, JUVENTUDE E COMUNICAÇÃO (CCJC): ENTRE CONFLITOS E AVANÇOS**

A discussão inicial do Coletivo de Cultura, Juventude e Comunicação (CCJC) no estado de Mato Grosso dos Sul, surgiu no acampamento 17 de Abril entre os anos 2000-2001 durante uma ocupação na cidade de Novo Horizonte do Sul, onde o setor de mística desenvolvia atividades com a música, poesia e cultura, um grupo de jovens, conhecido como Grupo de Teatro Utopia.

O Grupo de Teatro Utopia foi fundado em 1999, no acampamento 17 de Abril em Nova Andradina MS, pelos militantes Sem Terra Jusceli dos Santos<sup>20</sup> e Valdemir de Oliveira. Em conjunto com jovens militantes Sem Terra apresentaram vários trabalhos culturais através de peças teatrais, no assentamento, acampamento, em escolas, nas cidades, universidades e igrejas. Um dos objetivos do grupo no momento foi de evidenciar às pessoas expectadoras, através do teatro, o que a mídia não mostra sobre o consumo desenfreado na sociedade capitalista.<sup>21</sup>

Os/as militantes migraram para as margens da rodovia 263 entre o município de Nova Andradina e o distrito de Nova Casa Verde e passaram a compartilhar experiências com outros grupos que já realizavam atividades similares<sup>22</sup>, porém não com a mesma intensidade em relação ao acampamento que, originou o Projeto de Assentamento 17 de Abril.

Segundo um jovem homem que, atualmente, reside no pré- assentamento em Anhandui, distrito de Campo Grande que fez parte do início desse processo relata:

---

<sup>20</sup> Militante conhecido no MST como Garganta de Ouro.

<sup>21</sup> Informações obtidas no link: <<http://memoria.ebc.com.br/agenciabrasil/noticia/2004-08-25/grupo-de-teatro-representa-coletivo-cultural-do-mst>>. Acesso em: 08/06/2015 às 16:33, por Ana Paula Alves da Silva.

<sup>22</sup> Estes grupos que também trabalhavam com a cultura, eram militantes de acampamentos.

A experiência do Coletivo de Cultura, Juventude e Comunicação surgem no acampamento 17 de abril, já havia uma discussão a nível nacional, mas o trabalho que já era realizado com mais de 600 famílias no acampamento através do setor de mística, contribuiu para iniciar o Coletivo. Neste período havia mais de 1.000 jovens no acampamento que se autoidentificavam jovens (Jovem homem, 27 anos, assentado).

Outros processos e elementos compuseram a gênese do Coletivo. No ano de 2003, na cidade de Campo Grande-MS, houve um encontro de discussões coletivas com a presença de mais de 400 pessoas, com a participação de militantes homens e mulheres. Foi o primeiro contato com a Brigada Patativa do Assaré, cuja discussão estava articulada em três eixos, “Terra, Teatro e Cidadania”, em homenagem ao grande poeta popular cearense <sup>23</sup>. A Brigada Patativa do Assaré segundo o Coletivo Nacional de Cultura (2007), surgiu em 2001 no Rio de Janeiro, durante a realização da segunda Etapa Nacional de Formação de Curingas com Augusto Boal e o grupo do Centro do Teatro do Oprimido – CTO.

O objetivo da Brigada Patativa do Assaré é intervir politicamente e socialmente através da cultura e do teatro, contra o monopólio dos meios de produção e propiciar reflexões sobre um novo modelo de sociedade através, da reflexão crítica de militantes pela visualização de peças teatrais. As estratégias utilizadas para se atingir o objetivo são o Teatro Fórum, o Teatro Épico e Agitação e Propaganda- Agitoprop <sup>24</sup>. Segundo o texto produzido pelo Coletivo Nacional de Cultura (2007, p.16):

A organização da Brigada Patativa do Assaré, sua metodologia de produção coletiva, os processos de circulação e distribuição da produção com alcance nacional, acompanhados de sistemáticos e contínuos processos de formação, proporcionaram à Brigada um efetivo poder de enfrentamento no campo ideológico, dos projetos de sociedade em disputa na luta de classes. Essa prática tem seu potencial político ampliado ainda mais quando estabelece ações com o conjunto da organização e de outros movimentos sociais.

---

<sup>23</sup> Antonio Gonsalves da Silva, uma das principais figuras da música nordestina do século XX, segundo filho de uma família pobre que vivia da agricultura, fazia repentes, se apresentava em festas e ocasiões importantes com 12 anos. Com o tempo fica conhecido como Patativa do Assaré por sua poesia ser comparável a beleza do canto da ave, lançou livros e foi muito homenageado, morreu em 08 de Julho de 2002 com 93 anos em Assaré CE.

<sup>24</sup> O Teatro Fórum é a quebra do limites entre a plateia e o palco, proporcionando que os expectadores entrem em cena, o Teatro Épico são abordados temas épicos de cunho crítico e político, os interpretes assumem a postura de narradores dos processos apresentados. A Agitação e Propaganda- Agitoprop são conjuntos de métodos e formas que podem ser utilizados como tática de agitação, denúncia e fomento, o que podem envolver o teatro invisível, músicas, artes, pichações. – Coletivo Nacional de Cultura, 2007.

Após este primeiro contato com a Brigada no ano de 2003, cada militante que esteve presente, retornou para os seus espaços, acampamentos e assentamentos, com a responsabilidade de multiplicar as discussões. Cada um/a deveria se constituir em multiplicador/a nas discussões sobre a participação política das juventudes através da metodologia de produção coletiva estruturada em eixos como: terra, teatro e cidadania.

Conforme o jovem homem que, atualmente, faz parte da direção estadual do CCJC, um dos objetivos é que:

Os/as jovens do coletivo tem o papel de participar das lutas do movimento da formação em encontros tanto nos assentamentos quanto nos acampamentos do movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e de trazer as discussões das áreas onde moram. (Jovem Homem, 31 anos, assentado).

O Coletivo investia em construir um espaço onde as juventudes pudessem discutir sua realidade, temas como: trabalho e renda nos assentamentos, a importância da educação do/no campo, o acesso ao lazer e à cultura, como também, refletir sobre a formação de jovens sem terra com postura crítica e participativa em atividades e em diversos espaços sociais.

Para Martins (2009, p.244):

Jovem do MST- é ajudar nas discussões, contribuir nos debates; é fazer parte, contribuir com a estrutura orgânica do MST; é aquele que conquista seu espaço de organização mostrando serviço, atuando; nunca desanima, está em constante transformação e ligado ao estudo; é desafio, aprendizado, compartilhar conhecimentos; tem que ser animador, ser formador; ter conhecimento.

Conforme Martins o/a jovem que pertence ao Coletivo no interior do movimento deve assumir responsabilidades, é necessário que adquira conhecimento através dos cursos de formação, deve exercer constante trabalho e ter a capacidade analisar as transformações, ou seja, é preciso estar em constante movimento, envolvido politicamente.

Para Borba (2012), a categoria política é uma área com um rico debate teórico e metodológico, não são tarefas fáceis de serem efetuadas, pois a sociedade civil se encontra em constantes movimentos. Na sociedade estão presentes indivíduos com múltiplas formas de viver e pensar, distintos entre si.

Os atores e as atrizes sociais, por meio de suas participações políticas, têm se posicionado criticamente frente ao modelo hegemônico de sociedade e passam a conhecer formas diversas de organização política. Quanto aos movimentos juvenis, compõem-se uma rede com outros grupos de jovens com perspectiva de constituição de um novo cenário político.

O movimento de participação política de jovens nos movimentos sociais é recente, a partir dos anos 2000 há maior organização em prol de distintas demandas, no campo ou na cidade. Para Castro (2009, p.61):

Os movimentos sociais rurais no Brasil são palco do surgimento de novas organizações de juventude rural como ator político e nesses espaços se reconfiguram identidades e “laços com a terra”. Embora esse tipo de articulação não seja uma novidade- juventude rural ao longo da história e, em muitos países, foi uma categoria ordenada de organizações de representação social-, hoje estamos testemunhando no Brasil uma reordenação dessa categoria.

Com o passar do tempo, tanto as transformações quanto a participação política proporcionaram mudanças e rupturas com expressões identitárias, regimes políticos, surge, então, novas organizações de juventudes enquanto atores e atrizes políticos/as, aos quais constroem, reconstroem e/ou reafirmam a sua identidade.

Os espaços dos movimentos sociais contribuem para as novas configurações de participação política dos/as jovens, que constroem a sua identidade relacionada com suas expressões culturais e relações com distintos grupos sociais, como destaca Aguilera Ruiz (2014, p.33):

Expresar, manifestar, visibilizar. Nociones que remiten a la forma en que aparecen frente a nosotros un grupo de jóvenes haciendo algo: los vemos, están allí, se hacen presentes, se visibilizan a través de un conjunto de lenguajes y estrategias que remiten tanto a las características culturales que presentan las grupalidades juveniles como a la formas y contenidos con que la sociedad va construyendo y constituyendo a los distintos grupos sociales que en ella conviven

Segundo a autora expressar-se, manifestar-se e tornar-se visíveis são uma das formas que as juventudes fortalecem-se enquanto grupo e, através da linguagem e de estratégias, recriam e constroem a sua identidade perante outros grupos juvenis.

Neste contexto é preciso ressaltar que a participação política está intimamente relacionada aos acontecimentos ocorridos em dado momento histórico da sociedade. As

transformações advêm, visto que os movimentos sociais e suas demandas não são estáticos, estão em constantes movimentos. O conceito de participação pode ser de total ou de nenhuma participação, se assim for, essa também é considerada uma forma de participação política. Para Borba (2012, p. 20):

Nos parece que a iniciativa recente de constituição de uma rede de pesquisas em torno do desenvolvimento de metodologias e de realização de estudos empíricos sobre o engajamento político parece ser um sinal positivo em torno do avanço das pesquisas na área.

O avanço quanto às pesquisas no que tange ao engajamento político de indivíduos na sociedade para Borba, pode ser considerado significativo na construção tanto nas áreas de pesquisa, quanto para a construção de uma nova democracia, esta participativa, livre e coletiva.

Para Johnson (2013), para que a democracia se consolide, é preciso que todas as suas etapas sejam concretizadas de forma a garantir o bem estar da sociedade e dos/as indivíduos que estão inseridos/as:

Ergue-se em amplo consenso, no âmbito da crítica, a compreensão de que a democracia representativa se encontra cada vez mais restrita aos padrões do elitismo democrático, tanto que, nas recentes elaborações no campo da democracia participativa, o eixo norteador do debate cada vez mais se desloca para a concepção dialógica e participativa de exercício político, isto é, propondo-se à ingerência gradativa dos desígnios populares nas decisões governamentais. (JOHNSON, 2013, p. 101-102)

É preciso que as classes populares, através de sua ação política, tais como mobilizações, ocupações, formas coletivas de organização, possam construir propostas e participarem das instâncias e decisões governamentais. A democracia se efetiva e/ou se fortalece como resultado da sociedade civil organizada e participativa, desempenhando politicamente o seu exercício de sujeito social, tanto nas decisões governamentais quanto na efetivação das leis que são criadas para a sociedade.

No contexto da sociedade civil, o CCJC efetiva diversos trabalhos educativos e de mobilização, mesmo que devagar, visto que a participação das juventudes nas ações políticas são momentos definidos, pois durante o decorrer do ano a grande maioria

dos/as jovens <sup>25</sup> que participa das ações políticas do Coletivo é acadêmica de cursos de nível superior pelo PRONERA em vários estados do Brasil <sup>26</sup>.

Entre as ações políticas do CCJC estão a participação em marchas no estado de MS, como a Marcha Unitária dos Povos que ocorreu no ano de 2013 e no ano de 2015 entre o distrito de Anhanduí- até Campo Grande, capital do MS, na qual participamos.

O grupo percorreu a distância de 64.3 quilômetros junto com militantes de outros coletivos do MST e povos indígenas do estado. No final da marcha houve a atuação das juventudes em um ato no centro da capital, para evidenciar em forma de poesia, música e mística, as atrocidades acometidas aos povos indígenas no estado <sup>27</sup>. Outras formas de participação política serão abordadas no II capítulo da dissertação.

As lideranças e o grupo como um todo do CCJC têm o objetivo de mobilizar mais jovens para atuarem como multiplicadores/as em suas comunidades, acampamentos, assentamentos e nos espaços das cidades, ocupar lugares distintos, e multiplicar as lutas.

Na Marcha Unitária dos povos, houve a primeira participação de jovens com uma trajetória urbana, com os quais dialogamos durante as pesquisas em campo. Essa oportunidade proporcionou o início da ampliação de espaços mais dinâmicos e acolhedores das diferenças, com perspectivas para o fortalecimento do protagonismo dessa juventude, seja militante ou não. Para um jovem homem do CCJC:

A marcha dos povos unitários em 2013, com 25 anos foi a minha participação no MST. Achei importante, pois busca compreender o movimento. (Jovem Homem, 25 anos, reside no espaço da cidade).

Para Martins (2009, p.245):

---

<sup>25</sup> Os/as jovens que participaram da pesquisa e que pertencem ao CCJC são distintos, não apenas se autoidentificam como jovens homens e jovens mulheres, mas são mães/pais, filhas/filhos, companheiras/companheiros, amigas/amigos. Entre os/as jovens há indígenas, negros e negras, outros/as de espaços das cidades ao qual pertencem. Além desses/as, há outros movimentos sociais, jovens que possuem uma trajetória com a luta pela terra através dos acampamentos e jovens que participam pela primeira vez das ações do CCJC.

<sup>26</sup> Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária, criado para ampliar os níveis de escolarização formal dos trabalhadores rurais assentados. Informações obtidas no site: <<http://www.incra.gov.br/proneraeducacao>>. Acesso em dia 16/02/2015 às 15:14.

<sup>27</sup> Os povos indígenas no estado de Mato Grosso do Sul, sofrem há muito tempo um processo de desapropriação, de sua identidade e luta. Para AZAMBUJA; BRAND; FERREIRA; (2008, p. 27): Os povos indígenas contemporâneos vêm profundamente marcados pelo processo de colonização, extremamente agressivo e violento, que não só destruiu definitivamente a maior parte dos que aqui viviam antes dos europeus, mas, devido à espoliação de seus territórios e recursos naturais, comprometeu também, a sustentabilidade dos que lograram resistir.

É a partir da categoria política que a concepção de ser jovem do campo e ser jovem militante do MST encontram-se novamente, indicando a importância do envolvimento nas atividades políticas para o reconhecimento dos jovens e para reforçar as diferenças culturais existentes entre estes e os demais.

O momento da marcha para o jovem homem foi o início de sua trajetória no movimento através da participação no Coletivo e contato com outras questões, tais como: experiências partilhadas, conhecimento de trajetórias de jovens que participam do CCJC e diferenças entre jovens que pertencem a um movimento social.

Espera-se que o/a jovem militante do MST se destaque, tanto em suas ações, quanto no esforço em obter saberes e conhecimentos distintos constantemente, para que tenha oportunidades para fortalecimento de identidades diferenciadas, tanto em âmbito político quanto cultural. Isso pode ser mais visível em relação a quem não está vinculado a algum movimento social.

A forma de participação dos/as indivíduos na sociedade assim como as ações nos movimentos sociais não são estáveis, ocorrem múltiplas transformações. Desse modo, observar de maneira atenta os processos de transformações sociais nos faz mensurar, indagar e construir novas reflexões acerca das ações dos/as indivíduos.

Gohn (2004) ressalta que com o advento da globalização e o acesso aos meios de comunicação como a internet, através das redes sociais, indivíduos em grandes centros e nos pequenos vilarejos, estão em diálogo. Para Scherer-Warren (2005, p. 126-127):

A sociedade civil organizada do novo milênio tende a ser uma sociedade de redes organizacionais, de redes inter-organizacionais e de redes de movimentos e de formação de parcerias entre as esferas públicas privadas e estatais, criando novos espaços de governança com o crescimento da participação cidadã. As redes de movimentos sociais possibilitam, nesse contexto, a transposição de fronteiras *territoriais*, articulando as ações locais às regionais, nacionais e transnacionais; *temporais*, lutando pela indivisibilidade de direitos humanos de diversas gerações históricas de suas respectivas plataformas; *sociais* em seu sentido amplo, compreendendo o pluralismo de concepções de mundo dentro de determinados limites éticos, o respeito às diferenças e a radicalização da democracia através do aprofundamento da autonomia relativa da sociedade civil organizada.

As redes sociais com os seus meios de comunicação rápidos estão cada vez mais avançados, interligando os/as indivíduos onde quer que estejam, há possibilidades de

conexões instantâneas e interação com pessoas das mais variadas partes geográficas do mundo.

Nesta interlocução, os/as indivíduos podem desenvolver ações coletivas, mesmo que, tímidas o inovadoras. Ao denunciarem e criticarem, esses/as indivíduos formam as suas redes de movimento com interlocuções relevantes. Esse campo de redes é significativo para compreender as causas e motivações para a adesão das pessoas, que não deixa de ser um movimento social.

As juventudes do CCJC utilizam como ferramenta de comunicação entre eles/elas, as redes sociais visto que, em sua grande maioria, estão distantes uns dos outros, a fim de se mobilizarem em suas ações políticas e denunciar algum assunto que envolve a política, economia e conflitos sociais.

Para Silva (2006), a participação da sociedade civil é um objeto pouco abordado nas pesquisas, porém se apresenta como um processo que poderá propiciar a efetivação da democracia através das múltiplas participações políticas. Silva (2006, p.22) salienta que:

[...] mudanças institucionais podem construir novas relações, abrir novas oportunidades e estimular novas oportunidades e estimular novas práticas organizativas que alteram, em maior ou menor grau, a configuração da sociedade civil e das suas relações com o campo político- institucional [...].

Um exemplo recente para refletir sobre a importância da interlocução entre indivíduos das mais variadas redes, classes sociais, religiosidades, orientações sexuais, para a participação social na sociedade, foram as manifestações ocorridas no mês de junho de 2013 em várias capitais do Brasil, quando os grupos sociais foram às ruas dos grandes centros urbanos para debater as mais variadas questões.<sup>28</sup> Estanque (2012) reflete que atualmente, os “novos” movimentos sociais debatem sobre as novas dificuldades:

[...] primeiro, porque possuem identidades mais difusas, mais voláteis e em partes fictícias, visto que são, em parte, estruturadas pelas redes sociais do ciberespaço; segundo, porque o adversário principal- sejam os mercados, o capital financeiro ou os 1% de muitos ricos -, sendo mais global é também mais abstrato; e, terceiro, porque enquanto uma

---

<sup>28</sup> Destaca-se como meio social de comunicação mais significativo ao qual os/as indivíduos se mobilizaram coletivamente. Essa comunicação aconteceu por meio do Facebook, rede social lançada em 2004, fundada por Mark Zuckerberg, Eduardo Saverin, Andrew McCollum, Dustin Moskovitz e Chris Hughes, estudantes da Universidade Harvard.

utopia alternativa como, por exemplo, a ideia de “um mundo melhor” e mais justo, é algo ainda bastante vago, que carece de sentido estratégico e de reivindicação ideológica [...] (ESTANQUE, 2012, p.1).

Os novos movimentos sociais se constroem através de ganhos, perdas e de novas estratégias reformuladas. Para Scherer- Warren (2006), a sociedade civil se apresenta em novos formatos de organização, tais como o associativismo local, e as ONGS, os movimentos comunitários, sociedade civil organizada. Em um segundo momento através dos fóruns e as redes sociais, se organizam por meio da internet, de e-mails e é possível a interlocução da sociedade civil com o Estado.

Com o passar do tempo, os movimentos sociais encararam o Estado não apenas como um aparelho institucional opressor. Ao obter conhecimentos de suas demandas e ações, os movimentos sociais junto com as redes de mobilizações passam a dialogar com o Estado. Tanto Gohn (2004) quanto Scherer-Warren (2006) abordam sobre esta especificidade dos novos movimentos sociais.

Para Scherer-Warren (2006), o fato de a sociedade civil estar organizada de forma concisa propicia a nova configuração dos movimentos sociais e de suas demandas. Os/as sujeitos sociais passam a se dividir em coletivos com a busca de demandas próprias e distintas dos grupos sociais. Podemos afirmar que uma das estratégias adotadas pelo MST de trabalhar em coletivos se configura enquanto novas formas participativas na sociedade civil.

Neste sentido o CCJC não se propõe discutir apenas os assuntos referentes às juventudes, mas também nos âmbitos da cultura e comunicação, seriam como duas ferramentas fundamentais para o alicerce da construção social e política e como estratégia de permanência no MST. Almejam uma cultura diferenciada, libertadora e emancipatória, com indivíduos que aprendam a transformar sua realidade através de estudos e reflexões, e possam construir novas relações sociais, pautadas no respeito e na igualdade. Conforme Pizetta (2006, p.12):

Precisamos produzir uma nova cultura, que seja capaz, já agora no presente, de criar outras relações sociais e novas relações com a natureza, que não aquelas impostas pela produção capitalista, uma cultura que propicie a vivência de novos valores, que contenha as sementes da nova sociedade socialista. Uma cultura que busque emancipar as pessoas, que desenvolva sua capacidade criativa e imaginativa, capaz de inventar e construir novos caminhos.

O debate acerca da nova cultura com potencial para a transformação do sujeito social, procura envolver as juventudes militantes e pode construir novas relações em meio à sociedade capitalista. No ano de 2006, uma reflexão nesse sentido foi apresentada em um texto do setor de formação do Movimento e relembra os dez anos do Massacre de Eldorado dos Carajás<sup>29</sup>. Entre as vítimas estava um jovem de 18 anos Oziel, acampado e que lutou bravamente em prol do movimento, conforme as expressões de Bogo:

Os jovens atenderam a aclamação onde o Oziel fez de si a organização e a expôs diante de seus executadores. Estes, enfurecidos, por não poderem conter a voz de um menino, estraçalharam seu cérebro como quem destrói um brinquedo. Não foi por coragem ou por valentia dos soldados, foi por medo. Aliás é sempre assim, os poderosos agem violentamente porque temem que as multidões queiram sempre dar um passo à frente. (BOGO, 2006, p. 4)

A atitude de Oziel é referência aos/as jovens militantes e as novas gerações, como exemplo de quem luta até o fim e defende o MST. Isso ficou evidenciado nas pesquisas em campo. Notamos que nos eventos do movimento, cujo público alvo são as juventudes, Oziel é lembrado como modelo de um jovem que lutou e morreu em prol do Movimento. Sendo assim, os/as jovens são levados/as a refletirem sobre as suas responsabilidades como militantes: “Vocês irão fugir da luta?”.

Esta indagação ocorreu durante o Encontro Juventude da Fronteira no Assentamento Itamarati em Ponta Porã-MS, quando abordou-se o histórico do MST, com a participação de um grupo heterogêneo de juventudes, então, recordou-se o massacre de Eldorado dos Carajás e a atitude firme de Oziel. A identidade<sup>30</sup> Sem Terra se forma e se fortalece, com o passar do tempo e através de exemplos, vivências e das experiências cotidianas.

---

<sup>29</sup> O massacre que ocorreu no dia 17 de Abril de 1996 em Eldorado dos Carajás no Pará, vitimou a vida de 19 militantes e houve muitos feridos/as, foi um conflito entre os/as militantes do MST e policiais. O dia 17 de Abril desde então ficou considerado como um dia de lutas, conforme as palavras de Trocate: “Eldorado do Carajás era para ser silêncio e desmemória”.

<sup>30</sup> Entendemos identidade, segundo Martins (2009,p.23) como um processo de construção social. Todavia, esses/as jovens, ao entrarem no MST, foram se fazendo no processo histórico como parte de um Movimento que luta pela reforma agrária e a transformação social, formando a identidade de jovem Sem Terra e, ao mesmo tempo, revelando as contradições inerentes ao processo.

Na construção de identidades, os/as jovens se fazem no processo histórico e há militantes do passado que contribuem até o presente momento para a constituição do papel militante contemporâneo. São homens e mulheres que lutaram em prol do MST, tanto com palavras quanto ações e, segundo os documentos do MST e a própria militância, Oziel foi um jovem de 18 anos <sup>31</sup>, que até o seu último suspiro defendeu as causas do movimento, como Ernesto Guevara de la Serna.<sup>32</sup>

Suas referências estão nas letras das músicas utilizadas durante as discussões, na elaboração das místicas, em encontros coletivos. Che Guevara e Oziel são referências para as juventudes, para um jovem homem:

Sempre há referências que nos impulsionam a ir para a militância dentro do Estado e no mundo. Para a juventude que começa uma referência forte é a do Ernesto Che Guevara um militante revolucionário que fez história na revolução cubana e que maioria deles conhece ou já ouviu falar. (Jovem Homem, 31 anos, assentado).

Entre os anos de 2000 a 2001, iniciavam-se discussões e em 2003, a partir do primeiro contato com a Brigada Patativa do Assaré, percebeu-se a necessidade de efetivar um Coletivo no qual jovens homens e jovens mulheres pudessem discutir sobre a sua realidade tanto em âmbito estadual quanto nacional. Esse Coletivo se concretizou entre os anos de 2010 e 2011, com na liderança de dois jovens homens <sup>33</sup>.

Frente às observações, conversas e anotações no caderno de campo, constatou-se que, da gênese até a consolidação do Coletivo não foi um período harmônico, conforme os primeiros militantes que fizeram parte desse período, foram necessários muitos diálogos e ocorriam conflitos entre as juventudes e as lideranças do MST no estado de Mato Grosso do Sul. Era preciso provar diariamente que um Coletivo da juventude “para as juventudes” seria relevante e essencial à conjuntura das lutas. Para o jovem homem:

A discussão com os jovens foi harmoniosa, era tudo muito novo e como o novo causa estranhamento, no começo as lideranças e nem nós entendíamos direito como funcionava, mas não houve muito conflito

---

<sup>31</sup> O jovem Oziel, foi o único jovem que morreu durante o massacre que ocorreu em 17 abril de 1996 no Pará, como outros/as 19 militantes.

<sup>32</sup> Mais conhecido como Che Guevara, está entre os ideólogos e comandantes que lideraram a Revolução Cubana (1953- 1959), sua imagem é mítica em toda a América Latina como uma figura política e ideológica.

<sup>33</sup> Atualmente os dois jovens homens que faziam parte da liderança do Coletivo entre os anos de 2010-2011, apenas um jovem homem continua como militante do mesmo, o outro migrou para o Coletivo Frente de Massa.

demorou certo tempo para conquistarmos em espaço e a confiança dentro do movimento. (Jovem Homem, 31 anos, assentado).

As palavras do jovem, apesar de não possuir a intenção de demonstrar os conflitos ocorridos, como na maioria dos casos, evidencia que houve um longo período para que a confiança fosse adquirida por parte das lideranças. A participação das juventudes era algo novo para o movimento, seria relevante confiar em jovens e em sua capacidade para desempenharem o seu papel de militante de maneira eficaz. Teriam que trabalhar, estudar e propor transformações para espaços de discussões das juventudes.

A categoria juventudes se constrói com o passar do tempo, entre embates com as famílias, a comunidade e os movimentos sociais ao qual pertencem, com os/as jovens do CCJC não foi distinto. Segundo Lima (2013, p.46):

Castro (2009) realizou importante pesquisa focalizando o jovem rural como ator político. Segundo esta autora, a inserção de jovens rurais em movimentos sindicais, rurais e similares cresceu bastante, no período por ela analisado (2000 a 2007). A autora destaca a “riqueza e diversidade” dos processos de organização dos jovens, mas também a “intensa disputa nas esferas de tomadas de decisão”.

Apesar do surgimento e crescimento da participação das juventudes nos movimentos sociais, conforme apontado por Castro (2009) entre os anos 2000 a 2007, há uma intensa disputa dos/as jovens nas esferas para as tomadas de decisões com autonomia. Essas disputas foram verificadas tanto nas práticas diárias durante as pesquisas em campo, como através de diálogos e conversas descontraídas com as juventudes além das observações durante os encontros do MST.

Há espaços delimitados que as juventudes podem ocupar, espaços deliberados, em sua grande maioria, pelas militâncias masculinas tanto da coordenação estadual e nacional, a fim de que possam discutir assuntos sobre a realidade. Porém, há um longo processo que está em construção, a ocupação de outros espaços dentro dos movimentos sociais.

Durante a elaboração e sistematização das místicas, os/as jovens são percebidos enquanto protagonistas, em outros momentos há a invisibilidade das juventudes tanto nas famílias quanto entre as lideranças nos movimentos sociais, que não reconhecem o direito à sua identidade e o reconhecimento de sua capacidade reflexiva.

Para Stropasolas (2014. p.23):

A invisibilidade consiste na característica de um objeto de não ser visível aos observadores porque não absorve nem reflete luz. Ao acrescentarmos o termo social, estamos nos referindo situações em que determinados sujeitos se encontram imperceptíveis nas relações sociais. Trata-se, portanto, de uma ação social que implica em não ver o outro, não enxergar sua existência social e tudo que decorre deste fato. Ou seja, por invisibilidade social entendemos todo um processo de não reconhecimento e indiferença em relação a sujeitos subalternos da sociedade. Esta invisibilidade social nega ao outro o direito de reconhecimento e à identidade social. Ela se manifesta na vida cotidiana, opera de modo intersubjetivo e objetiva-se nas práticas do senso comum e do campo científico. Particularmente em relação à produção do conhecimento científico, a invisibilidade se processa quando este não abrange tais sujeitos, não reflete sobre eles, não lhes reconhece a existência e nem lhes atribui capacidades reflexivas.

O não reconhecimento das capacidades das juventudes em certas atividades, como elaborar e sistematizar metas e projetos, refletir sobre temas diversos e de colocar em prática as suas demandas, contribui para a sua invisibilidade. Em sua grande maioria, tais temas são discutidos por grupos de pessoas com maior tempo de participação no MST e com mais idade. Essa prática se manifesta e se reproduz nas ações do MST. A invisibilidade ocorre não apenas com os jovens homens, mas com mais intensidade entre as jovens mulheres, principalmente em relação à sua participação.

Delimitar os espaços de atuação de jovens mulheres é uma ação ambígua e subjetiva, diante de suas responsabilidades. Saffioti afirma que (1987, p. 9): “Não obstante todas estas diferenças, que tomam a *vida de mulher* mais ou menos difícil, a responsabilidade última pela casa e pelos filhos é imputada ao elemento feminino”. É explícita a atribuição, por parte da sociedade, do espaço doméstico à mulher, este é um processo que se inicia com as mães e são reproduzidas para as filhas.

O mesmo ocorre com as jovens mulheres, a elas são atribuídas responsabilidades, papéis que devem exercer, como devem se comportar e quais são os espaços a serem ocupados. Segundo Saffioti, a elas é conferido o espaço doméstico e privado. Romper com esta lógica não é um processo harmônico e de curto prazo. Apresentam-se momentos tortuosos, repletos de conflitos, dilemas, avanços e recuos.

Apesar de o MST discutir sobre a inserção de um homem e uma mulher frente à direção dos Coletivos, a presença das jovens mulheres nos processos de decisão e organização nem sempre se efetiva, são vivenciadas ambiguidades, contradições e conflitos. Para Farias (2013, p. 392-393):

O MST convive com tais dificuldades e perspectivas de modo dialético, haja vista que apresenta permanências e mudanças de valores e de ideologias em um “movimento” de tensão interna perante os conflitos cotidianos e a participação de milhares de militantes. Mulheres e homens apresentam suas insatisfações e seus desejos, como também incentivam a mudança de rumos e a inovação de estratégias e princípios que poderão corresponder à diversidade etnoracial, aos interesses de classe e de gênero.

As ambiguidades e os conflitos no interior do MST se apresentam nas experiências diárias<sup>34</sup>. Foi possível constatar que há ambiguidades e contradições entre o discurso e a prática, as juventudes por sua vez ao ocuparem espaços delimitados pelo movimento, encontram dificuldades para conquistarem autonomia e emancipação, principalmente no que se refere à participação das jovens mulheres. Para Castro (2009, p. 153):

No espaço local, os mais velhos tem mais resistência em “abrir mão” de espaços de poder, e isso se soma ao controle social da família e da comunidade local sobre os jovens e, principalmente, as jovens. Ainda prevalece o controle social em relação à circulação das jovens solteiras, o que ocorre menos no caso dos jovens homens solteiros.

Segundo Castro, para as juventudes, não é fácil “abrir mão” de inserção nos espaços de decisão, poder e autonomia ocupados por famílias e lideranças. Para as jovens mulheres é um processo ainda mais injusto e ambíguo, pois há um controle social de suas ações e seus sentimentos, por diversos grupos, como a comunidade, família e o próprio movimento social. A conquista de espaços no interior do CCJC, por jovens mulheres e solteiras não foi um processo harmônico, mas sim, de resistências a cada dia, “como se estivessem em uma batalha”. Para o jovem homem:

Para mim eu vejo que todos tem a mesma consideração, mas a mulher do grupo de jovem do estado tem um problema de confiança dos pais em deixar a filha participar dos encontros. (Jovem Homem, 29 anos, assentado).

Esta foi uma das limitações para a consolidação do Coletivo, visto que as jovens mulheres encontraram e ainda encontram dificuldades para participarem por conta da

---

<sup>34</sup> Tais questões serão ampliadas no capítulo dois, onde o nosso esforço foi através da observação participante nos eventos do movimento, observar as relações sociais estabelecidas entre as juventudes e as lideranças.

desconfiança das famílias que não permitem às suas filhas interagirem nas discussões do CCJC. Seria fundamental, neste sentido, um trabalho coletivo entre os/as jovens, as famílias e o MST.<sup>35</sup>,

Esta realidade ocorre, pois há hierarquia entre os/as jovens e as gerações. Não são construídos espaços de diálogos para compartilhar saberes e experiências como ponto central o respeito para com o/a outro. Desta maneira as transformações, ao invés de avançarem por meio de em diálogos retrocedem, não progridem para que os/as jovens possam ocupar distintos espaços no movimento social, ao contrário, as juventudes ficam invisíveis.

Esse trabalho coletivo envolve processos conflituosos, entretanto, novos caminhos se estabelecem nesse contexto e, poderão levar às mudanças, à quebra de paradigmas, ao questionamento de posições de hierarquia entre os/as sujeitos sociais, e, proporcionar espaços para o diálogo entre os/as milhares de militantes.

As experiências diárias mostram esta realidade, com o tempo as jovens mulheres conquistam espaços, mesmo que limitados, são mudanças significativas para que outras possam compor o grupo. Apesar dos conflitos tanto no interior de suas casas, no espaço privado com as famílias, quanto no coletivo ao qual pertencem, as jovens mulheres apoderam-se de espaços de pertencimentos, autonomia e emancipação.

Atualmente, na direção do Coletivo de Cultura, Juventude e Comunicação estão um jovem homem e uma jovem mulher, que foram definidos/as pelo MST. Espera-se que, como “dirigentes”, participem ativamente nas atividades coletivas com envolvimento correto como jovens militantes, que tenham uma posição revolucionária, estudem constantemente, ou seja, envolver-se plenamente com o MST e suas ideologias.

## **1.1 DIVERSIDADES DAS JUVENTUDES**

Somos todos um grupo onde cada jovem, de cada canto do mundo participa com o seu jeito de ser. (Jovem Mulher, 14 anos, assentada).

Juventude é um momento de descobertas entre si onde compartilhamos tudo de novo que aprendemos. (Jovem Mulher, 17 anos, reside em um Pré- Assentamento).

---

<sup>35</sup> Essa reflexão será mais bem discutida no capítulo III da dissertação.

As discussões acerca da juventude ocorrem gradativamente, a médio e longo prazo, as problemáticas, os conflitos, os dilemas, as perspectivas e os sonhos que envolvem as juventudes, foram estudados por diversos/as estudiosos/as, como: Abramo (1997), Battestin (2009), Brumer (2007), Bourdieu (1983), Castro (2006), Costa (2012), Carneiro (2007), Sposito (2007), Stropasolas (2007), Wanderley (2007), Weisheimer (2005), Queiroz (2011), autores e autoras cujas reflexões foram importantes para a reflexão sobre as juventudes. Quanto aos/às jovens do MST, os estudos foram desenvolvidos por: Branco (2003); Castro (2005, 2008); Andrade (1998); Sales (2003) e Martins (b, 2009).

A construção da categoria juventudes ocorre com o passar do tempo e das pesquisas efetivadas, não é um conceito que está pronto, pois os grupos sociais que se autoidentificam como jovens são dinâmicos, diversos e, acompanhar a sua multiplicidade contribui para a construção desse conceito.

O conceito envolve uma diversidade de concepções quanto a delimitação da faixa etária com a idade biológica, a fim de “classificar” quem é jovem ou não. Para Costa (2010), as juventudes devem ser entendidas considerando suas especificidades e transformações:

De acordo com o Conselho Nacional de Juventude (CONJUVE) órgão criado em agosto de 2005 para realizar estudos e propor diretrizes para as políticas públicas voltadas aos jovens, são considerados jovens, aqueles/as cidadãos/as que se encontram entre os 15-29 anos. Porém, é preciso ir além da faixa etária, pois como alerta o Documento Base da I Conferência Nacional de Políticas Públicas de Juventude “[...] ser jovem mesmo é aquele que completa etapas determinantes de socialização e desenvolvimento corporal (físico, emocional, intelectual) [...]” (COSTA, 2010, p. 2).

O Conselho Nacional de Juventude (CONJUVE) por sua vez delimita em faixa etária quem é jovem ou não, entre 15-29 anos. Porém, para Costa, é preciso ir além, pois a I Conferência Nacional de Políticas Públicas para a Juventude mostra a importância de visualizar este/a jovem além da idade biológica, é preciso compreendê-lo/a a partir de um cenário histórico, cultural e social.

Outro órgão importante que trabalha com as temáticas referentes à juventude é o Sistema Nacional de Juventude (SINAJUVE) que delimita em faixa etária quem pode ser considerado jovem ou não. Ambos segundo a Subchefia para Assuntos Jurídicos

estabelecem que: “[...] são consideradas jovens as pessoas com idade entre 15 (quinze) e 29 (vinte e nove) anos de idade”<sup>36</sup>.

Ao acessar aos dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) para identificar se há uma delimitação biológica quanto aos/as jovens, observa-se que, diante do levantamento da população jovem no Brasil, a faixa etária é de 15-24 anos, ou seja, abaixo da média estabelecida pelo CONJUVE e o SINAJUVE.

Portanto, para nós, nos espaços rurais não é possível trabalhar com as faixas etárias baseadas no aspecto biológico para delimitar quem é jovem ou não, é preciso ir além e considerar a diversidade das juventudes. Para tanto, definimos o grupo através da autoidentificação durante aplicação dos questionários. Houve um número significativo de jovens que, independente de sua idade, biológica, se definiram como tal.

Portanto, o grupo que dialogamos não é considerado em nossas análises a partir da faixa etária biológica entre 15 e 29 anos utilizada pelo Conselho Nacional de Juventude (CONJUVE), para delimitar quem se enquadra enquanto jovem, e sim a autoidentificação.

Os/as jovens reformulam cotidianamente os espaços do campo, efetivam novas relações e as transformam. As juventudes são diversas, atualmente nos espaços rurais, jovens sem terra construíram sua identidade no diálogo com o movimento social, o MST, são jovens indígenas, gays, lésbicas e transgêneros, quebradeira de coco, entre outros. Entendemos a diversidade das juventudes rurais segundo Weisheimer (2013 p.26):

Ou seja, queremos chamar a atenção para o fato de que não existe uma juventude rural, mas muitas juventudes rurais. Superar a invisibilidade das juventudes rurais implica em reconhecer que ela não é simplesmente um elemento da diversidade, mas que contém, ela mesma, toda uma diversidade de tipos sociais.

Conforme Weisheimer considerar a diversidade de jovens, ou seja, as múltiplas juventudes rurais, contribui para superar a invisibilidade constante em associação de os/as jovens, porém reconhece o quão diversa se constitui. Além da diversidade de identidade, estão presentes distintos sonhos e anseios, os quais podem se relacionar com a terra, há jovens que optam por permanecerem no campo, no lote/sítio da família ou

---

<sup>36</sup> Dado obtido através do acesso ao site da Presidência da República, Casa Civil, Subchefia de Assuntos Jurídicos. <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2011-2014/2013/Lei/L12852.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2013/Lei/L12852.htm)>. Acesso em 10/08/2013.

constroem os seus próprios projetos de vida, como conseguir um lote para constituir família.

Para Galindo (2014, p.123):

Neste campo de reconhecimento e de autoidentificação, a juventude rural vem se afirmando por meio de um amplo espectro de identidades, caracterizado pelas identidades como jovem camponês, quilombola, assentado, quebradeira de coco, agricultor familiar, negro, ribeirinho, assalariado, sem-terra, indígena, extrativista. A partir destas pertencas, afirmam-se como sujeitos de direitos e demandam políticas públicas coerentes com suas realidades, por meio de horizontes participativos.

As juventudes rurais têm acesso à internet, às redes sociais e suas ações políticas estão intimamente ligadas à comunicação rápida e digital. Recentemente, em uma reunião com representantes da juventude rural e do Palácio do Planalto, em Brasília, lideranças das juventudes rurais afirmaram que a vida nesse espaço não é fácil. Para o jovem pernambucano Germano de Barros, do Conselho Nacional de Juventude (CONJUVE): “o campo brasileiro não é mais o campo só da enxada, é um lugar de produção da vida; A juventude é o sujeito social que mais compreende e se conecta com esse novo meio rural. A profissionalização é um elemento fundamental para a permanência dos jovens no campo”.<sup>37</sup>

Além da profissionalização das juventudes como uma das alternativas para a permanência dos/as jovens, é preciso visualizá-los/as em outros espaços sociais. Eles/as quebram barreiras e paradigmas, vivem entre o campo e a cidade, com o objetivo de realizarem seus anseios, como o de cursarem o ensino superior e voltarem para o campo, não perdendo a sua identidade de jovem.

Dentre as juventudes envolvidas no CCJC há jovens residentes nos espaços das cidades, outros/as que participaram do processo de luta pela terra e, atualmente, pela ausência de trabalho e renda ou por cursarem o nível superior, residem no espaço da cidade. Porém não negam a sua identidade e ligação com o movimento social, fazem parte das discussões no Coletivo e das ações políticas.

---

<sup>37</sup> <<http://www.juventude.gov.br/noticias/2014/07/04-07-2014-200bjuventude-rural-se-reune-com-representantes-do-governo-no-palacio-do-planalto-1>>. Acesso em 10/08/2013, à 20:19.

As juventudes sem terra, diante da pesquisa realizada, demonstraram uma identidade socialmente em construção a partir de suas vivências e experiências no decorrer de suas trajetórias. Os/as jovens elas podem se vincular à luta pela terra, mobilizações e ações políticas e sociais do CCJC, tanto nos espaços das cidades, como também em assentamentos e acampamentos.

O conceito central para esse estudo sobre juventudes diz respeito a sua pluralidade, por isso é considerada no plural, ela não é singular e não se apresenta apenas em um dado espaço, âmbito ou com delimitação de faixa etária. São identidades diluídas entre o local e global, juventudes no plural, assim se apresentam os/as jovens, como percebido abaixo:

Somos todos um grupo onde cada jovem, de cada canto do mundo participa com o seu jeito de ser. (Jovem Mulher, 14 anos, assentada).

Juventude é um momento de descobertas entre si onde compartilhamos tudo de novo que aprendemos. (Jovem Mulher, 17 anos, assentada).

Nas palavras dessas jovens, cada um/a se apresenta distinto/a em sua especificidade, porém não deixa de pertencer à identidade social representada na juventude sem terra, quando há momentos de descobertas, são construídos caminhos de oportunidades, recusas e conflitos. Para Esteves; Abramovay (2007, p. 25):

Existem muitos e diversos grupos juvenis, com características particulares e específicas, que sofrem influências multiculturais e que, de certa forma, são globalizados. Portanto, não há uma cultura juvenil unitária, um bloco monolítico, homogêneo, senão culturas juvenis, com pontos convergentes e divergentes, com pensamentos e ações comuns, mas que são, muitas vezes, completamente contraditórias entre si.

As demandas das juventudes são diversas, conforme Pais (1990, p. 149): “[...] a juventude não é, com efeito, socialmente homogênea [...]”, em suas formas distintas de vivenciarem os seus sonhos, as suas angústias, a sua diversidade. Essas demandas estão no âmbito das relações conflituosas com as famílias e a comunidade local no que tange tanto à participação dos/as jovens em processos de decisão dentro do espaço privado da família, quanto no interior dos movimentos sociais.

Para Castro (2006), os conflitos ocorrem, pois há uma relação de hierarquia social construída em diferentes contextos e nos processos de socialização que as

juventudes vivenciaram e vivenciam. O primeiro processo de socialização ocorre ainda no espaço privado com a figura do pai e da mãe e, logo após, reproduzida na figura do irmão, companheiro ou companheira.

Quando as juventudes vão para os espaços de organização, para definição de metas, projetos e ações nos movimentos sociais, esse caminho é construído em meio aos conflitos, já que o/a jovem precisa provar, diariamente, em ações e estudo que está preparado/a para assumir um espaço de liderança, ou até mesmo de militância. Para os/as jovens:

Ninguém da importância. (Jovem Mulher, 23 anos, assentada).

As pessoas não aceitam muito a opinião dos jovens por eles não terem experiência. (Jovem Homem, 18 anos, assentada).

As juventudes precisam “provar” que possuem experiência a fim de serem reconhecidas e aceitas nas instâncias de decisão e organização do MST. Ainda é preciso passar por um processo de formação, estudar e compreender as demandas defendidas em coletivo para a efetivação de ações. Na sua inserção nos processos de decisão, as juventudes vivenciam experiências ambíguas, dificuldades que interferem em sua subjetividade:

[...] no MST, o jovem, ao mesmo tempo, é visto como inovador, criativo, disposto, rebelde, transformador, participativo, também o é como imaturo, incapaz, irresponsável, festeiro, baderneiro, ou seja, desconsidera-se que a juventude é um modo particular de estar no mundo e experimentá-lo; os indivíduos, além de viverem contradições próprias de seu tempo [...]. (MARTINS, 2009. p. 246)

Em alguns momentos a diversidade das juventudes não é respeitada, elas podem ser inovadoras e criativas, ou festeiras, sem perder as suas especificidades, pois conquistam contornos próprios em diferentes contextos, para Dayrell (2007, p.4):

[...] a juventude é uma categoria socialmente construída. Ganha contornos próprios em contextos históricos, sociais distintos, e é marcada pela diversidade nas condições sociais, culturais, de gênero e até mesmo geográficas, dentre outros aspectos. Além de ser marcada pela diversidade, a juventude é uma categoria dinâmica, transformando-se de acordo com as mutações sociais que vem ocorrendo ao longo da história. Na realidade, não há tanto uma

juventude e sim jovens, enquanto sujeito que a experimentam e sentem segundo determinado contexto sociocultural onde se insere.

Ao corroborar com a reflexão de Dayrell (2007), atenta-se para as juventudes enquanto um processo que é construído social e historicamente, e evidencia-se enquanto uma autoidentificação dos sujeitos sociais. A diversidade das juventudes ocorre com o passar do tempo e das transformações na sociedade entre distintos fenômenos e nas transformações em suas trajetórias, para Dayrell (2007, p. 4): “[...] não há tanto uma juventude e sim jovens, enquanto sujeito que a experimentam e sentem segundo determinado contexto sociocultural onde se insere”.

Neste contexto de significados que são atribuídos às juventudes, existem diferenças ou barreiras entre as juventudes do campo e dos grandes centros? Há sonhos, anseios e dilemas, distintos? Não, atualmente jovens do campo e da cidade possuem os mesmos anseios, apenas residem em espaços distintos. Para o jovem homem do CCJC:

O jovem do campo e da cidade tem os mesmos anseios, mas sem deixar suas raízes, seu meio social. O que falta é o equilíbrio dos ambientes campo/ cidade de acordo com cada realidade sem inferiorizar ninguém, e de melhorias para todos, o que tem na sociedade no momento não basta. (Jovem Homem, 26 anos, assentado).

Segundo as considerações acima não há diferença entre os/as jovens que construíram a identidade relacionada ao campo, aqueles/as que estão nos espaços das cidades, tanto um/a quanto o/a outro/a possuem os mesmos anseios. Esta é uma constatação quando visualizamos jovens que ocupam os dois espaços, trabalham e discutem sua realidade no coletivo do CCJC. Sem, no entanto, desconsiderar as especificidades e transformações em outros espaços, não há linearidade.

Através das ações políticas que são efetuadas nos espaços das cidades, jovens mulheres e jovens homens se autoidentificaram com as discussões e a partir de experiências compartilhadas passam a compor o cenário de discussões acerca da realidade das juventudes, independente de sua área geográfica, são jovens distintos em suas singularidades.

São grupos juvenis específicos que Freire (2014) em sua reflexão sobre pesquisas com as juventudes, acredita que o avanço nos estudos com as juventudes contribui para a diversidade da categoria:

Protagonistas da história, os(as) jovens pesquisadores(as) lançam luzes na discussão sobre a juventude rural e as políticas públicas no Brasil, (re)acendendo debates, pluralizando vozes, potencializando múltiplos olhares sobre uma realidade complexa. Assim, os artigos traduzem convergências e complementariedades analíticas sobre políticas públicas, mas também memórias, sentimentos, histórias e projetos de vida, bandeiras de lutas, formas de resistência e agendas propositivas. (FREIRE, 2014, p. 116).

As reflexões contemplam múltiplas realidades vivenciadas por juventudes e contribuem para “dar luz” e visibilidade às diferenças, retratar as “bandeiras de lutas”, trajetórias, convergências e seus projetos em espaços geográficos distintos. As pesquisas avançam e abrem caminhos para futuras reflexões.

Esses caminhos podem se delinear tanto no campo das pesquisas, como da construção de políticas públicas específicas para os grupos juvenis, o estudo sobre essa diversidade contribui para definir novos rumos. No ano de 2015 ocorrerá a 3ª Conferência Nacional da Juventude que propõe abranger o tema: “Várias formas de mudar o Brasil”. Para Gabriel Medina o Secretário Nacional da Juventude <sup>38</sup>, a Conferência pretende: “ampliar a participação da juventude reconhecendo a diversidade de expressões deste segmento”. Ainda acrescenta (MEDINA, 2015) <sup>39</sup>:

A conferência quer reconhecer e incorporar ao debate político novas formas de participação e de expressão da juventude. Reconhecer a cultura, a arte e a produção de conhecimento da juventude como forma de fazer política”. “Este também é um ambiente importante para a juventude como espaço político de busca de direitos e de luta contra preconceitos. Os jovens fazem política nas ruas e nas redes. Queremos incorporar essas duas dimensões no processo de diálogo com a juventude.

Novos debates são construídos a partir de demandas dos grupos juvenis, e as pesquisas apontam para o fenômeno recente construído por jovens que colaboram para a construção de participação políticas, novos formatos de democracia e participação

<sup>38</sup> A Secretária Nacional da Juventude potencializa uma série de programas e ações voltadas para os jovens com idade de 15-29 anos, a secretária tem parceria com a sociedade civil, o Conselho Nacional de Juventude (CONJUVE), contribuindo para o avanço das políticas públicas, acesso ao ensino superior e participação social. Vinculada à Secretária da Presidência da República, tem a tarefa de coordenar, integrar e articular as políticas públicas de juventude, articulando mecanismos que garantam a participação efetiva da juventude em um projeto de desenvolvimento sustentável e solidário do país. <<http://www.secretariageral.gov.br/atuacao/juventude/secretaria-nacional-de-juventude>>. Acesso em: 27/02/2015 às 15:15

<sup>39</sup> Expressões retiradas do site da Secretária Nacional da Juventude, <<http://juventude.gov.br/juventude/noticias/3a-conferencia-nacional-de-juventude-quer-ampliar-espacos-de-participacao-social#.VPBY2y5cD8Z>>. Acesso em: 27/02/2015 às 09:17.

social. Para Medina os/as jovens aos poucos estão fazendo política e buscam os seus direitos, porém é necessário ampliar o debate acerca da participação política, no âmbito dos movimentos sociais e Universidades, os espaços de diálogos coletivos com distintos grupos juvenis. Neste sentido Castro (2005, p.30) ressalta que:

O debate sobre a categoria “juventude” torna-se central na medida em que as muitas concepções que se entrecruzam definem olhares e mesmo atuação do poder público. Mas, trata-se também de uma categoria que permite aprofundarmos o próprio fazer antropológico. Permeada de definições genéricas, associada a problemas e expectativas, a categoria tende a ser constantemente substantivada, adjetivada, sem que se busque a auto-percepção e formação de identidades daqueles que são definidos como “jovens”. Há muito a ser percorrido neste campo investigativo para nos aproximarmos das muitas juventudes “urbanas” e “rurais”.

Castro afirma que o conceito de juventude é construído a partir das pesquisas, dialogando com os/as sujeitos sociais, é: [...] “um grande desafio desubstancializar estas categorias e procurar compreendê-las em seus múltiplos significados”. A autora atenta para a diversidade de identidades, os quais contribuem para a ampliação das pesquisas.

Qual é o significado de juventudes para os/as protagonistas da pesquisa, jovens que pertencem ao Coletivo de Cultura, Juventude e Comunicação CCJC/ MST/ MS? Assim como a diversidade de suas ações, sonhos e desejos, os significados que eles/elas atribuem para a juventude, não são distintos. Para os/as jovens, as juventudes são momentos de múltiplas vivências, experiências, expectativas e de compartilhar saberes. Em palavras curtas descreveram o significado de juventude, tais como: “Vida boa, responsabilidades, união, sabedoria, igualdade, redescoberta e uma das melhores fases da vida”.

A união é uma palavra a ser destacada por aparecer em vários momentos das pesquisas em campo. Ela se tornou importante para compreender os possíveis conflitos, e como uma ferramenta apresentada pelas juventudes para a transformação de suas realidades. A priori a proposta apresentada durante a atividade realizada no assentamento Santa Luzia em Nova Alvorada do Sul, foi a de efetuar um diálogo com os/as jovens e trazer imagens sobre as condições juvenis e as múltiplas formas de se vivenciar as juventudes nos grupos sociais. Durante a atividade realizada no assentamento 17 de Abril em Nova Andradina, também surgiu várias vezes a palavra união, como uma das possibilidades de permanência no campo.

Durante o encontro, foram apresentadas perguntas para que eles/elas se manifestassem, não apenas em palavras, mas também, a partir da elaboração de dinâmicas em grupos através da música, poesia ou outra forma de expressão para representarem suas realidades nos espaços do campo.

Todos/as os grupos optaram por escrever uma poesia para retratar a sua realidade, uma delas diz: “A voz da Juventude e a responsabilidade gera o conhecimento e o fortalecimento entre as famílias”. Evidencia-se, nesse trecho, a importância que os/as jovens atribuem a sua própria voz, como um meio para o fortalecimento familiar juntamente com as juventudes, para tanto, articulam a responsabilidade e o conhecimento para trabalharem juntos/as, lado a lado.

Outra particularidade da união apontada pelos/as jovens é o fortalecimento dos laços e compromissos entre as juventudes, conforme retrata a poesia escrita coletivamente:

A juventude nos ensina grandes coisas que nos dão oportunidade de ser alguém na vida. Pois possamos aprender sabendo que as coisas mais importantes para viver bem seria ter sabedoria, igualdade e mais união entre os jovens.<sup>40</sup>

O trabalho coletivo entre jovens e famílias, foi uma das alternativas apresentadas pelas juventudes para a sua permanência no campo. Ao serem indagados/as a respeito dos sonhos, ideais e perspectivas para o futuro, os/as jovens evidenciaram o desejo de cursarem Medicina, Agronomia, Artes Cênicas, terem liberdade, morar sozinhos/as, conquistar o próprio lote e alcançar a felicidade.

As palavras apresentadas podem ser resumidas em: anseios de conseguir a terra para nela viver e plantar, adentrar à Universidade Pública, morar em uma residência sozinho/a, ou seja, possuir a liberdade, atuar como atriz/ator, e ter felicidade. O/A jovem deseja alcançar a felicidade.

Os sonhos e objetivos apresentados não estão diretamente ligados ao cenário ou imaginário que se construiu socialmente acerca do campo, como um local de sossego, tranquilidade, de indivíduos trabalhando apenas com as mãos, a enxada e outras ferramentas intimamente ligados a terra. Este campo se apresenta entrelaçado por novas perspectivas, e são os/as protagonistas que evidenciam esta realidade em suas palavras, as juventudes.

---

<sup>40</sup> A poesia não foi corrigida, colocamos o texto na íntegra.

Esta realidade se exhibe com possibilidades de pertencimentos e estratégias de diálogos. As ações dos movimentos sociais poderiam propiciar discussões sobre a transformação do campo, articular antigas e novas práticas. Segundo Sauer, a atuação dos movimentos sociais desempenha um papel importante no processo de transformação destes espaços: “Transcendem à luta pelo acesso aos meios de produção e se transformam em um processo de construção de sujeitos políticos, recriando relações sociais e transformando o espaço rural na constituição de uma nova ruralidade”. (SAUER, 2010, p.28)

Ao passo que os sujeitos sociais constroem novas relações sociais e transformam os espaços do campo em uma nova forma de viver, surgem conflitos e dilemas quanto a permanecer ou migrar da terra. No âmbito das juventudes é importante estudar alguns mecanismos que podem nortear suas decisões.

Diversos elementos são listados pelas juventudes para a permanência ou saída do campo, entre os que serão pontos de análises para reflexão, estão as relações conflituosas entre as juventudes e as famílias, relações estas permeadas pelo exercício do poder, de hierarquia social. Para Wanderley (2007, p.24): “A vida cotidiana dos jovens é fortemente marcada pelas suas relações com a família e com a comunidade local. [...] sob a direção do pai”.

Compreender como são estabelecidas as relações entre as juventudes e as famílias através da metodologia da observação direta e participante, proporciona olhar e analisar por meio do prisma de gênero as possíveis desigualdades existentes nas relações entre pais/mães e filhos/as.

Neste sentido Barsted (2001, p. 3) ressalta que: “Compreender as relações de gênero é considerar como se constituem as relações entre homens e mulheres frente à distribuição do poder”, visto que se apresentam relações conflituosas perpassadas pelo exercício do poder. As desigualdades são evidenciadas entre as juventudes, famílias e gerações.

Para se compreender os conflitos que as juventudes vivenciam, ao escolherem entre permanecer ou ficar nos projetos de assentamentos, durante toda a discussão pautou-se no objetivo de escutar as vozes das juventudes sem terra que são os/as protagonistas de nossas indagações.

Partimos do pressuposto de que as juventudes são uma categoria social e, nessa pesquisa, as experiências das juventudes, seus conflitos, sonhos e desejos, encontraram

espaço para se expressarem, um recurso fundamental para sua autonomia. Segundo Spivak (2010, p. 14) é [...] é essencial “criar espaços por meio dos quais o sujeito subalterno possa falar para que, quando ele o faça, possa ser ouvido [...]”.

Durante uma pesquisa em campo após voltar de um evento da juventude no Projeto de Assentamento Itamaraty em Ponta Porã, MS, conversamos com uma jovem sobre a vida no campo. Ela relatou que não gosta da vida no assentamento, pois há muito silêncio, é um lugar solitário e quieto. O que mais a encanta, segundo ela, são as “luzes da cidade”, se referindo à cidade de Campo Grande, a capital de Mato Grosso do Sul. As luzes que a cidade irradia são significativas e chamam atenção como um espaço de oportunidades, dentre elas, o trabalho, um salário mensal, um lugar bom para se viver.

O trabalho para as juventudes e a sua permanência no campo é o diferencial, pois, segundo Sposito (2005): “o trabalho também faz a juventude”, e os sujeitos sociais tanto jovens quanto homens e mulheres precisam de trabalho e renda a fim de se tornarem-se autônomos/as, “livres” nos espaços escolhidos para viverem, reconstruírem suas vidas, escreverem novos caminhos.

A possibilidade de conquistar o trabalho e a renda nos espaços do campo é determinante para a permanência dos/as jovens, a ausência de alguma atividade remunerada contribui para a migração de muito/as para outros espaços, em cidades, fazendas e usinas <sup>41</sup> – predominantes no estado de MS – em busca de alternativas.

Para Domingues; Junior (2012, p. 148):

Diríamos, em acréscimo, que, os municípios onde as unidades agroindustriais estão instaladas, Dourados, Maracaju, Nova Alvorada do Sul, Rio Brillhante e Sidrolândia, retém uma maior concentração do capital canavieiro, totalizando 14 unidades agroprocessadoras. Ao menos 20 municípios tem ligações direta com o setor canavieiro, ao passo que, algumas unidades utilizam serviços de dois ou mais municípios, totalizando mais de 30, envolvidos com tal setor.

O contingente de Usinas de Álcool e Açúcar no estado é significativo e as tendências apontam para o seu crescimento, essa realidade preocupa os/as militantes do CCJC. Percebe-se que tanto o trabalho e a renda, quanto os “encantos” da cidade, como

---

<sup>41</sup> No estado de Mato Grosso do Sul há um número significativo de Usinas de Açúcar e Álcool em meio aos Assentamentos de Reforma Agrária, para maiores informações ver o trabalho de FABRINI, João Edmilson. **A Posse da Terra e o Sem-Terra no Sul do Mato Grosso do Sul: o caso Itaquiráí.** 1996. Dissertação (Mestrado em Geografia). FCT/UNESP, Presidente Prudente. 1996.

lazer, acesso às mercadorias, iluminações, grupos ampliados etc., envolvem as expectativas juvenis. Por isso os assentamentos devem ser lugares acolhedores e propiciadores de elementos que envolvem o imaginário desse grupo. E o CCJC se coloca como mediador entre o ideal e o real, com as incompreensões do mercado, por exemplo.

A partir das discussões efetivadas no coletivo evidenciou-se a necessidade de refletir sobre esse tema durante a intervenção do Coletivo no estado de Mato Grosso do Sul através de uma mística a ser apresentada no 6º Congresso Nacional do MST, assunto que será bordado no segundo capítulo. A mística será descrita e seus significados serão evidenciados, segundo militantes do CCJC.

Como ponto significativo das análises, as expectativas das juventudes quanto ao trabalho e a renda, serão estudadas no terceiro capítulo, evidenciando as distintas formas de trabalho defendidas pelas juventudes para o novo campo.

No primeiro capítulo, o nosso esforço foi de apresentar ao/a leitor/a o histórico do Coletivo de Cultura, Juventude e Comunicação CCJC/MST/MS, os impasses e conflitos vivenciados a fim de se efetivar como um espaço de discussão coletiva para/de as juventudes.

As considerações dos/as protagonistas da pesquisa, demonstraram um embate e esforço, por parte das juventudes, para a efetivação de um espaço para discussão das juventudes, a construção do CCJC. O esforço do Coletivo não se findou com a sua criação, há um longo caminho a ser percorrido para que os/as jovens possam ocupar todos os espaços do MST quanto a elaboração e sistematização de metas, estratégias e projetos.

Sendo assim, no capítulo II nosso objetivo é discorrer sobre os espaços por nós ocupados durante as pesquisas em campo no período de 2013 a 2015, os momentos de discussões coletivas nos quais estivemos presentes. Encontros estaduais, nacionais, atividades por nós desenvolvidas nos P. A do MST no estado de Mato Grosso do Sul e a participação em marcha, participações que foram de suma importância para a riqueza de nossas compreensões e o estudo acerca da realidade dos/as jovens sem terra.

Nosso objetivo é ampliar o debate acerca dos espaços ocupados pelas juventudes a partir de um olhar para os eventos, momentos ricos em análises, com contribuições significativas de pertencas, lutas, utopias de indivíduos sociais. Para Ilse-Scherer-Warren (2006, p. 121):

Para se compreender os movimentos sociais hoje, deve-se observar como os indivíduos tornam-se sujeitos de seus destinos pessoais e como sujeitos se transformam em atores políticos por meio de suas conexões em redes. Deve-se, também, buscar entender como estes atores e respectivos movimentos são formas de resistência [...].

A autora salienta que para pesquisar sobre os movimentos sociais, mergulhar em sua realidade, observar e participar em suas lutas diárias, é preciso observar como os sujeitos transformam seus destinos pessoais, se constituem em atores políticos através de relações estabelecidas em redes. Os espaços dos eventos proporcionam essa observação por impulsionarem transformações nas subjetividades juvenis.

## CAPÍTULO II

### JUVENTUDES SEM TERRA E O MST: DIÁLOGOS, DISCURSOS E PRÁTICAS

Como um pássaro o tempo voa

Á procura do exato momento  
Onde o que você pode fazer  
Fosse agora

Com as roupas sujas de lama  
Porque o barro arrudeia o  
mundo  
E a TV não tem olhos pra ver

Eu sou como aquele boneco  
Que apareceu no dia da  
fogueira  
E controla seu próprio satélite

Andando por cima da terra  
Conquistando o seu próprio  
Espaço  
É onde você pode estar agora  
(Um satélite na cabeça- Chico  
Science)

## **2.1 DISCUSSÕES COLETIVAS: ESPAÇOS DE CONFLITOS E DIÁLOGOS**

Os espaços de discussões coletivas que ocorreram no período de nossa pesquisa – 2013-2015 – foram de suma importância para “fazer e refazer” as reflexões, alguns momentos foram envoltos em ambiguidades, conflitos, subjetividades, emoções e utopias vivenciados nestes espaços, tanto pela pesquisadora quanto o pelo grupo social com o qual dialogamos. Foram momentos de partilha e de compartilhar saberes e experiências.

Em todo o contexto da discussão nesse capítulo nosso esforço será de apresentar ao/a leitor/a a interação da pesquisadora com as juventudes sem terra nas atividades dos encontros e nas práticas diárias, o envolvimento e a participação em atividades culturais, e outras como alimentar-se, dormir, tomar banho, enfrentar conflitos, entre tantos outros.

Pesquisar as juventudes, que estão no campo com as suas diversas formas de vivenciar esta fase da vida, tem se destacado para a pesquisadora nos últimos anos de sua trajetória acadêmica tanto como um desafio, quanto como algo que aguça cada vez mais a vontade de compreender as suas realidades.

Um desafio no sentido de já ter pertencido à categoria enquanto uma jovem que permaneceu em um projeto de assentamento, e a ânsia em obter cada dia mais conhecimento. A cada pesquisa, surgem novas indagações e o movimento constante em que se encontram as juventudes, propiciam novas perguntas e reflexões. A cada ida a campo, a cada jovem mulher e jovem homem que conhecemos e com as/os quais compartilham de sua realidade, é possível acreditar que há muito a ser indagado e mensurado para a construção de caminhos, onde os/as sujeitos sociais possam caminhar de maneira digna e justa.

Dentre diálogos e espaços de discussão, a primeira oportunidade se concretizou durante a participação no Encontro da Juventude Fronteira entre os dias 16-18 de Agosto de 2013, em um sábado, no Projeto de Assentamento Itamarati em Ponta Porã MS. Este foi o contato inicial com os espaços de discussões coletivas e as juventudes. No momento foi possível rever jovens que havia estabelecido contatos anteriores, e

conhecer outros/as jovens que residem no P. A Itamarati e no P.A Dorcelina Folador, que ficam no município de Ponta Porã MS.

Nesta atividade estavam presentes cerca de trinta jovens, alguns/as participavam pela primeira vez e outros/as tinham estabelecidos relações com o MST e o CCJC há algum tempo. Durante os dois dias foram discutidos temas pré-definidos, como o histórico do MST, o que é ser um jovem militante Sem Terra, a participação no 6º Congresso Nacional do MST, e a discussão coletiva sobre o I Jornal da Juventude Sem Terra. No momento não foram aplicados questionários, mas estabelecemos contatos para futuros encontros, e observamos atentamente o decorrer das atividades.



**Foto 01:** Jovens em momento de discussão de grupo. Imagem tirada no dia 17/08/2013 por Ana Paula Alves da Silva.

**Foto 02:** Uma das atividades do encontro foi a marcha até o centro do Assentamento Itamarati em Ponta Porã, onde foi efetivado um trabalho voluntário de limpeza do local, tirar o lixo das ruas ,e ocupar alguns pontos com a presença das juventudes e faixas com gritos de guerra do CCJC. Imagem tirada no dia 18/08/2013 por Ana Paula Alves da Silva.

No segundo momento, no dia 07 de dezembro de 2013, um sábado, ocorreram atividades no P. A Santa Luzia no município de Nova Alvorada do Sul-, MS, estiveram presentes na atividade, 10 jovens homens e uma jovem mulher. A divulgação da atividade foi feita por uma militante do MST a pedido da Prof.<sup>a</sup> Coordenadora do estágio de Licenciatura em Ciências Sociais<sup>42</sup>, a pesquisa foi articulada com o estágio que a pesquisadora estava realizando, para atender aos critérios para a obtenção do título de Licenciada em Ciências Sociais.

Durante a atividade, a pesquisadora junto com os/as demais acadêmicos/as do curso de Licenciatura em Ciências Sociais, trabalhou com as juventudes presentes, as famílias, lideranças temas como movimentos sociais, economia solidária, música, e a realidade do/a jovem que está no campo.

<sup>42</sup> Profa. Marisa de Fátima Lomba de Farias, docente do curso de Ciências Sociais e responsável pela disciplina de Estágio naquele período.

As dinâmicas e discussões acerca dos temas permitiram que as juventudes expressassem em palavras, suas poesias e músicas, os seus anseios, a expectativas quanto ao trabalho e à renda e as dificuldades que enfrentam para o acesso à educação nos assentamentos. As atividades foram de suma importância para o desenvolvimento da pesquisa, foram estabelecidos laços de amizade, gratidão e solidariedade tanto entre os/as acadêmicos/as, a pesquisadora quanto o grupo social, momento de partilha e reflexões acerca da realidade das juventudes.



**Foto 03:** Pesquisadora no momento de interação com as juventudes presentes na atividade. Imagem tirada no dia 07/12/2013 no P. A Santa Luzia em Nova Alvorada do Sul, por colegas do Curso de Licenciatura em Ciências Sociais/UFGD.

**Foto 04:** Momento em que as juventudes com as famílias desenvolveram poemas logo após a discussão sobre a realidade vivida no campo. Imagem tirada no dia 07/12/2013 por Ana Paula Alves da Silva.

O 6º Congresso Nacional do MST em Brasília DF, durante o período de 10 a 14 de fevereiro de 2014, foi o terceiro momento de participação da pesquisadora. Oportunidade importante para o desenvolvimento da pesquisa. Um encontro de tal dimensão que contou com a participação de militantes de todo o Brasil, mais de 16.000 pessoas, ocorre a cada quatro anos, sendo que o 5º Congresso aconteceu no ano de 2007, também em Brasília.

Durante esse 6º Congresso, a pesquisadora participou de atividades culturais, de discussões coletivas, da Assembleia das Juventudes, participou da marcha, compartilhou experiências e vivenciou conflitos e subjetividades. Foram os momentos mais significativos das pesquisas em campo, neste momento do Congresso foi possível aplicar questionários com as juventudes do CCJC. Além disso, dialogamos com o/as militantes de outros estados do Brasil.



**Foto 05:** Início do 6º Congresso Nacional do MST, mística de abertura. Imagem tirada no dia 10/02/2014 por Ana Paula Alves da Silva.

**Foto 06:** Mística final, imagem tirada no dia 14/02/2014 por Ana Paula Alves da Silva.

O quarto momento foi realizado no assentamento 17 de Abril no município de Nova Andradina, MS, no dia 24 de maio de 2014. A divulgação e organização do encontro foram efetivadas por militantes do MST, que colaboraram com a pesquisa, mas por conta da chuva que ocorreu no final de semana, apenas quatro jovens mulheres e um jovem homem estiveram presentes. Apesar de o grupo ser pequeno foi possível aplicar questionários com os/as jovens presentes e dialogar individualmente e em grupo sobre a sua realidade e seus anseios como jovens militantes.

Os/as jovens demonstraram as dificuldades enfrentadas nos assentamentos, como as chuvas que dificultam a locomoção nas estradas, condição que vivenciamos concretamente. Havia chovido muito, enfrentamos lama e barro até a chegada ao local onde ocorreria a atividade com as juventudes.

A segunda foto abaixo confirma, as estradas estavam inacessíveis para locomoção de carros pequenos. No início da noite, a pesquisadora e uma colega da Universidade, percorreram a distância de aproximadamente dez quilômetros com muito barro, com o receio de não conseguirem prosseguir. Após medo e apreensão com o carro deslizando na lama, conseguiram chegar ao local da atividade.



**Foto 08:** Bandeira do MST no local em que foi realizada a atividade no P. A 17 de Abril, imagem tirada no dia 24/05/2014 por Ana Paula Alves da Silva.

**Foto 09:** Entrada do local em que foi realizada a atividade com as juventudes, estradas após as fortes chuvas com muita lama. Imagem tirada no dia 24/05/2014 pela colega da Universidade, Paula Machado da Silva.

Não é fácil para as juventudes do CCJC participarem das atividades, a ausência de recursos para locomoção é outro obstáculo, condição que inviabilizou a participação do grupo 14º Acampamento Latino- Americano da Juventude Cloc- Via Campesina, que ocorreu entre os dias 19 a 23 de novembro de 2014 em Palmeira das Missões, no estado do Rio Grande do Sul.

Na ocasião a pesquisadora foi convidada pelo Coletivo para ir ao evento junto com as jovens mulheres e os jovens homens do CCJC, seria um importante espaço de discussão direcionado para a realidade das juventudes, tema da pesquisa em desenvolvimento naquele período.

A participação no Acampamento seria primordial para a pesquisa, pois nosso objetivo seria o de observar as diferenças entre eventos direcionados às juventudes e outros com a presença desse grupo, quando não é o tema principal da discussão. A carência de recursos financeiros impossibilitou o deslocamento das juventudes do estado de Mato Grosso do Sul para o Rio Grande do Sul, onde ocorreu o evento.

Afloraram vários sentimentos no grupo do CCJC, principalmente de tristeza e indignação, que foram compartilhados pela pesquisadora que ansiava em conhecer a realidade e observar a reunião de jovens de vários estados do Brasil.

O encontro contou com a presença de mais de 2000 jovens, homens e mulheres procedentes de acampamentos, assentamentos e espaços das cidades vinculados aos

movimentos sociais <sup>43</sup>. No evento, segundo programação, foram discutidos temas sobre a realidade Latino- Americana, impacto do avanço do capital sobre a juventude e as alternativas, introdução ao AGITPROP <sup>44</sup>, desenvolveram oficinas ligadas à agitação e propaganda, implementação da Agroecologia e desafios da juventude na construção de um projeto popular para a América.

O dia 22/11/2014, sábado, denominado como dia de Luta, contou com uma intervenção de jovens. As juventudes marcharam de Palmeira das Missões até a fazenda Pompílio, com 2 mil hectares de cultivo de milho transgênico à beira da BR 158, a fim de denunciar o modelo de agronegócio defendido pela bancada ruralista, e em protesto à nomeação de Kátia Abreu para o ministério da Agricultura Familiar <sup>45</sup>.



**Foto 10:** Jovens marchando até a Fazenda Pompílio, em Palmeira das Missões, fonte: <<http://www.mmcbrazil.com.br/site/node/231>>. Acesso em: 13/04/2015 as 17:27.

**Foto 11:** Juventudes marchando até a fazenda Pompílio a fim de ocupar, fonte: <<http://www.mmcbrazil.com.br/site/node/231>>. Acesso em: 13/04/2015 as 17:28.

<sup>43</sup> CLOC, CUT, Via- Campesina, MST, Levante Popular da Juventude, Movimento dos Pequenos Agricultores.

<sup>44</sup> Conjuntos de métodos e formas que podem ser utilizados como tática de agitação, denúncia e fomento, o que podem envolver o teatro invisível, músicas, artes, pichações.

<sup>45</sup> A denúncia e os protestos contra a nomeação de Kátia Abreu evidenciam-se nas discussões políticas das juventudes, pois a sua trajetória no Estado é de apoio à bancada ruralista, sendo assim os/as jovens acreditam que a sua nomeação para o ministério da agricultura irá retardar os avanços quanto às transformações no campo e a efetivação de demandas.



**Foto 12:** Jovens homens e jovens mulheres denunciando o modelo hegemônico de plantio, com agrotóxicos. Fonte: < <http://www.mmcbrazil.com.br/site/node/231>.> Acesso em: 13/04/2015 às 17:29.

**Foto 13:** Imagem tirada após a denúncia contra o uso indevido do agrotóxico, com a frase: “Malditas sejam todas as cercas”. Fonte: < <http://www.mmcbrazil.com.br/site/node/231>.> Acesso em: 13/04/2015 às 17:32.

Este relato sobre as características do evento e a ausência do Coletivo, é importante, revela as dificuldades para se mergulhar na realidade das juventudes e para a sua efetiva inserção em espaços políticos. Para um jovem homem do CCJC: “É imprescindível a vivência para entender um pouco de nossa realidade”. (Jovem Homem, 26 anos, reside em um Pré- Assentamento, grifo nosso).

O quinto momento foi a participação na Marcha dos Povos Unitários entre os dias 30 de Abril a 04 de Maio de 2015. Saímos, caminhando, do Posto Jaú no distrito de Anhanduí até Campo Grande, uma distância de aproximadamente 35 quilômetros percorridos. Estavam presentes militantes do MST e de outros movimentos sociais, além de indígenas <sup>46</sup>. Essa foi a última pesquisa em campo e foi expressiva, vivenciamos momentos de partilha, conflitos e demandas das juventudes.

Durante os cinco dias que a pesquisadora esteve na marcha, fez parte de todas as atividades do dia a dia junto com as juventudes, desde a elaboração e participação nas místicas, até intervenções e atividades culturais. Dormiu durante os dias de marcha em barracas, enfrentou a chuva, relâmpagos, o medo e a insegurança frente ao desconhecido.

<sup>46</sup> Federação dos Trabalhadores na Agricultura (FETAGRI/MS), Central Única dos Trabalhadores ( CUT).

Durante a noite escutava atentamente as carretas, carros passando nas rodovias, o barulho ainda ressoa na mente, sentiu na pele a insegurança e o medo que os/as militantes vivenciam durante anos debaixo da lona preta e aprendem a superar. Ao realizar atividades em conjunto com as juventudes, tais como o banho, a alimentação, as atividades culturais durante a noite e a agitação durante o dia na marcha, teve contato com as formas de partilha e a coletividade entre os indivíduos sociais.

Um ponto interessante a destacar sobre a relação estabelecida entre a pesquisadora e os/as jovens do CCJC, está na estruturação de um diálogo expressivo entre ambos, tanto que o ponto de encontro das juventudes durante a marcha dos Povos Unitários em 2015, ficou conhecido como a barraca das “Anas”<sup>47</sup>.



**Foto 14:** Bandeira do MST durante a marcha, símbolo constante nas camisetas, bonés e bandeiras. Imagem tirada no dia 01/05/2015 por Ana Paula Alves da Silva.

**Foto 15:** Concentração dos/as militantes, sem terra, indígenas e de outros movimentos sociais durante a chegada a um dos postos de gasolina para o momento de descanso e discussões coletivas, durante a marcha.

Nos eventos e em outras atividades que contou com a participação do CCJC, no decorrer da pesquisa, constatou-se que a relação entre as juventudes e o MST, seus discursos e sua prática, é um desafio para as juventudes e uma oportunidade para a

<sup>47</sup> A pesquisadora no 6º Congresso Nacional do MST conheceu uma jovem militante do CCJC que tem o mesmo nome da pesquisadora que efetua a pesquisa. Após muito tempo sem contato pessoal se encontram na Marcha dos Povos Unitários no ano de 2015, visto que sempre estavam juntas e se apresentavam as pessoas com o mesmo nome os/as demais passaram a identificar o ponto de encontro para discussões nas barracas das “Anas”. Evidencia a importância do diálogo, interação e relação de respeito e confiança que é preciso estabelecer nas pesquisas, uma relação de reciprocidade.

formação cidadã e política, mais visibilizados nos grandes eventos, onde encontram-se militantes e dirigentes de todas as instâncias do Movimento, como os que foram acompanhados pela pesquisadora: o 6º Congresso Nacional do MST em Brasília-DF, o I Encontro da Juventude Sem Terra- Regional Fronteira no Assentamento Itamaraty em Ponta Porã-MS, e a Marcha dos Povos Unitários no ano de 2015 entre Anhanduí e Campo Grande.

Além do aprendizado para lidar com conflitos e o exercício da cidadania, trata-se de um processo para a instituição da cultura política. Para Gohn (1999, p. 3):

A importância da cultura política passou a ser dada pela possibilidade que esta oferece para explicar a ação política dos indivíduos nos grupos sociais; ela é uma ferramenta para entender o comportamento político dos indivíduos enquanto seres políticos, no sentido aristotélico e não apenas em relação às instituições políticas e/ou aos governantes.

Conforme Gohn a cultura política existente no âmbito dos movimentos sociais, proporciona compreender a ação política dos indivíduos, uma importante ferramenta para estudar as relações sociais. A prática da mística ocorre em todos os âmbitos do MST, e são ocupados pelas juventudes, mais significativamente, suas vozes repercutem e participam das discussões nas plenárias, enfrentam dificuldades para isso e aprendem a superá-las. Essa prática é mais intensa nos grandes eventos, talvez porque há um número expressivo de participantes.

Na prática, no fazer cotidiano, deparamo-nos com situações adversas, que exigem novas reflexões sobre o seu fazer e revisão teórica, ou seja, os/as sujeitos sociais apresentam, por meio de sua atuação, relações grupais, dentre outras, uma realidade inusitada, não estática. A pesquisadora também aprende.

Para participar do 6º Congresso Nacional do MST, chegou em Brasília-DF pela manhã do dia 10 de fevereiro de 2014, deparou-se com uma metrópole, a capital do país, Brasília – DF, sentiu para se locomover até ao local do congresso, o ginásio Nilson Nelson ao lado do Estádio de Futebol Nacional Manoel Garrincha.

No aeroporto, permaneceu atenta para localizar alguém que estivesse com o mesmo objetivo e verificar a possibilidade de um deslocamento em grupo. Logo a pesquisadora encontrou um casal de sem terra, junto com sua filha, residentes em um assentamento do estado do Rio de Janeiro.

Aproximou do casal e se identificou como uma pesquisadora sobre as juventudes do MST, a conversa fluiu sobre os assentamentos no estado do Rio de Janeiro o casal se recordou de Elisa Guaraná de Castro <sup>48</sup>, que conheceram durante suas pesquisas com as juventudes nos assentamentos e acampamentos, próximos de sua residência.

Essa referência à Elisa, criou um ponto em comum entre a pesquisadora e o casal para diálogos durante o evento e, se deslocaram juntos para o local de destino. A pesquisadora sentiu uma sensação de alívio por chegar, pela primeira vez nessa cidade desconhecida, e receber apoio. Havia ainda, a expectativa para encontrar militantes do Mato Grosso do Sul, que conhecia e havia estabelecido contatos.

Rapidamente encontrou os/as militantes do Mato Grosso do Sul e, aos poucos, a pesquisadora foi revendo pessoas que conheceu durante sua trajetória acadêmica, nos aos encontros, projetos de assentamento no estado de MS. Ao reencontrar famílias, gerações e os/as jovens, sentiu-se acolhida e logo estava lhe disponibilizaram uma barraca, o colchão e muita solidariedade, pois não havia levado o kit sem terra <sup>49</sup> como as outras pessoas.

Por uma semana, aquele local foi considerado a casa da pesquisadora, o seu lar, rodeada de pessoas de distintos lugares do Estado e do Brasil, com diferentes trajetórias. Essas pessoas estavam ali por um objetivo maior, comemorar os 30 anos de existência do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST) e fazer um balanço sistemático das lutas.

Aos poucos, observando atentamente tudo o que rodeava, notou-se muitos símbolos que identificava os militantes, bem como a construção de uma memória coletiva atrelada à memória individual, nas imagens das camisetas, bandeiras atadas nas barracas ao vento, nas falas dos/as indivíduos. Assim, vivenciou através dos símbolos a construção viva de uma memória coletiva.

Neste sentido, Halbwachs (1990, p. 85) diferencia a memória coletiva da memória individual, que se aproximam e se distanciam como ressalta o autor: “Há com efeito, muitas memórias coletivas”.

---

<sup>48</sup> Estudiosa das juventudes do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra, sua tese de Doutorado com o título: “Entre Ficar e Sair: uma etnografia da construção social da categoria jovem rural” se propôs a estudar os conflitos que jovens vivenciam a fim de sair ou permanecer dos espaços dos assentamentos, no estado do Rio de Janeiro.

<sup>49</sup> O kit sem terra conhecido no MST se constituiu de uma barraca, colchão, coberta, lençol, lanterna, lona caso chova, em alguns lugares ocupados é necessário um balde pequeno para pegar água e tomar banho, e um prato, talheres e caneca. Porém a pesquisadora não havia levado todos estes itens por conta do peso que ultrapassaria o limite estabelecido no voo.

Durante as pesquisas em campo, a reflexão de Castro (2009) foi pertinente quando diz: “[...] além de uma categoria que representa identidades sociais, é uma forma de classificação social que pode ter múltiplos significados [...]”. As juventudes se apresentam, assim, múltiplas e diversas.

Os espaços e as relações estavam envolvidos por diversidades e conflitos. Dialogamos e convivemos com jovens de distintos/as estados do Brasil, prioritariamente do Mato Grosso do Sul nos espaços dos encontros, Havia jovens mulheres com participação efetiva e de longo período no Movimento, outras, que iniciavam sua trajetória no MST. Jovens homens moradores em projetos de assentamentos, que cursavam o nível superior pelo PRONERA<sup>50</sup>, outros permaneciam nos acampamentos, e ainda aqueles, residentes nos espaços das cidades, mas que se identificaram com as lutas do CCJC, resultado de uma trajetória pessoal ou familiar na luta pela terra.

Os conflitos entre as juventudes e as gerações – famílias, pai, mãe, irmão/a, cunhado/a e as lideranças, sejam homens ou mulheres – não ocorreram apenas com as jovens mulheres, mas também com os jovens homens. Em alguns momentos do 6º Congresso, tanto os jovens homens quanto as jovens mulheres, se negaram a permanecer integralmente nas discussões que eram efetivadas nas plenárias, representando o estado de Mato Grosso do Sul.

Por vezes, desejavam conhecer outros/as militantes, e envolvia relações de sociabilidade, afetivas e de lutas; percorriam os espaços ou até mesmo se deslocavam até à Brasília DF para conhecerem, pois muitos/as jovens estavam primeira vez na cidade.

As relações de poder<sup>51</sup> limitam os desejos e anseios das juventudes e se reproduzem nos âmbitos privados e públicos como uma extensão – não há dicotomia entre esses âmbitos. Durante o evento, às juventudes, havia uma imposição de autodisciplina e controle, deveriam estudar, atuar nos grupos, exercer a militância responsável e comprometida com o MST. Essas exigências não permitiam aos jovens

---

<sup>50</sup> Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária o qual tem por objetivo que assentados/as e dependentes possam estudar cursos em nível técnico, superior e de pós- graduação em parceria com o Ministério do Desenvolvimento Agrário/ MDA, Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária/ INCRA e os Movimentos Sociais do/no campo.

<sup>51</sup> Entendemos as relações de poder segundo as reflexões de Michel Foucault, quando diz que o poder está em todas as relações sociais estabelecidas na sociedade, se apresenta como um instrumento de diálogo entre os indivíduos e a sociedade. Para Foucault, o poder é uma realidade dinâmica que contribui para que o ser humano possa manifestar a sua liberdade com responsabilidade.

conhecerem uma nova realidade, a “cidade grande” e vivenciar novas sociabilidades.

Para Martins (2009, p.245):

Todavia, quando se fala em ser jovem do MST, pode-se agrupar na categoria trabalho as atividades ligadas à militância e que se referem à necessidade de formação (conhecimento – estudo - aprendizado), ser organizador, animador, formador, contribuindo com a estrutura organizativa do Movimento, ou seja, trata-se de um trabalho com objetivos políticos.

A categoria jovem militante do MST está atrelada ao trabalho constante, animador/a e formador/a, porém os estudos comprovam que as responsabilidades excessivas ou conforme Martins (2009) a dificuldade em viver a juventude e ser um militante, proporcionam o afastamento do/a jovem do movimento, “muita responsabilidade e compromisso”.

O movimento social não incorpora o pressuposto da diversidade das juventudes, não há respeito ao momento que estão vivendo, suas angústias e expectativas não são respeitadas. O mesmo ocorre no MST, esses temas são discutidos tangencialmente, o objetivo central é a formação política de militantes, as juventudes resistem a isso.

Os/as jovens que compõem o CCJC são distintos/as tanto em relação aos territórios ocupados, quanto às identidades. Há uma diversidade entre as juventudes que contribuir para combater a sua invisibilidade e incentivar a elaboração e implementação de políticas públicas, com pressupostos de respeito às diferenças.

A diversidade de identidades alicerça as demandas juvenis, compartilhar experiências múltiplas proporciona à *práxis* das lutas, sendo assim as identidades são construídas, dialogadas e transformadas a cada encontro, a cada conflito e resistência enfrentados pelas juventudes. É necessário repensar algumas questões, neste sentido corroboramos com as expressões de Martins (2009, p. 246-247):

Desse modo, embora exista o esforço do MST em possibilitar maior participação à juventude, ele ainda não conseguiu romper com as práticas predominantes em relação a ela na sociedade, ou seja, é vista na sua transitoriedade, como alguém que necessita ser preparado, moldado, desconsiderando que os jovens também são sujeitos e que, se tem muito a aprender, pode ter muito a ensinar e a propor. Essas práticas encontram-se presentes em várias instituições sociais, porém, o seu núcleo básico de referência, especialmente no campo, tem sido a família, estendendo-se a partir daí para outros espaços.

Martins (2009) colabora para compreender o papel das juventudes no âmbito dos movimentos sociais. A sua atuação política é um fenômeno recente, há um longo caminho a ser percorrido, principalmente porque o MST considera o/a jovem em um momento de transitoriedade. Para o Movimento, assim ocorre de modo geral na sociedade, as juventudes necessitam ser preparadas e, nem sempre a diversidade é um dos pressupostos.

Conforme Martins (2009) os/as jovens tem muito a ensinar e propor, como um sujeito social transformador, livre e autônomo, não apenas aprender. Inserir na pauta a diversidade das juventudes é significativo para o avanço de suas transformações e sua visibilidade, são jovens mulheres e jovens homens que emitem luz, podem, querem e têm potencial para participar de todos os processos.

Corroboramos com as expressões de Galindo (2014, p. 124):

A diversidade, como componente que marca a categoria juventude rural precisa, ser reconhecida e deve estar integrada ao debate das políticas públicas, mas seu entendimento não pode ser confundido com relativizações e dissolução da categoria, condição esta que fragiliza a importância estratégica da juventude rural para a agenda governamental.

A diversidade é um viés transformador das/pelas juventudes e deve ser alvo de discussões, debates e para a construção de políticas públicas de/para as juventudes, enquanto pauta para o respeito às suas distintas singularidades de identidades.

No próximo subtítulo, objetivo é apresentar ao/a leitor/a, a partir dos espaços dos encontros, as relações de gênero e poder estabelecidas entre as juventudes e os/as demais participantes do movimento social – lideranças e famílias. A discussão se pautará na prática da mística, a marcha que ocorreu no 6º Congresso Nacional do MST, enquanto espaços de discussões e de participação das juventudes.

## **2.2 DISCUSSÕES COLETIVAS: DIÁLOGOS, CONFLITOS E RESISTÊNCIAS**

É tão importante que dizia que é a vida da militância, sem mística não há militância, sem militância não existe movimento. (Jovem Homem, 26 anos, assentado em um Pré- Assentamento).

A mística é uma forma de mostrar às pessoas a realidade do país, e de contar como os fatos acontecem de verdade. (Jovem mulher, 20 anos, assentada).

O objetivo com a reflexão sobre a mística não é negar sua importância para os/as militantes. As juventudes reforçaram esse papel, dizem que a Mística é relevante para a vida do MST e dos/as militantes do CCJC. Mas é nossa responsabilidade demonstrar as ambiguidades e as relações de poder que a compõem. Uma característica nem sempre avaliada pelo Movimento, que a considera como um alimento para a luta e permanência dos militantes que enfrentam constantes adversidades no esforço em defender sua utopia, extensiva ao objetivo de transformar a sociedade.

Para as juventudes, a mística tem o sentido de “vida”, sem essa prática não há militância nem movimento social e faz parte dos âmbitos do MST, das falas, ações, músicas, dos silêncios que representam a luta, o cotidiano dos/as militantes e símbolos, como a foice, enxada e os alimentos.

Não é um momento improvisado, há uma preparação antecipada e a responsabilidade é delegada os/as militantes que irão construir a mística. Nesse sentido, há uma grande responsabilidade. Para Farias (1997, p. 134-135):

Em todas as atividades do MST, nos encontros, palestras, há um momento específico, uma atividade denominada mística, que é preparada com antecedência, sempre levando-se em conta o tema tratado, a conjuntura, o tipo de participante, fatos recentes- como morte de militante, conflitos com a polícia, prisões, massacres etc. Um grupo fica com a responsabilidade de sua organização, sendo que existem pessoas responsáveis por esta tarefa no âmbito estadual e nacional, recebendo ajuda de outras no local.

A organização da mística foi observada tanto no 6º Congresso Nacional do MST, quanto no Encontro da Juventude da Fronteira no assentamento Itamarati. Os/as jovens ficaram com a responsabilidade de apresentar a mística, havia entre eles/as, por vários dias, a preocupação em pensa-la: definir um tema atual, escolher antecipadamente os símbolos, por fim, construir e participar da mística

Ela deve propiciar aos/as militantes e a outras pessoas presentes, geralmente “amigos do MST”, autoridades, dentre outros, um envolvimento simbólico e fazer aflorar sentimentos com viés político, além de incentivar a reflexão sobre temas pré-estabelecidos.

Para Boff e Betto, a palavra *mística* vem do adjetivo mistério:

Originalmente, a palavra mistério (*mysterion* em grego, que provém de *múein*, que quer dizer perceber o caráter escondido, não comunicado de uma realidade ou de uma intensão) não possui um conteúdo teórico, mas está ligada à experiência religiosa, nos ritos de iniciação. A pessoa é levada a experimentar, por meio de celebrações, cânticos, danças, dramatizações e realização de gestos rituais, uma revelação ou uma iluminação conservada por um grupo determinado e fechado. Importa enfatizar o fato de que mistério está ligado a essa vivência/experiência globalizante. (BOFF; BETTO, 1994, p. 12)

Trata-se de momentos em que nem sempre é preciso o uso da fala, através das subjetividades há ligação direta entre militantes que participam da prática da mística e demais pessoas presentes. A mística conduz os/as sujeitos sociais a experimentarem emoções similares a uma experiência religiosa, como as ocorridas em ritos de iniciação.

Essa experiência envolve vários símbolos, com o objetivo de atingir os sentimentos mais íntimos dos/as militantes. Geralmente, a mística retrata as lutas ocorridas anteriormente, envolve perdas objetivas e subjetivas durante os caminhos percorridos. Assim, a força da mística é a memória de experiências e impulsiona lutas que ainda estão por vir.

Efetivada tanto nos acampamentos, em momentos que antecedem a conquista da terra, e após sua conquista – no assentamento –, a prática da mística, segundo Coelho, tem um sentido político e cultural:

No caso da mística desenvolvida pela organização do MST, por ser uma prática apropriada dos grupos religiosos que lhe prestavam assessoria (especialmente a CPT), ela também possui sua historicidade, ao passo que foi produzida e reproduzida historicamente junto ao Movimento. O cultural e o político, atribuídos ao seu entendimento, se explicam pelo fato de que não há como separar estas duas dimensões no fazer da mística. Analisando o conjunto de fontes selecionadas para edificação do trabalho, nota-se que a política se torna uma dimensão fundamental e importantíssima para se compreender os sentidos de sua produção no Movimento. (COELHO. 2010, p.174)

Com o sentido tanto político e cultural, propicia aos/às militantes do Movimento especialmente as juventudes, momentos de reafirmação, de comprometimento e responsabilidade individual e coletiva de cada um/a como ator e atriz social no MST. Importante ressaltar que a prática da mística teve a sua origem com a Comissão Pastoral

da Terra (CPT) no estado de Mato Grosso do Sul e, inicialmente, tinha um viés distinto do atual, atribuído pelo MST.

Os seus significados e símbolos foram ressignificados de acordo com as lutas e as experiências vivenciadas. Inicialmente com a CPT a prática da mística tinha uma característica religiosa e cristã, intimamente ligada ao mistério e à luta de Jesus Cristo. Para Boff; Betto (1994, p.21):

A mística cristã, porque é histórica, orientar-se-á pelo surgimento de Jesus. Tal propósito implica um compromisso de solidariedade para com os pobres, pois Jesus inclui-se entre eles e pessoalmente optou pelos marginalizados das estradas, do campo e das praças das cidades. Implica um compromisso de transformação pessoal e social, presente na utopia pregada por Jesus, do reino de Deus, que começa a realizar-se na justificativa para os pobres e, a partir daí, para todos e para toda a criação.

A prática da mística com os símbolos que remetiam à religiosidade e ao exemplo de Jesus Cristo na terra, evidenciava a sua generosidade, empatia e complacência para com os menos favorecidos, não importando quem. Incluía pobres, marginalizados, mulheres, demonstrava em gestos e símbolos a transformação possível através do exemplo de Jesus pelo reino de Deus. Um compromisso de solidariedade para com os pobres era transmitido através do mistério que advém da mística.

Para as juventudes no processo de aprendizagem da militância e, posteriormente, sua vivência, a mística constitui-se como um dos momentos de “imposição” de responsabilidades, são responsáveis por todas as etapas, não há escolha. Com o tempo, os/as jovens se apropriam desse espaço e o recompõem como resistência, mas não deixa de ser um momento simbólico de internalização de princípios do MST.

Para Martins (2009, p.180), “a idéia de sacrifício”, gera dificuldades diversas às juventudes, segundo a autora que estudou as juventudes militantes do estado do Paraná, para desempenharem o papel de militante, já que envolve “muita responsabilidade e muito compromisso”. Diante das observações durante a pesquisa, a mística tem significados simbólicos para a existência do Movimento, porém é uma responsabilidade, de certa forma, imposta às juventudes pelo MST. A mística se apresenta como elemento significativo da formação política, os/as jovens por sua vez não escolhem se querem desenvolvê-la, com o passar do tempo incorporam como uma “tarefa”.

A mística ultrapassa barreiras e rompe cercas, traz à cena a discussão acerca dos significados atribuídos aos símbolos do MST, apresenta valores destaca e a memória da luta, mas também, controla os corpos, as emoções e os desejos dos/as militantes. Para Farias:

É certamente verdade que, diante de tais valores éticos e políticos presentes na mística, esta se torna fundamental. Destacamos com preocupação tais preceitos, pois isso traz à tona uma predisposição aos valores do MST, que no momento oportuno vão sendo introduzidos nas ações de todos que estão nelas envolvidos, principalmente a massa, que desconhece o significado do socialismo ou pode entendê-lo de outra maneira. Tal fato denota, neste caso, por parte do MST, a dificuldade de interpretar os valores, a cultura e principalmente os desejos das famílias sem-terra, que, em certos momentos, são desqualificadas enquanto portadoras, também, de uma utopia, de um projeto e de conhecimentos no dia-a-dia, na experiência do saber-fazer de cada uma. (FARIAS, 1997, p. 135)

Acreditamos que, para o movimento social, a mística se constitui como estratégia de dominação e perpetuação de seus princípios e reforça o Movimento, controla corpos, emoções e sentimentos, mesmo que não tenha essa intenção. O objetivo é fortalecer a luta, formar militantes e incentivar sua atuação.

Segundo Farias, há dificuldades para interpretar os valores e desejos das famílias sem terra, desqualificando sua própria utopia. A prática da mística, componente dos âmbitos do movimento social, especialmente do MST, possui um teor não somente de convencimento, mas de pertença do/a indivíduo com o MST. Neste sentido para Turati (1999 p. 22-23):

[...] é preciso entender a Mística como **discursos ideológicos**, construídos de acordo com o que o movimento quer de cada estrato do todo heterogêneo formado pelos integrantes de acampamentos e assentamentos em geral. Assim, a mística se reveste de várias formas simbólicas com a mesma função simbólica, qual seja, a de ganhar adesão, gerar convencimento, estabelecer confiança. E, se a ideologia é um sistema de símbolos, é perfeitamente possível que estes símbolos assumam formas diversas mas concorram para a mesma função simbólica.

Turati enfatiza que a mística têm objetivos previamente definidos, é ambígua, apresenta o objetivo de libertação, porém oprime através de símbolos, gestos e silêncios. Cada mística é pensada previamente de acordo com os objetivos que o MST anseia atingir, relaciona-se com fatos sociais ou passados.

Faz parte desse momento de preparação, refletir sobre as características dos/as militantes que estarão presentes, o local (acampamentos, assentamentos, encontros regional, estadual ou nacional) e quais objetivos deverão ser alcançados. Turati (1999, p. 23) descreveu o “[...] MST como “emissor” e os membros da base dos movimentos como “receptores”. O envolvimento de militantes, assim a como discussão de princípios políticos do MST não se esgota, aflora através da mística, que se evidencia reveladora e instigante para as pesquisas e indagações.

Neste sentido, ao chegar ao 6º Congresso Nacional do MST, no primeiro dia, em uma segunda feira, dia 10 de fevereiro de 2014, a pesquisadora foi convidada por uma militante para participar da mística que ocorreria em um dos momentos do evento, com a participação da delegação do estado de Mato Grosso do Sul.

A princípio a pesquisadora ficou entusiasmada com o convite, esta seria uma oportunidade única; aos poucos conforme os dias iam passando, ao observar o quanto a mística é importante para o coletivo, se deu conta de que como pesquisadora que observava e refletia sobre essa prática, não poderia participar. Era algo específico de um momento significativo e próprio do MST, a comemoração dos 30 anos do Movimento. Conforme Boff e Betto (1994, p. 25): “A mística é, pois, o motor secreto de todo o compromisso”.

Essa mística foi construída com antecedência na residência de uma jovem militante do coletivo de Brasília e apresentada no 6º Congresso por militantes do CCJC do estado de Mato Grosso do Sul. A grande maioria dos/as jovens que pertence ao CCJC estava presente nessa residência para a elaboração e sistematização da mística.

O grupo tinha a intenção de responder aos objetivos e a uma finalidade a ser alcançada pelo MST, como foi apresentado acima. Essa postura não foi diferente com as juventudes, segundo Turati (1999, p. 21):

A matriz discursiva do MST, enquanto construção ideológica, leva em conta o que o movimento quer transmitir, para quem e com que objetivo. Se o objetivo é a formação de novos quadros, o discurso acionado mostra que o inimigo é o capitalismo e o ideal pretendido é construir o socialismo. Se o objetivo é trabalhar o sentimento de direito à terra na base, o inimigo é o grande fazendeiro, o latifundiário, e o ideal pretendido é distribuir terras para quem nelas quer trabalhar.

O objetivo da mística era de destacar características da realidade do estado de Mato Grosso do Sul e as dificuldades para as juventudes dos assentamentos rurais terem

acesso ao trabalho e à renda. Além de descrever os grupos étnicos existentes no estado, as populações indígenas, enfim, os povos do campo que incluem homens, mulheres, jovens e crianças.

O grupo destacou como inimigo, o predomínio das Usinas de açúcar e álcool, no MS, alternativa de renda, para a grande maioria de jovens migra para as cidades em busca de trabalho. O CCJC consciente desta realidade construiu a mística.

Procurou-se ratificar através de músicas, sons, elevação das vozes e a participação de militantes, as dificuldades e os obstáculos enfrentados pelas juventudes do MS, fato que não é muito diferente em outros estados do país, como se percebe nesses eventos.

Dentre os problemas apresentados estava o acesso ao superior disponível nas cidades, que também “oferece possibilidades” de trabalho e renda nas usinas de açúcar e álcool. Em contrapartida, enfatizou-se a importância da participação política das juventudes nos movimentos sociais para que não sejam enganadas pelo sistema capitalista.

O trabalho nas usinas foi problematizado, a mística apresentou várias consequências advindas da escolha de um caminho que leva às usinas: o uso indevido de agrotóxicos no campo, as doenças contraídas com o passar do tempo, a baixa remuneração, para tanto, mostraram um caixão, simbolizando a morte dos/as indivíduo/as.

O CCJC, o coletivo que é nosso objeto de pesquisa, consciente da necessidade de pensar criticamente sobre o avanço do capitalismo, através do trabalho em usinas de açúcar e álcool, definiu opção de escolher o lado do inimigo. As análises de Turati (1999) demonstram que através da mística nos espaços de socialização, o MST emite as informações e os/as militantes, por sua vez, recebem as informações e as incorpora na luta diária, com a família, os/as colegas e com os/as demais militantes.

Pode-se dizer que a prática da mística é uma ferramenta utilizada desde o início do MST para manter a chama acesa, a utopia presente e os corpos sempre alertas, se apresenta, ainda, enquanto a construção de uma memória histórica, segundo Coelho (2014, p.176):

[...] Para tanto cria-se uma “memória histórica” para que o grupo que, por vezes, é sistematizado de forma distinta da “memória oficial”. As apresentações da mística buscam o processar de uma “lógica

histórica”, em que são retratadas a intensa opressão e violência sobre a classe trabalhadora [...].

Através das letras das músicas, utilizadas durante as místicas, como: “Mostra sua garra sua vontade de lutar, a juventude socialista é radical e nossa luta é internacional, [...] avante revolucionário [...]”, observa-se o seu fortalecimento e perpetuação no processo de socialização. Imprime-se uma marca, a maneira que os/as militantes deverão se posicionar para os enfrentamentos na sociedade, o que dizer o que não dizer, preservando os códigos de silêncio, tanto jovens homens quanto jovens mulheres. O militante é representado pelo homem: “avante revolucionário”, as mulheres são invisibilizadas.

Ainda quanto às linguagens rebeldes utilizadas nos “gritos de guerra” ou de “ordem” emitidos durante a prática da mística, um dos seus objetivos é intensificar o aprendizado da realidade. Para Netto (2007, p. 324):

A função destes lemas ou “palavras-de-ordem” seria fazer agitação política com maior conteúdo e intensificar o aprendizado da realidade. É a chamada pedagogia de animação das massas. Onde não se precisa de muitas palavras, embora elas sejam importantes, mas algumas delas bastam para dizer tudo o que as pessoas querem alcançar e, para isto, descobrem facilmente o que devem fazer. As palavras adquirem força, porque se transformam, no meio da massa, em ação concreta.

As palavras de ordem eclodem através da elevação das vozes dos/as protagonistas da mística, mostram não apenas o objetivo de agitar as massas, porém adquirem força para transformar as ações dos/as indivíduos. É a relação entre a discussão no interior e exterior do MST. Bourdieu (2002, p 26), evidencia que: “O poder simbólico não pode se exercer sem a colaboração dos que lhe são subordinados e que só se subordinam a ele porque o constroem como poder”.

Há a relação entre dominante e dominado que Bourdieu, chama a atenção em suas análises. Para que os dominadores/as possam exercer o seu poder, é preciso que exista consentimento por parte dos/as dominados/as, ou seja, é necessário que aceitem o poder imposto, por diversos motivos. Entretanto, percebemos resistências cotidianas, há consentimentos e questionamentos constantes, resultando em relações de conflito que podem gerar transformações.

A prática da mística tem múltiplos significados, entre eles a construção de uma memória coletiva fortalecedora do significado de ser militante, traz para o cenário, as atrocidades que foram acometidas aos povos do campo e a violência que sofreram, bem como, as conquistas e a continuidade da luta.

Tem o sentido de unidade, ou seja, de coletividade entre todos/as e nos espaços onde estão inseridos/as, contudo acreditamos que também se apresenta enquanto um momento de controle e como estratégia de dominação para que os participantes/militantes não se ausentem da luta.

Aos militantes é exigida responsabilidade em manter o movimento social vivo e em “chamar” e, em grande maioria, esta reafirmação ecoa das vozes masculinas. Para Turati (1999, p. 22):

Assim, a mística se reveste de várias formas simbólicas com a mesma função simbólica qual seja, a de ganhar adesão, gerar convencimento, estabelecer confiança. E, se a ideologia é um sistema de símbolos, é perfeitamente possível que estes símbolos assumam formas diversas mas concorram para a mesma função simbólica.

Há dificuldade em questionar esse poder ou até mesmo colocar esse tema em pauta. Conforme Durkheim (2007), a socialização é um processo natural que os/as indivíduos vivenciam, ao longo de suas vidas, suas trajetórias e, aceitar as regras e as leis se naturaliza. Para o autor (2007), a primeira instituição significativa responsável pelo processo de socialização é a família, com suas normas e regras.

A criança apreende com seus pais como deve se comportar. Com o passar do tempo, ao longo de sua vida adulta, há outras instituições que também lhe cobrarão comportamentos específicos, como a Escola, o Estado, a Igreja.

Chamamos a atenção do/a leitor/a para o processo de socialização que ocorre nos espaços dos movimentos sociais, no caso específico estudado, o MST. A dominação advém de símbolos com seus significados para o movimento social e são utilizados durante a mística, não apenas composta por músicas com letras de convencimento, mas por representações que lembram e reforçam diversos momentos e aspectos da luta.

Objetos como a bandeira, a cor vermelha representam o sangue de militantes que “se foram” durante a luta, além de boné e camisetas muito usados nos encontros como uma identificação. Todos são objetos e processos que envolvem a prática da mística, e ao qual se mantém viva em todas as experiências do MST.

## 2.3 POR QUE MARCHAR?

Durante o 6º Congresso, um momento muito aguardado pelos /as militantes foi a marcha. No dia 12 de fevereiro, aproximadamente às 14h., horário de Brasília, mais de 16.000 pessoas incluindo militantes, amigos/as do movimento, estavam preparados/as para marchar com destino ao Palácio dos Três Poderes em Brasília. Para chegar até o destino, seria percorrido um caminho de aproximadamente 10 quilômetros passando por pontos importantes da capital, como a Embaixada dos EUA entre outros.

A princípio, como pesquisadora, eu fiquei satisfeita ao saber que poderia participar de um momento importante para tantos/as militantes, sentir na pele a emoção de vivenciar uma realidade anteriormente vista apenas pela TV, sentia um misto de ansiedade e medo. Tinha o receio se algo ocorresse errado, pela falta de experiência em um momento novo enquanto pesquisadora e cidadã.

Tinha a responsabilidade de analisar esse vivido, suas utopias e as reflexões, considerando um momento de extrema importância para as juventudes do MST, a Marcha, e ainda, fazer o esforço de equilibrar minhas próprias emoções.

Anteriormente, no ano de 2008, enquanto acadêmica do curso de Ciências Sociais, fui convidada a participar do Encontro da Juventude Campo e Cidade em Niterói, RJ, momento que contribuiu para a consolidação do Coletivo de Cultura, Juventude e Comunicação CCJC/MST/MS.

No último dia do evento, a pesquisadora participou juntamente com as juventudes do MS de uma marcha no centro do Rio de Janeiro com aproximadamente 2.500 pessoas jovens, porém nada se comparava a estar com mais de 16.000 militantes do MST, na Marcha em Brasília. Para Stedile (2005, p. 149):

O sentido da caminhada não é uma coisa nova nem é ideia original do MST, nem das organizações camponesas ou dos trabalhadores. Estudando a história dos povos, percebemos que sempre existiram exemplos de caminhadas. Nas lutas mais generosas da humanidade, sempre houve caminhadas massivas e longas. É um gesto coletivo já histórico.

A caminhada tem um sentido histórico e a participação da pesquisadora seria fundamental a fim de compreender os sentimentos envolvidos nas lutas dos/as

militantes do CCJC. A emoção tomava conta da pesquisadora, suas pernas aceleravam em direção à fila onde estavam os/as militantes do Mato Grosso do Sul, as vozes eclodiam por todos os cantos.

Em certo momento não era possível precisar quantas pessoas, militantes estavam envolvidos/as na marcha, pois cada estado, ou seja, cada delegação tinha um momento exato para iniciar a marcha, quando chegou a vez da delegação do MS, algumas delegações já estavam marchando, outras ainda esperavam, havia organização exemplar.

Cada delegação possuía um/a militante responsável pela agitação e não permitia que o grupo silenciasse suas palavras e vozes, outros/as militantes cuidavam da segurança e da ordem das filas. A cada passo da pesquisadora, tinha contato com a emoção, utopia e ideologia<sup>52</sup> que tomavam conta da Marcha, conseguia visualizar, mas não encontrava palavras para expressar os sentimentos que afloravam, predominava o silêncio. Foi possível vivenciar na *práxis* o que é ser um/a militante do CCJC/MST e a ideologia impregnada em suas ações, como destaca Demo (1992, p.10):

Ideologia não é qualquer sistema de crenças, ou uma simples mundivisão, ou um mundo povoado de idéias, mas designa um campo específico das idéias, ou seja, aquelas carregadas de justificação política no quadro da dominação vigente. [...] A realidade social é histórica, o que significa principalmente que não somente acontece, está dada e feita, mas que pode ser feita e pelo menos em parte conduzida; nunca é completa, mas está em constante devir; é intrinsecamente conflituosa, o que a faz sempre carente de superação histórica.

. Inicialmente a pesquisadora começou a escutar algumas orientações a serem seguidas pelo grupo durante a marcha, como levar um pano de algodão caso houvesse bombas de efeito moral para não se inalar o gás, não levar crianças menores de cinco anos, dentre outras. Diante disso, a pesquisadora começou a ficar pensativa, porém, já estava marchando com todos/as e não poderia desistir. Sentiu que naquele momento apenas algumas orientações seriam possíveis, mas que deveria usar o silêncio e a observação atenta a fim de compreender toda a situação, momento histórico para os/as militantes.

---

<sup>52</sup> A ideologia é construída a partir das lutas diárias, de campo específico de ideias e representações de diferentes grupos sociais. A realidade histórica, não está pronta e acabada, ela é escrita, reescrita e vivenciada a todo o momento, .

As juventudes estavam presentes a marcha e destacaram que estavam reunidos/as com outros/as militantes do MST, em um momento histórico importante para a sua própria formação como militante e para o fortalecimento das identidades sem terra, e deveriam participar de todas as atividades, incluindo a marcha:

A juventude é uma arma usada pelos meios dominante para protagonizar o capital, o consumismo. Mesmo organizando a juventude dos Assentamentos estamos sendo tragado pelo império burguês, temos que cada vez mas chegar a juventude a movimentos sociais, o encontro é uma maneira de concretizar as idéias.( Jovem Homem, 29 anos, assentado).

Sim aprendemos muito e principalmente os nossos direitos como jovens e é uma forma que trocamos idéias e mostra como os jovens precisam de apoio. (Jovem mulher, 25 anos, assentada).

A juventude do Coletivo possui, enquanto diferencial, a atuação política. Para os/as eles/elas a participação no evento, segundo as considerações da jovem mulher, propicia a troca de ideias com outros/as jovens de diversos estados e com militantes homens e mulheres. Durante a marcha, foi possível observar esta realidade.

A princípio todos/as estavam divididos por estados do Brasil, por Brigadas, quando se encontraram no Palácio dos Três Poderes já não havia mais a divisão, formou-se grande coletivo. As imagens nas camisetas, nos bonés, nas cores das bandeiras, nos gritos de guerra evidenciavam os anos de luta. Para Eliade (1991. p.11-12):

Se o espírito utiliza as Imagens para captar a realidade profunda das coisas, é exatamente porque essa realidade se manifesta de maneira contraditória, e conseqüentemente não poderia ser expressada por conceitos. [...] É então que a Imagem em si, enquanto conjunto de significações que é verdadeira, e não *uma única das suas significações ou um único dos seus inúmeros planos de referências*. Traduzir uma imagem na sua terminologia concreta, reduzindo-a a um único dos seus planos referenciais, é pior que mutilá-la, é aniquilá-la, anulá-la como instrumento de conhecimento.

Assim, essas imagens significam a luta do homem e da mulher, a cor vermelha que compõe tanto nas camisetas quanto nas bandeiras, simboliza o sangue derramado por muitos/as militantes nos combates para a conquista da terra. Compreendê-los isoladamente como ressalta é como Eliade (1991): “é aniquilá-la”.

Os motivos, para que militantes de todas as idades, levantem as bandeiras, todos/as com a cor vermelha, símbolos e objetos, retratam anos de luta envolvidos por

medos, angústias, sonhos e esperanças, a construção de subjetividades nos caminhos percorridos. Para Eliade (1991, p.8): “o pensamento simbólico não é uma área exclusiva da criança, do poeta ou do desequilibrado: ela é consubstancial ao ser humano; precede a linguagem e a razão discursiva”.

Descrever o que a pesquisadora sentiu naquele momento em palavras? Impossível, foi um momento sublime vivenciado em toda a sua trajetória acadêmica. Marchou mais de 10 quilômetros para ir e mais cinco quilômetros para voltar. Foi muito cansativo, houve momentos em que estava muito cansada fisicamente, porém ao redor de milhares de militantes do movimento, a pesquisadora se sentiu completamente parte do movimento. Sentiu o que sentem os/as militantes quando lhes perguntam: “Estão cansados”? Eles/as respondem: “Não, na luta do povo ninguém se cansa”.

São verazes as palavras de Caldart (1987) quando diz que é preciso sonhar junto com o movimento social para interpretá-lo. Durante a marcha a pesquisadora conheceu lugares vistos apenas pela TV, internet, filmes e fotos.

A oportunidade surgiu através da escolha do tema de pesquisa, além disso, o movimento “abriu espaço” junto à delegação de Mato Grosso do Sul. Isto porque há uma “seleção” de pessoas não militantes do MST com permissão para participarem de suas atividades. Não basta desenvolver pesquisa ou desejar, essa medida faz parte da organização do MST tanto em nível nacional, como estadual.

Estava com a camiseta do Estado, com o crachá e junto com as juventudes, lado a lado, a pesquisadora se construía enquanto uma jovem mulher militante, lembrava a vida no assentamento.

Não apenas na prática da mística com toda a ambiguidade e contradição presente, observou-se a construção social de uma memória histórica e coletiva, mas nas ações, em todos os espaços, nos olhos da militância. Constatava-se a prática da mística, a memória coletiva, a junção da memória individual e coletiva e, também, os gritos de guerra eclodidos por mulheres, por jovens, crianças e homens.



**Figura 16:** Iniciando a marcha ainda no alojamento, no calor da mesma, homens, mulheres e jovens. (Foto tirada por Ana Paula Alves da Silva, no dia 12 de Fevereiro de 2014).

**Figura 17:** Juventudes do MS. (Foto tirada por Ana Paula Alves da Silva, no dia 12 de Fevereiro de 2014).



**Figura 18:** Bandeiras ao vento, os símbolos nas camisetas, nos bonés, nas bandeiras reafirmando o compromisso de cada um para a continuação do movimento em prol de um país, no caso representado pela bandeira do Brasil, a fim de se construir um país justo. (Foto tirada por Ana Paula Alves da Silva, no dia 12 de Fevereiro de 2014).

**Figura 19:** Jovens marchando lado a lado com as famílias. (Foto tirada por Ana Paula Alves da Silva, no dia 12 de fevereiro de 2014).

As imagens retratam o que as palavras não expressam: o quão significativa se evidencia a pesquisa de campo no processo de construção do conhecimento, utilizando a observação direta e participante. Estar lado a lado com homens, mulheres, crianças e as juventudes - os jovens homens e as jovens mulheres -, em compartilhar este momento significativo para o movimento social, o MST, foi primordial para a pesquisa.

Constatou-se a importância da luta pela terra e o papel fundamental dos/as militantes, ao viver – a pesquisadora – um pouco a sua realidade, seus sonhos, suas lutas e observar a reafirmação de cada um/a como sem terra, que se compromete com a responsabilidade que lhes é confiada: continuarem o movimento social através das lutas. Além de constatar as formas de fortalecimento desses sentimentos e sentidos, por meio da mística e de uma relação de poder estabelecida no interior do MST.

A participação dos/as jovens ocorre em variados momentos, a eles/as são conferidas responsabilidades, metas e tarefas como um destino às juventudes militantes, nem sempre, como há oportunidade para questionamentos ou reformulação de sua participação de acordo com suas expectativas e necessidades.

Neste sentido para Martins (2009, p. 248):

Como “tarefeiro”, o jovem cumpre ordens, mas não participa do processo de discussão e decisão e, ao “mostrar serviço”, o jovem apresenta a responsabilidade e o comportamento que o adulto espera dele.

Esta realidade é vivenciada nas práticas diárias e nas discussões coletivas das juventudes do CCJC, em sua grande maioria os/as jovens, estão cumprindo regras, tarefas, e espera-se deles/as que desempenhem bem o papel de jovem militante, o comportamento que o adulto, a figura masculina espera dele/a. Durante a Marcha dos Povos Unitários em maio de 2015 nos quatro dias que a pesquisadora esteve junto com as juventudes, foi possível observar esta forma de imposição.

As juventudes ficaram incumbidas da agitação durante a marcha e da elaboração das místicas em todos os momentos, mesmo comprometam o descanso e a discussão, já que percorreram grande distância debaixo do sol. Sem alternativas para relaxarem, descansarem e conversarem, os/as militantes poderiam ser sucumbidos pelo desânimo e cansaço.

Ao cumprir as regras impostas por pessoas mais velhas, mulheres jovens e homens jovens, assumem as responsabilidades e dedicam-se ao Movimento, às suas causas e seus ideais, por vezes, com a ausência de reflexão sobre suas ações. As juventudes vivem contradições, entre responder ao Movimento ou aos seus anseios. Aprendem sempre e resistem, com maior compreensão ou menor compreensão sobre esse processo.

Quanto ao MST para Martins (2009, p. 249):

Aqui se apresenta uma contradição importante: ao mesmo tempo que o MST louva as qualidades rebeldes e inovadoras dos jovens, exige deles comportamentos e atitudes que o afastam das características próprias da juventude. Ou seja, ser militante não combina com ser jovem. Para sê-lo, os jovens devem adequar-se aos comportamentos e atitudes dos militantes mais velhos, o que quer dizer uma entrega e sacrifício quase total à causa e ao coletivo.

Em uma das falas de João Pedro Stédile da direção nacional do MST, sobre o novo modelo de Reforma Agrária Popular, salientou que o objetivo é produzir alimentos saudáveis, não arrendar as terras, essa segunda opção transformaria os/as militantes em pequenos burgueses, ainda é preciso a democratização da Educação, pois somente o conhecimento liberta as pessoas verdadeiramente.

Quanto à produção como um meio importante para a consolidação da Reforma Agrária Popular, as juventudes seriam os/as protagonistas, porém não enfatizou algumas questões relevantes como: manter o pertencimento ao lugar e ao modo de vida, considerar os anseios e desejos das juventudes, que nem sempre, estão intimamente relacionados com à terra, como constatou-se na pesquisa.

As juventudes não são efetivamente ouvidas, a construção social de ser jovem e liderança de um movimento social, se efetiva por meios de relações de poder entre lideranças, pessoas de mais idade, principalmente homens que são a maioria nas esferas de decisão, que é estendida em alguns momentos e não reconhecida.

Visualizamos que ao direcionar alguns papéis para as juventudes como evidenciado em determinadas falas: “Precisamos produzir, agregar valores, e são as juventudes que irão desempenhar este papel”, não contribui para o debate da permanência das juventudes, pois, segundo Castro (2005, p. 287), há o predomínio da: “liberdade vigiada- mecanismos de controle, autoridade paterna, submissão e transgressão”.

A liberdade vigiada e o controle das famílias sobre os/as filhos/as no âmbito doméstico são perpassados e reproduzidos no interior dos movimentos sociais. Aos/às jovens são delimitados os espaços onde irão atuar e quais serão as suas ferramentas de trabalho, são relações de poder enunciadas pelas vozes masculinas, um poder masculino legitimado. Para Saffioti:

A presença ativa do machismo compromete negativamente o resultado das lutas pela democracia, pois se alcança, no máximo, uma

democracia pela metade. Nesta democracia coxa, ainda que o saldo negativo seja maior para as mulheres, também os homens continuarão a ter sua personalidade amputada. E vale a pena atentar para este fenômeno. (SAFFIOTI, 1987, p. 24)

As falas, as imagens e os símbolos retratados em grandes coletivos, permitem compreender as relações de poder silenciosas, conforme Saffioti ações que não contribuem para a democracia, ao contrário é uma democracia pela metade, representada pelas vozes masculinas e efetivada nos espaços coletivos.

A mística que impulsiona as lutas e as marchas, para os/as jovens têm o sentido de vida, consegue apropriar-se das emoções dos/as indivíduos. Como isto é possível? Através dos gritos de guerra eclodidos no decorrer da marcha, reafirmarem todos e todas juntas o seu compromisso; relembram os indivíduos que no passado lutaram em prol do movimento social, estão construindo a sua memória coletiva Halbwachs (1990).

Outro aspecto é a predominância da cor vermelha, que corrobora a representação do sangue de muitos/as que morreram lutando; outro aspecto é a elevação das vozes, o discurso construído por cada um, o seu comprometimento em continuar as ações em prol de uma sociedade justa e igualitária.

Enquanto pesquisadora a marcha se mostrou importante para compreender, na prática, as lutas diárias e como é construída a memória coletiva de um movimento social. Os medos e anseios se fizeram constantes durante esta caminhada.

Em um dado momento, por exemplo, quando já estávamos no Palácio dos Três Poderes em Brasília, onde estava a maior concentração de militantes, a pesquisadora esteve bem próxima de bombas de efeito moral que a polícia jogou em direção aos/as militantes. Não foi uma situação agradável, senti muito medo, pois vivenciar o barulho e ver a fumaça tão perto causou medo, contudo todos estes processos fazem parte do caminho que percorremos no processo da pesquisa.

Nesse momento, durante um conflito, duas pessoas do movimento e alguns policiais ficaram feridos, o motivo foi que haviam cruzeiros feitos pelo movimento com o objetivo de representar a morte de muitos/as militantes que morreram em prol do movimento. Ao não se entender o motivo do Movimento da manifestação e das cruzeiros, houve o conflito entre militantes e policiais, algumas pessoas ficaram feridas, logo depois foram atendidas.

Observamos que, enquanto alguns militantes ficaram com medo, outros/as corajosamente enfrentaram o medo e foram adiante. Observa-se que são seres humanos

e humanas, com formas distintas para expressar seus sentimentos e, somente na prática, no dia a dia é possível compreender tais sentimentos.

Participar da marcha no 6º Congresso Nacional do MST foi uma experiência significativa tanto para o enriquecimento da pesquisa, pois se apresentou uma oportunidade única baseada em nossa metodologia, quanto para a estruturação de uma experiência partilhada para a vida pessoal.

Como escreveu Guimarães Rosa: “Uma coisa é pôr idéias arranjadas, outra é lidar com um país de pessoas, de carne e sangue, de mil-e-tantas misérias... Tanta gente”.

## CAPÍTULO III

### JUVENTUDES SEM TERRA: PERSPECTIVAS E CAMINHOS

No terceiro capítulo será apresentada a relação entre o discurso e a prática<sup>53</sup> nas relações sociais que são estabelecidas entre as juventudes e o MST. O objetivo é efetuar uma reflexão acerca das dificuldades que os/as jovens vivenciam a fim de ocuparem distintos espaços, como também as expectativas quanto ao trabalho e à renda nos assentamentos, finalizando com a discussão sobre a importância do acesso à educação do/no campo como estratégia de pertencimento ao movimento social e à terra.

O movimento social é envolvido por conflitos e subjetividades e a participação das juventudes incentiva sua constituição enquanto sujeitos/as sociais autônomos/as. Entre os conflitos existentes se encontram as dificuldades que o movimento social enfrenta para considerar os/as jovens como protagonistas dessa história e capazes de ocupar suas esferas de organização, tais como os espaços de lutas, de elaboração de metas e decisões.

Apesar do esforço em construir um Coletivo para discussões das juventudes que integram o MST, há restrições. Os/as jovens são responsáveis por atividades diversas, tais como a construção, elaboração e efetivação da prática da mística, como também a organização e animação durante as marchas, no entanto, estão excluídas dos espaços decisórios. Esta realidade ocorre, pois tanto na cidade e quanto no campo, as juventudes são visualizadas como “baderneiras”, “irresponsáveis” e predomina a concepção de ausência de experiência e incapacidade para participarem das decisões. Para Pais (1990, p.141): “Historicamente e socialmente, a juventude tem sido encarada como uma fase marcada por uma certa instabilidade associada a determinados problemas sociais”.

Visto que os/as jovens são concebidos/as como “problemas sociais” e enfrentam distintos conflitos, para Weisheimer (2013, p. 23): “Não é exagero dizer que os jovens rurais não gozam do direito à cidadania quando se trata de admiti-los como sujeitos ou atores políticos, com direito de participar das decisões que afetam sua vida e seu

---

<sup>53</sup> O discurso enquanto ações e demandas defendidas pelo MST e a prática, enquanto ação ou não efetivada no cotidiano das práticas de lutas.

futuro”. Eles/as, em sua grande maioria, não têm seus direitos respeitados quanto a participar de projetos para o seu futuro.

Conforme Weisheimer (2013) para os/as jovens rurais a condição não é diferente, as famílias desconfiam de sua capacidade para a escolha de profissão, predominam conflitos e barreiras. Quando os jovens homens concluem o curso técnico agrícola com a expectativa de produzirem no lote familiar, encontram a resistência da família, especialmente dos pais. As jovens mulheres vivenciam dificuldades a fim de viverem sua liberdade, o que podem envolver a liberdade de expressão, manifestar o que pensam, vivenciar suas paixões, ocupar espaços distintos, os conflitos vividos por esse grupo são múltiplos. As famílias, lideranças, a comunidade e os movimentos sociais consideram as juventudes em fase de transição, necessitam ser vigiadas e controladas a todo o momento. Para Castro (2009, p. 182):

*A juventude rural no Brasil é constantemente associada ao problema da “migração do campo para a cidade”. Contudo, “fica” ou “sair” do meio rural envolve múltiplas questões, onde a categoria *jovem* é construída, e seus significados, disputados. A própria imagem de um *jovem* desinteressado pelo meio rural contribui para a invisibilidade da categoria como formadora de identidades sociais e, portanto, de demandas sociais.*

A imagem de um/uma jovem “desinteressado/a” pelo campo que foi construída através das relações sociais estabelecidas entre as famílias e a comunidade; implica em conflitos e em estereótipos na avaliação desse grupo, além disso, dificulta a conquista de novas demandas sociais, por isso, muitos/as jovens migram para outros lugares, principalmente para as cidades.

Durante os encontros há a presença significativa de jovens que procuram expressar suas concepções de distintas maneiras e propõem temas que envolvem sua vida diária, através da música, da mística e dos silêncios.

### **3.1 DIFICULDADES: ROMPER CERCAS E CONSTRUIR CAMINHOS**

Durante as pesquisas em campo uma das metodologias utilizadas foi a aplicação de questionários, dos 50 jovens que participam das ações do Coletivo de Cultura,

Juventude e Comunicação CCJC foi possível aplicar 22 questionários, durante o 6º Congresso Nacional do MST, que ocorreu em Brasília durante o período de 10-14 de Fevereiro de 2014 e as atividades desenvolvidas no P.A 17 de Abril <sup>54</sup>. Visto que os espaços dos encontros são evidenciados por muito trabalho para os/as jovens, os outros questionários foram aplicados nos demais espaços, eventos científicos e durante as visitas aos assentamentos. Quanto a diferença de gênero que participou da pesquisa, o quadro abaixo exemplifica:

**Diferença de Gênero <sup>55</sup>**

<b>Jovens Mulheres</b>	<b>Jovens Homens</b>
14	08

As jovens mulheres participaram em maior número da pesquisa, conforme as informações do quadro, um total de 14 jovens mulheres e 08 jovens homens. Evidencia que apesar das dificuldades e barreiras para as jovens mulheres participarem nos espaços públicos, elas procuram através de sua presença nos espaços dos encontros, demarcar posturas, apresentam demandas e fortalecem sua identidade. Assim, a construção de um Coletivo específico para discutir as especificidades dos indivíduos sociais no âmbito da política dentro dos movimentos sociais, contribui para outras conquistas, para Sales (2010, p.431):

A criação dos coletivos fortaleceu a discussão sobre as relações de poder, a estrutura, a atuação e o controle dos movimentos sociais no que se refere às relações de gênero. Em consequência, essas questões passaram a ter fóruns específicos, como encontros, seminários.

As jovens mulheres se fortalecem em coletivo, passam a dialogar com as companheiras de luta e se sentem impulsionadas a participarem de encontros. Elas procuram conhecer, cada vez mais, as propostas do movimento social para um projeto diferenciado de sociedade<sup>56</sup>, somam forças, alteram caminhos, lutam por ideologias.

Apesar da presença significativa das jovens mulheres nos espaços de encontros, é preciso atentar quanto a sua participação efetiva no espaço do MST. Quais são os

<sup>54</sup> No momento em que foi efetivada a atividade no P. A Santa Luzia em Nova Alvorada do Sul, não foram aplicados questionários, apenas observações.

<sup>55</sup> Dados retirados dos questionários aplicados durante as pesquisas em campo.

<sup>56</sup> Um projeto ao qual todos e todas estejam inseridos/as, de maneira justa e igualitária na sociedade, no campo e na cidade.

espaços de participação política por elas ocupados dentro do MST e o que pensam a respeito? Os jovens homens também sentem dificuldades como estas, entretanto, não com a mesma intensidade.

No questionário, uma das questões versava sobre a participação das juventudes nos encontros do MST. Na opinião das juventudes os jovens homens participam mais das atividades, ressaltaram que, para as jovens mulheres, o processo de emancipação é longo e difícil para ser percorrido.

### **Participação Política no MST <sup>57</sup>**

<b>3</b>	<b>12</b>	<b>7</b>
<b>Jovens Mulheres</b>	<b>Jovens Homens</b>	<b>Os dois</b>

Para doze jovens que responderam ao questionário, tanto do gênero feminino quanto masculino, os jovens homens participam mais, dentre os números constatou-se que para três são as jovens mulheres e para sete jovens são os dois, não há diferenças quanto à participação, tanto os jovens homens quanto as jovens mulheres participam de maneira igualitária

Constatamos a pouca confiabilidade nas juventudes, tanto nos processos de decisão referentes aos assuntos familiares, quanto para que as jovens mulheres participem de encontros. Para Castro (2009, p. 32), essa realidade se apresenta, pois: “Ser jovem carrega a marca da pouca confiabilidade na hierarquia das relações familiares, ainda que assuma posição de destaque nos discursos sobre a continuidade do assentamento”.

As jovens mulheres relataram que a participação nas lutas do movimento é mais acessível aos jovens homens porque eles usufruem de facilidades para irem aos eventos e as marchas. Para uma jovem mulher que esteve presente no 6º Congresso Nacional do MST, os jovens homens participam mais:

[...] porque ele acaba assumindo algum setor e contribui na discussão e a jovem mulher acaba não assumindo um cargo. Porque ainda a mulher tem que esperar autorização de algum responsável para participar, se for de menor idade e também porque é mulher sempre está tomando conta da casa e os jovens homens já é mais liberal , mais

<sup>57</sup> Dados retirados dos questionários aplicados pela pesquisadora durante as pesquisas em campo.

voz ativa, por enquanto né. (Jovem Mulher, 20 anos, assentada, grifo nosso).

Há relações de hierarquia social e de poder entre homens e mulheres, a presença dos jovens homens é predominante e influenciada pela reprodução do patriarcado, que é um sistema inovador e com capacidade de se adaptar, se reconfigurar e perpetuar-se na figura do pai, irmão, companheiro, do MST, das instituições, com presença material e simbólica nas relações sociais entre as juventudes e as famílias.

Sales (2007), ao efetuar uma pesquisa com jovens do estado do Ceará de movimentos sociais no IV Curso de Formação sobre a Realidade Brasileira para Jovens do Meio Rural, constatou que havia mais homens do que mulheres, ela diz:

A justificativa das próprias jovens para tal diferença é a proibição dos pais, que consideram o agrupamento juvenil um lugar de perigo para as filhas. Das jovens presentes no curso foi possível verificar que muitas delas vieram acompanhadas pelos irmãos homens. Essa constatação revela a tradição de que o lugar das mulheres é o espaço privado. Por outro lado, nos últimos anos, a mobilidade campo-cidade é feita principalmente pelas jovens mulheres, mas embora isto demonstre uma mudança, convém observar que, ao deixarem a casa e a família em busca de trabalho, elas sempre têm como referência na cidade um parente adulto. (SALES. 2007, p. 251-252)

Diante das palavras da jovem e da autora Sales, são os homens que participam mais e assumem cargos de responsabilidade. As mulheres necessitam da autorização de alguém de maior idade para estarem presentes em espaços decisórios e ainda, se for mulher e de menor idade, mais longo será o caminho para a superação dessa condição que lhe é imposta. Se a jovem se desloca para a cidade em busca de trabalho, geralmente a sua proteção é confiada a um parente adulto/a.

A construção social da dominação masculina e o controle sobre os corpos das mulheres, evoluem as suas vontades, os desejos e anseios, é perpassada por um processo de socialização o qual envolve o interior das práticas dos movimentos sociais. Na atividade realizada no P. A Santa Luzia, em dezembro de 2013, ao conversar com as juventudes, jovens relataram que amigos/as não haviam se deslocado até a atividade por ausência de autorização da família, visto que haveria no espaço a significativa concentração de jovens, apesar da presença de adultos/as.

Esta realidade ocorre, pois há a construção social de que as mulheres são inferiores aos homens, tal concepção interfere diretamente na vida das jovens,

principalmente para adentrarem os espaços públicos. Para Aguiar; Stropasolas (2010, p. 173): “Em diversas esferas como trabalho, poder de decisão na propriedade e nas negociações, renda, autonomia, sexualidade, liberdade, lazer, dentre outros, a mulher jovem encontra-se ainda numa posição de desfavorecimento”.

Durante os encontros, os homens têm prioridade ao acesso à palavra, eles falam primeiro e, posteriormente, as mulheres. Quanto às juventudes, conforme observou-se durante os encontros, não há espaços democráticos para que as juventudes se expressem e sim espaços específicos para os/as jovens discutirem os assuntos relacionados com a juventude, momentos delimitados. Quanto à participação das mulheres ao direito à palavra, Bourdieu (2002, p.37) explica:

Quando elas participam de um debate público, elas tem que lutar permanentemente, para ter acesso à palavra e para manter a atenção, e a diminuição que elas sofrem é ainda mais implacável por não se inspirar em má vontade explícita e se exercer com a inocência total de inconsciência. Cotam-lhes a palavra, orientam, com a maior boa fé, a um homem a resposta a uma pergunta inteligente que elas acabam de fazer (como se, enquanto tal, ela não pudesse, por definição, vir de uma mulher).

Se lhes é oferecido algum espaço para discussão, é limitado. É preciso refletir sobre a participação efetiva das juventudes nos processos de decisão no interior das famílias e nos movimentos sociais e, como as jovens mulheres criam espaços onde possam se emancipar e terem autonomia para falar, produzir alimentos saudáveis e de qualidade nos espaços dos assentamentos, e construir novos caminhos.

Porém a última frase da jovem de 20 anos assentada nos diz: “Porque ainda a mulher tem que esperar autorização de algum responsável para participar, se for de menor idade e também porque é mulher sempre está tomando conta da casa e os jovens homens já é mais liberal, mais voz ativa, por enquanto né”. Ela evidencia que, “por enquanto” os homens estão na liderança das decisões. Como demonstra Bourdieu (2002), os/as indivíduos não são totalmente dominados/as a ponto de não se moverem, ou incapazes de construir espaços de resistência, os/as que são “dominados/as” possuem estratégias de resistência e de poder.

Durante o 6º Congresso Nacional do MST, em Brasília, a pesquisadora presenciou um conflito entre uma jovem mulher e uma liderança masculina, gerado pelo debate sobre a “participação dela em uma mística”. Ele alegou que a jovem mulher não

poderia participar, pois não estava cumprindo com a responsabilidade de permanecer todos os dias na plenária, por este motivo, não iria participar da mística organizada pelo Estado ao qual pertencia, o Mato Grosso do Sul.

Conforme o relato da jovem, a liderança masculina mudou de posição diante de sua atitude firme em não retroceder perante a decisão de não participar da mística. Além de representar uma figura masculina, ele era um parente consanguíneo da jovem, acreditava que ela “obedeceria” a sua ordem.

Porém, a jovem sustentou sua opinião e defendia seu direito de participar da mística, relatou ainda, o constrangimento por ter sido afrontada diante de outros/as militantes do estado de Mato Grosso do Sul. Por fim, a liderança mudou sua decisão e como forma de resistência, a jovem mulher decidiu não participar mais da atividade.

Esse episódio evidenciou a construção social da dominação masculina nos espaços internos do MST, as subjetividades e os conflitos vieram à tona por meio da pesquisa em campo, foi possível compreender a invisibilidade de atitudes sexistas e desigualdades entre homens e mulheres.

Para Saffioti:

Do exposto pode-se facilmente concluir que a inferioridade feminina é exclusivamente social. E não é senão pela igualdade social que se luta: entre homens e mulheres, entre brancos e não-brancos, entre católicos e não católicos, entre conservadores e progressistas. (SAFFIOTI, 1987, p. 15)

Evidencia-se o patriarcado no interior dos movimentos sociais, um sistema que não é questionado ou debatido pelos/as militantes. As juventudes procuram fazer essa reflexão no coletivo, mas continuam presos/as a uma conjuntura maior no Movimento. Ao observar as relações sociais estabelecidas no 6º Congresso do MST, apesar do patriarcado permanecer nas relações sociais, as juventudes criavam estratégias de resistências, ora coletiva, ora individualmente nas letras das músicas, em seus posicionamentos, ações e nas frases utilizadas nos cartazes.

Neste sentido, há um “longo caminho” a ser percorrido pelas juventudes, apesar dos posicionamentos frente à dominação masculina expressadas nas falas, nas ações e nos silêncios. As juventudes, homens e mulheres, entre subjetividades e descaminhos vão criando espaços de pertencimentos através de suas formas distintas de vivenciarem

as juventudes. Para Johnson e Silva (2013, p. 246): “[...] há um longo caminho a percorrer para a emancipação feminina, apesar dos avanços recentes”.

Os dados apontam que apesar da participação significativa na opinião das juventudes serem dos jovens homens, dos vinte e dois questionários aplicados catorze foram respondidos por jovens mulheres, e oito por jovens homens. Elas demonstraram que resistem às desigualdades e hierarquias no Movimento, ocupam lugares, expressam seus anseios e sua indignação frente ao sexismo imposto pelo patriarcado.

Como as jovens mulheres se posicionam? De diversas maneiras. Elas resistem através de sua participação no MST, algumas sazonais – por motivos já apresentados –, outras que estão nos espaços de liderança ocupam posições significativas, falam, organizam ações, atividades, discussões e incentivam outras jovens a “somarem na luta”.

Essa participação evidencia que as jovens mulheres não irão desistir, resistem e criam redes de relações através de sua firme decisão em continuar a luta com filhos/as, companheiros/as, amigos/as, família e outras jovens.

Para Sales (2010, p.437):

Os novos espaços que as jovens vão mapeando têm viabilizado a comunicação com outros jovens, outros grupos, e a partir desses contatos vão desenvolvendo teias de relações, redes de discussões, lugar para compartilhar experiências, conhecimentos, emoções, sensações.

É também um processo educativo e de ações contra o poder patriarcal, com avanços e recuos nas relações estabelecidas por conflitos, subjetividades e utopias. Procura-se intensificar as discussões sobre resistências e estratégias de mulheres jovens para a conquista de espaços no coletivo, como quebram barreiras e “cercas da ignorância”.

### **3.2 VOZES DAS JUVENTUDES**

Conforme discutido no capítulo II, a prática da mística na cotidianidade tem como objetivo, segundo os/as militantes jovens, dar vida às práticas, ou seja, lembrá-

los/as que estão na luta. Para nós, há também um sentido simbólico para manter a dominação masculina do MST, especialmente em relação às juventudes.

Não apenas a prática da mística contribui para a construção social da dominação masculina, como também as plenárias nos encontros. Como isso ocorre? Nos encontros, como em outros espaços de participação política, os/as militantes estão em constante movimento, organizam debates, a mística, estão nas marchas. Entretanto, ao compor uma mesa durante os espaços de discussões coletivas quem está presente? Os/as jovens? Quem tem o poder da voz primeiro, os homens ou as mulheres?

Durante as pesquisas em campo que foram efetivadas, nos assentamentos Itamaraty, em Ponta Porã, MS, Santa Luzia, em Nova Alvorada do Sul, MS, e no VI Congresso Nacional do MST, observou-se a intensidade da dominação masculina nestes espaços, não percebida e não questionada. As vozes das juventudes são ouvidas? Para Spivak (2010, p. 85): “Evidentemente se você é pobre, negra e mulher, está envolvida de três maneiras”, ou seja, mostra o quanto é tortuoso este caminho para que as mulheres possam se expressar nos espaços de decisão, com as juventudes por sua vez não é distinto.

Na formação das mesas de debates sobre os mais variados temas, sempre há o predomínio dos homens; quando as mulheres estão presentes, abordam assuntos “específicos” a elas, como gênero, produção nos assentamentos, o uso indevido do agrotóxico, como se para cada indivíduo, seja mulher ou homem, há assuntos específicos a serem abordados e discutidos, outros, porém, não devem ser destinados às mulheres e aos/as jovens. Elas desejam debater sobre todos os temas.

No 6º Congresso Nacional do MST, em uma das discussões durante a composição de uma mesa, havia quatro homens e apenas duas mulheres, eles falaram primeiro. Diante da construção social dos papéis pré-definidos para cada indivíduo, quando a mulher conquista uma posição de destaque, é preciso que lute insistentemente para ser ouvida pelos/as demais. Com as juventudes não é distinto, quando um/uma jovem deseja falar, se expressar, há sempre ao seu lado um adulto que, sem perceber, evidencia a violência simbólica (BOURDIEU, 1998), exerce o poder sob o/a outro/a, conforme observou-se durante a atividade no assentamento Santa Luzia em Nova Alvorada do Sul.

Logo no início das atividades com a presença de juventudes, famílias e a Universidade (UFGD) para debaterem sobre a realidade dos/as jovens nos

assentamentos, a apresentação de um jovem sobre as atividades foi acompanhada por um adulto homem, que se manteve ao seu lado. Nessas instâncias, o diálogo pode aproximar as gerações aos mesmos objetivos.

No entanto, observa-se o exercício do poder nas ações, palavras e nos olhares, como se o/a jovem, no período da juventude – momento de transição –, não fosse capaz de se expressar de maneira autônoma e relatar a sua realidade no assentamento. É como se estivesse ali sem refletir sua luz, está invisível.

Durante o 6º Congresso do MST, não houve destaque para temas sobre juventudes, tais como a permanência e saída dos/as jovens dos assentamentos. Em apenas um dia, ocorreu a 3ª Assembleia da Juventude Sem Terra, quando as juventudes se reuniram para discutir sobre a sua realidade, um lugar demarcado onde não estavam todos/as presentes.

Entre avanços e recuos, ambiguidades, conflitos e contradições, acreditamos que seja possível refletir entre as gerações – entrelaçando seus saberes e conhecimentos –, temas como trabalho, educação, lazer, cultura, acesso das juventudes aos recursos e financiamentos e à terra. A delimitação de espaços não contribui para transformações dessa realidade, ao contrário retarda o avanço para a constituição de um projeto de sociedade onde todos e todas façam parte.

A ampliação do debate e a soma de forças entre os distintos sujeitos sociais, é propícia para as juventudes construírem/ampliarem conhecimentos acerca dos anseios da comunidade e de seus sonhos e ideologias. É preciso diminuir a distância existente entre gerações, mulheres e homens nos assentamentos, principalmente, nos espaços decisórios e nas famílias, segundo Wanderley (2007, p.24) com “a direção do pai, aonde a vida dos jovens é fortemente marcada pelas suas relações com a família e a comunidade local”.

Com dificuldades e limitações, as juventudes se mantêm firmes em seus propósitos, estão presentes em momentos de decisão, dialogam entre si, criam espaços de autonomia, e precisam avançar em direção às decisões sobre seus projetos de vida.

A autonomia pressupõe a presença e valorização das juventudes nos eventos, nas diversas atividades e mesas de debates acerca de sua realidade e de outros aspectos que envolvem as demandas dos MST e de outros movimentos sociais. A participação nas místicas ou em outros processos como coadjuvantes, não contribui para essa autonomia, eles/as são protagonistas de sua própria história e a do MST, e o reconhecimento de tal

protagonismo é fundamental. O MST enquanto um sujeito social coletivo deve reconhecer as suas limitações e efetuar uma autocrítica acerca de suas ações, com o objetivo de ampliação da democracia interna, em todos os âmbitos e envolver as juventudes e todos/as seus/as militantes.

As experiências das pesquisas em campo mostraram que o MST abaliza os espaços às juventudes, há controle sobre quando e o que podem falar, exercido diretamente por homens. Nas respostas dos questionários, as juventudes relataram que, a participação de jovens homens nas instâncias do movimento social é mais aceita, no entanto, sobre a avaliação de suas considerações e ideias em relação às especificidades de concepções das gerações. Para os/as jovens: “[...] a mulher é mais retida pela família devido a cultura machista da desconfiança em ser feminino.” (Jovem Homem, 26 anos, assentado).

Para Foucault (1979, p.183):

O poder deve ser analisado como algo que circula, ou melhor, como algo que só funciona em cadeia. Nunca está localizado aqui ou ali, nunca está nas mãos de alguns, nunca é apropriado como uma riqueza ou bem. O poder funciona e se exerce em rede. Nas suas malhas os indivíduos não só circulam mas estão sempre em posição de exercer o poder e de sofrer a sua ação; nunca são o alvo inerte ou consentido do poder, são sempre centros de transmissão. Em outros termos, o poder não se aplica aos indivíduos, passa por eles.

O poder está em todos os lugares, exerce dominação de uns sob outros/as, designa uma relação de hierarquia social na qual não se respeita a diversidade, a cultura, os desejos dos/as sujeitos/as sociais, suas consequências podem e são trágicas. No que tange às juventudes, é possível observar a reflexão de Foucault no sentido de interiorização do poder pelas/os jovens.

Outro momento o qual nos faz compreender a construção da dominação masculina nos espaços dos movimentos sociais, tendo como ponto de análise as juventudes, são suas próprias vozes ao expressarem opiniões sobre a participação nos movimentos sociais. Podemos observar a relação existente entre dominante e dominado, e as estratégias de resistências, que são efetivadas a todo o momento.

Conforme Bourdieu (2002), “as causas e efeitos sociais da dominação simbólica” são múltiplos, porém os/as indivíduos não são totalmente dominados/as ou

presos/as que não possam se mover de um lado para o outro. Esta reflexão foi observada nos conflitos existentes nos encontros. Conforme o autor:

[...] O efeito da dominação simbólica (seja ela de etnia, de gênero, de cultura, de língua etc) se exerce não na lógica pura das consciências cognoscentes, mas através dos esquemas de percepção, de avaliação e de ação que são constitutivos dos 'habitus' e que fundamentam, aquém das decisões da consciência e dos controles da vontade, uma relação de conhecimento profundamente obscura a ela mesma. Assim a lógica paradoxal da dominação masculina e da submissão feminina, que se pode dizer ser, ao mesmo tempo e sem contradição, espontânea e extorquida, só pode ser compreendida se nos mantivermos atentos aos efeitos duradouros que a ordem social exerce sobre as mulheres (e os homens), ou seja, às disposições espontaneamente harmonizadas com esta ordem que as impõem. [...] (BOURDIEU, 2002, p. 49/50).

Além do uso elevado da voz, geralmente de um homem adulto, como forma de convencimento, não apenas nas místicas, mas em momentos que exigiam responsabilidades, a presença de todos/as na plenária para representar o seu Estado, levantar cedo, trabalhar nas instâncias do evento para manter a ordem, não foi aceito. Houve resistências por parte das juventudes e o questionamento de regras e imposições das gerações e lideranças.

As situações acima citadas estão intimamente relacionadas com o machismo, para Pinto; Meneghel; Marques (2007, p. 2) relatam que: “Já ao machismo não se restringe aos homens, a maioria das mulheres sofre uma socialização que as preparou para aceitar a dominação masculina”. As jovens mulheres interiorizaram que não devem participar dos processos decisórios da família e também que as suas ações dentro do movimento social devem ser restritas a alguns aspectos, com ações e papéis pré-definidos, é como se para as jovens mulheres houvesse delimitação de espaços. Para Bourdieu (2002, p.41), “dela se espera que sejam “femininas”, isto é, sorridentes, simpáticas, atenciosas, submissas, discretas, contidas ou até mesmo apagadas”.

É possível construir um olhar diferenciado não apenas para como são construídas estas relações de conflitos, como também observar quais os motivos que impulsionam os homens a exercerem determinadas ações. Os estudos quanto às masculinidades, ou seja, o processo educativo para os homens em nossa sociedade, são importantes para se compreender o que os impulsiona a agirem de determinadas maneiras, olhar para estes homens, escutá-los de forma atenta.

Os homens são ensinados a exercerem diversas posturas, como não demonstrar os seus sentimentos, não chorar, ser o provedor do lar, entre tantas outras atitudes que podem contribuir para a construção da dominação masculina, a dominação do macho sobre a fêmea, em todos os meandros da nossa sociedade. Como salienta Saffioti:

[...] ser *macho* não significa somente ter êxito econômico. Ao macho estão sempre associados valores tais como força, razão, coragem. Logo, os raquíticos, os afetivos, os tímidos são solicitados impositivamente a se comportarem de forma contrária às suas inclinações. São, pois obrigados a castrarem certas qualidades por serem estas consideradas femininas, por conseguinte, negativas para um homem. Para não correr o risco de não encarnar adequadamente o papel do *macho* o homem deve inibir sua sensibilidade. (SAFFIOTI, 1987, p. 25)

Donald Sabo (2002), em sua reflexão sobre “O estudo crítico das masculinidades”, ao refletir sobre gênero destaca a construção de papéis a serem desempenhados por homens na sociedade, tendo como objeto de estudo o futebol<sup>58</sup>, espaço que contribui para ações machistas, assim como ocorre nos movimentos sociais.

Os homens participam do MST e, ao longo do processo histórico, são educados e socializados através de distintos símbolos, como as músicas, místicas, bandeiras, cores que simbolizam o movimento, incentivam a permanência na luta e a manutenção de posturas que representem o coletivo. Os/as jovens, em suas trajetórias, ao vivenciarem ações e orientações como essas, as internalizam como práticas diárias; a mudança ocorrerá em longo prazo, não é considerada como impossível, diante das considerações de jovens durante a pesquisa.

Neste sentido, quando perguntamos às juventudes sobre a sua participação no movimento, especialmente em relação ao debate acerca de sua permanência ou saída dos assentamentos e dos espaços de participação, há um discurso distinto entre jovens que estão mais próximos/as das lideranças. É como se os códigos de silêncios ou até mesmo de convencimento fossem interiorizados de maneira mais significativa.

As práticas diárias do MST contribuem para que as juventudes mais próximas às lideranças, construam discursos que não afetem coletivamente as decisões tomadas no interior do Movimento. Esse/as jovens, na maioria, participam do movimento desde a

---

<sup>58</sup> Os jogos de futebol são comuns nos assentamentos, e quase o único lazer período que se observa nesses espaços.

infância com as famílias, aos quais os processos de socialização contribuem para a dominação e hierarquia social entre os/as sujeitos sociais, de maneira natural.

Os discursos de jovens que estão distantes das lideranças e participam sazonalmente das atividades políticas, são mais críticos, eles conseguem compreender a dominação, de modo mais autônomo, não há controle sobre a sua postura, concepções, enfim, uma obrigatoriedade em aceitar as orientações “naturalmente”. Em momentos de interação durante o 6º Congresso Nacional do MST, jovens relataram a admiração pela luta do movimento social e sua identificação com ela, porém, destacaram a relevância em efetuar a autocrítica, principalmente quanto à participação das juventudes em todos os espaços do MST, não apenas em lugares específicos.

### **3.3 EXPECTATIVAS QUANTO AO TRABALHO E A RENDA**

Durante as pesquisas em campo foi possível vivenciar a importância de trabalho e renda para as juventudes dos assentamentos, a fim de que possam construir estratégias de pertencimento e permanecerem no campo. Eles/as relataram o desejo em permanecerem no campo, tanto quem está nos acampamentos, quanto nos assentamentos, porém, existem muitas dificuldades e poucas perspectivas para esse grupo, uma das causas apontadas pelos/as jovens para a sua saída dos assentamentos é a ausência do trabalho.

O trabalho e a renda é uma categoria significativa para compreender as juventudes que estão no campo, pois todo/a sujeito social humano e humana necessita dos meios necessários a sua subsistência e, para vivenciar uma vida plena e feliz. Com os/as jovens sem terra não é diverso, uma das discussões constantemente em pauta nos coletivos, são as possibilidades de trabalho e renda para as juventudes. Freire (2014, p. 121) salienta:

Que se possa viver o campo com dignidade, em que o afeto da terra produza mais que renda e se converta numa arena fértil e fecunda de oportunidades de acesso a educação, cultura, esporte, lazer, comunicação, tecnologias, referenciadas de pertencimento, de diversidades – étnico- racial, gênero, geração, opção sexual, ambiental, cultural. E que se encontre uma profusão de igualdades de direitos, em que diferença seja afirmativa de identidades plurais e campo seja baluarte de projetos de felicidade no olhar dos (as) jovens.

Trabalhar e obter renda no campo são direitos a serem garantidos aos/as jovens e que, sucessivamente, outros direitos sejam reconhecidos e conquistados para a vida no campo, como direitos ao crédito, lazer e à saúde, dentre outros. Conquistar direitos é um caminho para a projeção de emancipação e o reconhecimento de outras diferenças como étnico-racial, de gênero e geração.

Essa discussão no MST está pautada na organização de cooperativas nos assentamentos, para a atuação de jovens assentados/as e suas famílias, militantes do Movimento ou não. Essa discussão é importante porque constatamos que o movimento social está interessado em construir estratégias de pertencimento para que os/as jovens permaneçam no campo.

Algumas questões do questionário versaram sobre as expectativas das juventudes em relação à vida no campo, dentre as perguntas, podemos destacar: se há renda compatível com suas necessidades e quais trabalhos desejam para o campo. Observamos que os/as jovens anseiam realizar distintos trabalhos e, assinalaram a pluriatividade nos assentamentos como uma das alternativas para escolherem suas atividades, estas podem se apresentar diversas, como ligadas à saúde, educação, comércio e cultural.

A pluriatividade aponta novos caminhos e pode contribuir para a obtenção de renda nos espaços do campo, para Silva; Schneider (2010, p. 184):

Os pesquisadores que se dedicaram a compreender os efeitos da pluriatividade nas famílias de agricultores já demonstraram que ela é capaz de aumentar, estabilizar e diversificar a renda, ocupar a mão de obra excedente da propriedade, estimular os mercados locais e contribuir com a permanência da população no meio rural.

As juventudes não são estáticas, estão em constantes transformações, é um grupo heterogêneo com especificidades frente ao modo e trajetória de vida, projetos para o futuro, no entanto, se aproximam com vistas à conquista de direitos. Alguns/as jovens integram o Coletivo do MST, outros/as não, mas não são impedidos/as de participarem das atividades. Há jovens que estão em pré-assentamentos, acampamentos, assentamentos ou nas cidades, não há limites para as suas vozes que ecoam por diversos lugares e retratam diversas realidades e anseios das juventudes. São protagonistas de sua história, trilham caminhos e ressignificam o campo.

Para Sauer (2010, p.80): “Novos movimentos sociais se somaram às demandas das organizações já existentes, articularam-se com partidos políticos e coligações urbanas nas manifestações exigindo democracia e liberdade política”. Os/as jovens se organizam com os movimentos sociais, através de suas ações no Coletivo de Cultura, Juventude e Comunicação/ CCJC, somam forças, buscam fortalecer a democracia e ampliar a participação política.

Como já salientamos, alguns/as jovens participam de maneira sazonal, essa condição não fragiliza o grupo, eles/as mostram ao MST, às famílias e comunidades a luta por um novo campo, que possibilite sua atuação como sujeitos sociais de direitos, o acesso ao trabalho é um requisito fundamental.

Várias atividades para a obtenção de renda foram apresentadas por jovens durante a pesquisa, três jovens mulheres, ao serem indagadas sobre qual trabalho poderia ser realizado no campo, relataram:

Trabalho com teatro pra inserir a juventude que as vezes é esquecida no assentamento. (Jovem Mulher, 18 anos, reside em um Pré-Assentamento).

Nenhum específico, mas algum que inclua os jovens. (Jovem Mulher, 17 anos, acampada).

Um trabalho que envolvesse toda a juventude, que tivesse uma renda para todos. (Jovem Mulher, 23 anos, reside em um Pré-Assentamento).

A primeira jovem mulher reside em um pré-assentamento, destacou a importância de um trabalho com teatro e o envolvimento das juventudes, pois para ela, em muitas ocasiões os/as jovens são esquecidos/as. As outras duas jovens ressaltaram a importância de um trabalho que visibilize os/as jovens e sua capacidade como protagonistas, e não como coadjuvantes, em muitos casos são silenciados/as e/ou esquecidos.

Silenciar e/ou esquecer as juventudes, tanto para trabalhar, como para as discussões coletivas, foi destacado nas considerações de jovens durante a pesquisa, como uma desvalorização de sua capacidade de interação nas atividades e tomada de decisões.

A desvalorização da categoria juventudes não avança nas questões de direitos, ao contrário, há um retrocesso, para Castro (2009, p. 22): “A não valorização ou

singularização dessa categoria social contribui para a sua invisibilidade”. Invisibilidade retrata a ausência de luz que algum objeto possui, assim quando as comunidades, as famílias e os movimentos sociais deixam de visualizar as juventudes como capazes de intervirem na realidade, pouco a pouco estão apagando suas luzes.

É digno de nota ressaltar as múltiplas dificuldades vivenciadas inicialmente e posteriormente a chegada à terra, assim que as famílias adentram ao lote, irão reconstruir suas vidas, o que envolve a busca por alimento, moradia, educação, saúde, para Farias (2008, p. 177):

Nesses espaços sociais- os assentamentos-, as múltiplas necessidades e os diversos anseios das pessoas entram em conflito constantemente. Dessa maneira, é fundamental uma atuação dos assentamentos que os compreenda como um espaço em construção, constituído por rupturas, (des)construções e (re) construções de modos de vida, diante de variados projetos existentes no cotidiano das famílias.

Conforme Farias as necessidades e os anseios passam por conflitos constantes, por isso, os assentamentos são construídos a cada dia, a cada luta, vão se fazendo através de rupturas e construção de modos de vidas, que se apresentam distintos. Ciente da necessidade nos assentamentos, sabemos o quanto é complexo atender todas as demandas, visto que não estão prontas e não são estáticas, portanto, a reflexão acerca dos anseios das juventudes é primordial nesse processo.

A fim de permanecer na terra as jovens mulheres desejam conquistar seu espaço de luta e trabalho, individual e coletivo. Uma jovem relatou que em algumas ocasiões, em encontros para reflexões coletivas, nem todos/as jovens são informados/as, assim seria possível pensar na possibilidade de um trabalho no assentamento voltado a criar um meio de divulgação e intercambio entre os/as jovens dos assentamentos e acampamentos.

Através dos diálogos entre os/as jovens e as lideranças seria possível pensar em possibilidades concretas, como a construção de um espaço de trabalho para a efetivação de comunicação rápida, uma rádio comunitária ou uma rede de saberes, utilização responsável de redes sociais.

Segundo as juventudes, atividades como essa, viabilizariam compartilhar experiências, divulgar notícias de vestibulares, encontros regionais, estaduais, ou nacionais e criar condições para reflexões sobre projetos que deveriam ser

desenvolvidos por esse grupo nos assentamentos. Enfim muitas experiências poderiam ser partilhadas pelas juventudes, a fim de contemplar a diversidade e a multiculturalidade das juventudes e comunidades. Para Flores; Silva (2014, p.143):

É necessário criar oportunidades para que os jovens deem continuidade à agricultura familiar. Para isso, não basta ter amor à terra e resistir, mas isso tem que estar atrelado a uma política pública que garanta aos jovens uma renda regular, seja na lavoura, seja em outras atividades que eles queiram desenvolver no assentamento. Além disso, deve envolver melhores condições de estudo, mais cultura e lazer, bem como mais possibilidade de aposentadoria, considerando que o campo já tem seus atrativos como custo de vida mais barato, melhor qualidade de vida, hospitalidade, estar próximo da família e a relativa liberdade do agricultor em não depender de um patrão.

Espera-se a definição e implementação de políticas públicas que garantam uma renda regular aos/as jovens para desenvolverem outras atividades não intimamente relacionadas ao campo – comércio, artesanato, saúde, educação – ou se voltarem à pluriatividade do trabalho no campo; articulando a agricultura familiar com outras atividades, respondendo às necessidades das populações dos assentamentos, que é diverso e está em transformações constantes.

A principal causa da saída dos/as jovens do campo, é a ausência de renda própria, corroboramos com Flores; Silva (2014, p. 136):

As possíveis causas das saídas dos jovens estão relacionadas à falta de renda própria, alternativas profissionais, políticas públicas que garantam a permanência dos jovens, infraestrutura, alternativas para construir nova família, educação, cultura e lazer.

A pluriatividade é uma das opções para a obtenção de renda e o exercício de autonomia das jovens mulheres nos espaços do campo, com potencialidade para criarem rupturas no modelo de divisão social e sexista do trabalho, que delega papéis “apropriados” aos homens e às mulheres.

Há um direcionamento das jovens mulheres aos trabalhos no âmbito privado, como os afazeres da casa e seu entorno, e dos jovens homens aos espaços públicos. O estudo realizado evidencia que, apesar disso, as jovens mulheres do CCJC vivem entre os conflitos e as resistências para a conquista de seus espaços, mesmo que a passos tímidos.

Nos assentamentos, a pluriatividade poderá contribuir para que outros caminhos sejam trilhados pelas juventudes em busca da igualdade de direitos entre mulheres e homens e o questionamento das relações de poder, conforme argumentam Silva; Schneider (2010, p.193): “Assim, concebe-se que essa prática pelas mulheres pode alterar as relações de poder no meio rural, ao gerar autonomia financeira, além de ser uma forma de evitar as migrações em busca de emprego”.

A vida no campo é influenciada por transformações na sociedade, que podem resultar em qualidade ou dificuldade, as perspectivas são imprevisíveis, e os/as jovens sem terra também contribuem através de ações políticas no movimento social, com o objetivo de contribuir significativamente para as mudanças desejadas e amenizar as dificuldades.

O campo não é um espaço distante ou isolado, ou para onde as pessoas deslocam aos finais de semana para lazer ou em busca de sossego e tranquilidade, o campo é um lugar de vida e reconstrução de histórias. Não há dicotomia ou fronteira, projetos diferenciados entre o campo e a cidade, os assentamentos possuem praticamente todas as tecnologias disponíveis na cidade como internet, televisão, técnicas para a agropecuária, entre outras particularidades. Não há uma dicotomia entre campo e cidade, mas especificidades que não impedem o “trânsito” concreto e simbólico entre esses espaços e tempos, que se transformam de modo mais ou menos contínuo, com maior ou menor visibilidade.

Historicamente, o campo era retratado como um lugar distante, onde viviam pessoas com pouca ou nenhuma instrução. Atualmente, um novo campo se constitui, com indivíduos conscientes de sua realidade, detentores de conhecimento científico em diálogo com saberes tradicionais apreendidos ao longo dos anos, que devem ser respeitados e compartilhados. O campo é um espaço que emana vida, as transformações ocorrem, mesmo que silenciosamente. Para Bagli (2006, p.81):

Na cadência da mudança, espaços são transformados e se transformam. O aparente reflete a intensidade e a velocidade dessas transformações, revelando o multifacetado processo de mudança. Contudo, há também aquilo que muda e que não se apresenta como algo mudado. Transformações escondidas sob o véu de uma aparente inércia, mas que não deixam de acontecer.

Os espaços são transformados e as transformações, muitas vezes, não são visualizadas, mas elas ocorrem no dia a dia e, no silenciamento das vozes juvenis, sujeitos/as e mudanças permanecem no anonimato, não repercutem em todos os âmbitos, porém conforme Bagli (2006) não deixam de acontecer.

As concepções sobre o trabalho também se alteram e geram o desejo e a necessidade de realização de diversas atividades por parte das juventudes dos assentamentos, que podem ser viabilizadas através da pluriatividade.

Diversas posições foram salientadas por jovens na pesquisa, dentre elas a defesa pela criação de agroindústrias, comércio, postos de saúde.

Vejamos algumas considerações:

Agroindústrias, porque gera vários tipos de emprego tanto para o jovem quanto para o adulto. (Jovem Mulher, 14 anos, assentada).

Agroindústrias, tais como laticínios e fábricas que industrializem a matéria prima, a mandioca. Pois produz bem no assentamento. (Jovem Homem, 27 anos, assentado).

Observamos particularidades nas falas das juventudes quanto ao trabalho e à renda que anseiam para o campo. Uma jovem mulher e um jovem homem desejam a construção de uma Agroindústria no assentamento que residem com suas famílias e anseiam permanecer no campo através do trabalho efetuado em coletivo e a obtenção de renda para si e seus familiares. A mandioca foi um produto destacado como alternativa para gerar renda, pode ser comercializada tanto *in natura* quanto processada (seus derivados) e é muito comum sua produção nos assentamentos.

O comércio ou a atuação em postos de saúde, como alternativa de trabalho, foi apontada por outras jovens. Vejamos nas palavras:

Um trabalho comercial. (Jovem Mulher, 14 anos, assentada).

Deveria existir agente de saúde, porque é importante para idosos, gestantes, crianças. (Jovem Mulher, 24 anos, acampada).

A jovem mulher destaca a importância da instalação de “um comércio” nos assentamentos, onde poderiam ser encontrados diversos produtos, desde vestuários até produtos agrícolas, para atender as demandas da comunidade, sempre levando em conta,

as considerações e propostas coletivas apresentadas pelas juventudes, em diálogo com toda a comunidade.

A jovem mulher que está acampada conjectura, desde agora, um posto de saúde no assentamento e informalmente acrescentou esse mesmo atendimento nos acampamentos. Acredita que é importante tanto para ela, quanto às demais pessoas – mulheres e homens idosos/as ou jovens, crianças e gestantes – que estão no mesmo espaço de lutas. O tema de acesso à saúde é relevante para compor os debates coletivos e as metas para as lutas dos movimentos sociais, um tratamento rápido é direito de todos/as, sem que percorram um longo caminho até à cidade mais próxima.

A profissionalização adequada na área da saúde, é uma alternativa de trabalho para as juventudes, além de outras já citadas – a rádio comunitária, a rede de saberes e as redes sociais – que possibilitará a construção de espaços propícios para o cuidado com sua saúde, tanto física como psicológica e poderão permanecer nos assentamentos e próximas a sua comunidade.

Os diálogos acerca de cursos na área da saúde que atendam distintas bandeiras e reconheçam a pluralidade de identidades e as especificidades, de mulheres, homens, crianças, transexuais, gays e lésbicas, que estão nos acampamentos e assentamentos, podem ocorrer com o envolvimento de movimentos sociais, Universidades, da Secretária Nacional de Juventude e dos Coletivos de discussão

Está é uma luta e demanda dos/as jovens quanto à discussão, criação e formalização de políticas públicas para os/as sujeitos sociais, com respeito e valorização das diferenças, que irão propiciar segundo Stropasolas (2014, p. 194) a:

[...] interação cada vez maior entre campo e cidade, as crianças e os jovens experimentam e formulam novos modelos e padrões alternativos de consumo, de comportamento, de estética do corpo, sexualidade, ou seja, cada vez mais cedo, integrantes do público infantil e juvenil, de ambos os sexos, formula, novos planos e projetos de vida, redefinem identidades, valores e escolhas.

A interação entre os/as militantes do CCJC, em espaços distintos, contribui para a construção de novos projetos de vida. Conforme Stropasolas crianças e jovens redefinem identidades, valores e escolhas, escrevem novas histórias e caminham por outros espaços.

Jovens vivenciaram, quando crianças, a luta pela terra com as famílias, viveram momentos de partilha, coletividade e solidariedade debaixo da lona preta, como também de medo e insegurança à beira de rodovias. Suas identidades foram se constituindo através das experiências compartilhadas, de perdas de militantes, amigos/as e familiares. Para Yamin (2008, p. 220):

Seu anseio por um pedaço de chão, sua intimidade com movimentos sociais, as críticas desencadeadas às ideologias dominantes foram consequências de pertencimento dessas crianças nessa sociedade, de suas aprendizagens enquanto agentes ativos no processo de transformação de uma realidade.

O acampamento foi a continuidade do processo de transformações – considerando que a maioria desses/as jovens viveram em acampamentos –, através da socialização com os distintos sujeitos sociais. As juventudes apresentam necessidades, as dificuldades no assentamento em que vivem, são formas de ressoar suas vozes, marcar presença, apontar pautas e anseios, suas falas refletem luz. Para Yamin (2008, p. 221):

Foram reconstruídos com a ajuda de novas mediações, de novas situações de vida e de suas próprias ações sobre o mundo, considerando-se os fracassos e as vitórias obtidas. Isso ocorre porque eles também mudaram. A forma como avaliam o processo de luta está relacionada às conquistas do seu presente e das suas perspectivas para o futuro.

Para Yamin (2008) as vitórias e perdas enquanto crianças sem terra contribuíram para outras mediações e reflexões acerca de sua realidade. Agora jovens, avaliam o processo de luta olhando para o passado, vislumbram o futuro e ressignificam o campo, com perspectivas e novos caminhos.

Atualmente, as juventudes confiam na coletividade para a permanência no campo, um eixo da proposta e vivência dos movimentos sociais, aos quais participavam com suas famílias, trata-se de um processo de socialização na infância mediada por princípios solidários e emancipatórios.

O trabalho coletivo, em diversas áreas de atuação, para as juventudes, poderá somar forças e ser efetivado com o envolvimento de famílias e lideranças. Assim, novas relações sociais poderão surgir pautadas no agrupamento e na igualdade entre os/as

sujeitos sociais. É a busca por uma nova relação com o trabalho, conforme Bajoit; Franssen (2007, p.104):

O que muda não é tanto a importância do trabalho, mas, sim, a relação com ele. Enquanto no modelo tradicional a realização pessoal estava subordinada ao trabalho, hoje é o trabalho que tende a estar subordinado à realização pessoal, permanecendo, entretanto, como elemento e um *locus* essencial, embora não exclusivo. Nesse sentido, não se trata tanto de rejeição do trabalho, mas, sim, da reivindicação de um trabalho que tenha sentido para o próprio indivíduo e/ou que lhe deixe tempo para uma vida própria.

As juventudes, mediante os trabalhos coletivos poderão refletir sobre o seu papel na sociedade, compartilhar experiências com as famílias e as lideranças; conhecerão as lutas do passado, poderão se aproximar de outros/as sujeitos sociais com diferentes pensamentos e concepções de mundo. De tal modo a relação estabelecida com o trabalho será diferenciada, criativo, compartilhado e com autonomia, sem controle do padrão, serão detentores/as de uma vida própria.

As distintas atuações profissionais destacadas durante a pesquisa, indicam outros caminhos, exigem o acesso dessa juventude aos cursos específicos em vários níveis, técnicos ou superiores, enfim, acesso às políticas públicas, dentre elas, o direito à educação como estratégia de permanência na terra, é o que vamos destacar a seguir no próximo subtítulo.

### **3.4A LUTA POR EDUCAÇÃO COMO ESTRATÉGIA DE PERMANÊNCIA NA TERRA**

A luta por uma educação do/no campo, pautada em preceitos de solidariedade, coletividade e igualdade, se apresenta não apenas enquanto o direito de instalação de escolas em assentamentos com a atuação de educadores/as diferenciados, mas sim orientada por uma pedagogia libertadora. Uma educação como direito “concreto e histórico”, capaz de criar mecanismos para a análise crítica da sociedade, acima de tudo diferenciada em suas ações. Para Marschner (2009, p. 75):

[...] a luta pela Educação do Campo hoje é, sobretudo, uma luta social, uma luta por mais cidadania, uma demanda dos movimentos sociais

do campo. Luta-se pela Educação do Campo como um direito concreto e histórico, por uma educação que precisa acontecer desde o nosso lugar, partindo do nosso modo de vida e de produção. Para fazer a educação do campo é preciso estar inserido no campo.

A pedagogia libertadora difere dos moldes estabelecidos nos espaços das cidades, onde em sua grande maioria, os/as educandos/as são considerados/as apenas como números e os conhecimentos são transmitidos mecanicamente. A educação do/no campo é distinta, seu objetivo não é transmitir conhecimentos e sim, compartilhar saberes, experiências, trajetórias, lutas e sonhos, considera os/as educandos/as como seres humanos e humanas em potencial, valorizam as suas especificidades e transforma os espaços ocupados. Para Silva (2006, p.74):

Assim, precisamos resgatar a concepção de educação no sentido amplo de processo de *construção da humanidade do ser humano e do planeta*, que constrói referências culturais e políticas para a intervenção das pessoas e dos sujeitos sociais na realidade visando uma humanidade mais plena e feliz.

A educação do/no campo tem um viés distinto de outras vigentes na sociedade capitalista que prima pela formação de pessoas competitivas e acrílicas. Os princípios da educação do/no campo são diferenciados e dialoga com a realidade concreta de educandos/as, a partir de uma metodologia inclusiva e contextualizada com a cultura e o modo de vida do campo.

Esse diferencial qualitativo, dentre outros, está na Metodologia da Alternância, orientada pela relação entre “teoria e práxis”, para Marschner (2009.p.82):

A alternância é mais do que uma relação entre ensino presencial e ensino à distância. Na perspectiva do diálogo de saberes, defendido por Paulo Freire, a proposta de alternância articula teoria e práxis, possibilitando a relação ação- reflexão- ação num processo de formação continuada. Rompe-se, dessa forma, com a dicotomia entre o fazer e o pensar, o sentir e o conhecer, o conceber e o atuar. A reflexão teórica desenvolvida no tempo universidade desafia os/as educandos/as a assumirem uma inserção diferenciada em suas práticas no tempo comunidade, sejam elas nas escolas, nos movimentos sociais, nas cooperativas ou nas estruturas comunitárias. Busca-se a cada etapa avançar no sentido de sistematizar criticamente as ações cotidianas no sentido de construir um conhecimento novo acerca do social em seu contexto imediato

A luta por educação é histórica e conta com o envolvimento de mulheres, homens adultos/as, jovens e crianças não apenas dos espaços do campo, mas da cidade. No início da década de 90 ganhou força com a luta pela terra, constatou-se a necessidade de conquistar a terra, para plantar e viver e os meios necessários para a nela permanecer. E não poderia ser “qualquer educação”, deveria emergir do cotidiano dos povos do campo.

Essa inter-relação entre a luta pela terra e por educação fortaleceu o reconhecimento do direito à educação no/do campo, desde então distintos movimentos sociais do campo estruturam suas demandas pela efetivação da educação do campo com outros segmentos da sociedade, pesquisadores/as, militantes e indivíduos adeptos à causa.

Entre os movimentos sociais que participaram de discussões pela educação do/no campo, podemos destacar: o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST), Movimentos Indígenas (COIAB; APOINME; CIMI), Movimento Nacional dos Pescadores (MONAPE), Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB), Coordenação Nacional dos Quilombolas (CONAQ), Conselho Nacional dos Seringueiros (CNS), Movimento de agricultores/as trabalhadores/as rurais (CONTAG; FETRAF; MPA) e Movimento de Mulheres Trabalhadoras Rurais<sup>59</sup>.

A contribuição dos movimentos sociais na luta pela educação do campo é significativa, seus militantes acrescentam suas trajetórias e experiências ao processo de reivindicação, contribuem para o debate e a efetivação dos objetivos propostos, que devem resultar em políticas públicas para a educação do campo. Os movimentos sociais são parte central e peça chave para as lutas, pois conforme Silva (2006, p. 86):

A participação dos movimentos em conselhos e outros espaços institucionais de interlocução entre Estado e Sociedade, formulando e realizando o controle social das políticas, possibilita a construção de novas institucionalidades para a gestão social das políticas públicas, colocando o desafio de como articular a participação nestes espaços com as outras ações dos movimentos, com o seu processo organizativo, com sua capacidade mobilizadora e formativa.

---

<sup>59</sup> Dados retirados do texto de MUNARIM, Antônio. Elementos para uma Política Pública de Educação do Campo. In: MOLINA. Monica Castagna. (Org) Educação do Campo e Pesquisa. Questões para reflexão. Brasília: MDA, 2006.

Os movimentos sociais propiciam a interlocução entre o Estado e a sociedade civil, fazem o contraponto e o diálogo a fim de que as demandas sejam atendidas, e pressionam o Estado para responder às necessidades e especificidades da realidade dos povos do campo.

Os/as sujeitos em sua diversidade, mediados por movimentos sociais, vivenciam as dificuldades para permanecerem no campo com a ausência da educação. Eles/as são capazes de efetuar o diálogo com o Estado apresentando novas propostas, e podem participar da formulação e implementação de políticas públicas condizentes com os princípios da educação do campo.

Para Munarin (2006, p. 19):

Consiste na busca de construção de uma nova base conceptual sobre o campo e sobre a Educação do Campo. Trata-se da busca de superação do paradigma dominante, que, antes de tudo, projeta o campo como a faceta atrasada da sociedade. Com efeito, da visão dicotômica, que tem a cidade como o ideal de desenvolvimento a ser por todos alcançado, e o rural como a permanência do atraso, no Brasil, mormente tem se produzido políticas públicas voltadas ao desenvolvimento econômico e social em franco privilégio ao espaço humano citadino ou, mais que isso, em detrimento da vida no meio rural.

A busca por uma política de Educação do Campo propiciará o respeito às diversidades dos/as sujeitos sociais que compõe os espaços do campo, a história de luta não se findará, será a cada dia escrita e reescrita por todos e todas protagonistas. É neste contexto de lutas por uma educação do/no campo que entra em cena os cursos através do Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (PRONERA), voltado a vários grupos: assentados/as e dependentes, quilombolas, indígenas. São cursos em nível de alfabetização, níveis técnico, superior e de pós-graduação.

Trata-se da construção coletiva da educação do campo envolve os movimentos sociais, seus/as militante e outros/as atores e atrizes sociais que buscam o acesso à educação. Nesse cenário, por intermédio do MST, considerando essa pesquisa, muitos/as militantes acessam a educação em diversas áreas do conhecimento, se profissionalizam, ampliam o sentido de pertencimento ao movimento e o desejo de permanência no campo.

Ao dialogar com as juventudes nos espaços dos encontros durante o período de 2013-2015 nem sempre foi possível encontrar e conversar com os/as mesmos/as jovens,

pois os cursos são pautados na pedagogia da alternância aos quais são divididos em dois tempos. Há o Tempo Universidade, o período que os/as acadêmicos/as estão nos espaços das Universidades Públicas, ao cursar disciplinas, elaborar trabalhos, e cumprir às exigências para obtenção do título de nível técnico ou superior. E há o Tempo Comunidade, quando os/as acadêmicos/as estão nos lotes ao aplicar projetos e saberes adquiridos no tempo comunidade.

O PRONERA se apresenta como uma importante ferramenta para a permanência nos assentamentos, a discussão sobre esse programa surgiu em julho de 1997 no I Encontro de das Educadoras e Educadores da Reforma Agrária (ENERA) realizado em Brasília DF. Neste encontro, os/as participantes concluíram que seria necessária uma política pública específica com possibilidade de erradicar o índice de analfabetismo entre a população do campo <sup>60</sup>. Com o tempo e as parcerias estabelecidas com as Universidades Públicas Federais, educadores/as, pesquisadores/as e movimentos sociais foi possível articular redes de diálogos e concretizar, efetivamente, a luta pela formação da população do campo, incluindo os militantes de movimentos sociais.

Durante o momento da pesquisa entre os 22 jovens que participaram, entre os anos de 2013-2015 o quadro abaixo exemplifica os seguintes níveis de escolaridade:

#### CURSOS <sup>61</sup>

<b>Ensino Médio</b>	<b>Técnico/ Escola Família Agrícola</b>	<b>Técnico em Administração de Cooperativas pelo MST</b>	<b>Superior</b>
11	4	1	6

Fonte: Ana

Seis jovens no momento da pesquisa cursavam o nível superior em distintas áreas do conhecimento, outros/as porém estavam no Ensino Médio ou nas Escolas Famílias Agrícolas do estado de Mato Grosso do Sul. Entre os cursos de nível superior estão divididos da seguinte maneira:

<sup>60</sup> Fonte: INCRA <<http://www.incra.gov.br/pronerahistoria>>. Acesso em: 14 de Maio às 08:53.

<sup>61</sup> Dados obtidos dos questionários aplicados durante as pesquisas em campo, este quadro evidencia os diferentes cursos que os/as jovens estavam cursando no momento da pesquisa.

## CURSOS

<b>Direito</b>	<b>História</b>	<b>Medicina Veterinária</b>
<b>Licenciatura em Educação do Campo</b>	<b>Zootecnia</b>	<b>Instituto Agroecológico Latino Americano</b>

Durante a pesquisa, muitos/a jovens estavam em cursos superiores ligados a terra, como zootecnia, medicina veterinária, porém, duas áreas do conhecimento foram evidenciadas, do Direito e de História, avaliadas como relevantes para as juventudes, por serem cursos que envolvem temas como: a diversidade e pluriatividade dos trabalhos no campo, conforme apontado pelas juventudes quanto às expectativas de trabalho e renda nos assentamentos. Segundo o Caderno de Educação/Dossiê MST Escola (2005, p. 51):

Sabemos que existem diferenças entre um Estado e outro, entre uma região e outra. Contudo nossos objetivos e desafios são os mesmos. Precisamos RESISTIR e PRODUZIR na terra, que duramente conquistamos. Precisamos construir uma VIDA NOVA. E a escola que queremos deve ajudar neste processo.

As escolas do campo respeitam as diferenças e proporciona perspectivas para uma vida nova, ao incentivar e facilitar o acesso à educação de qualidade tanto em nível superior, como técnico em Escolas Famílias ou em outras modalidades, como cursos técnicos em Administração de Cooperativas pelo MST. Para Leandro (2002, p.6) o Curso tem o objetivo de: “formar quadros ao utilizar a educação e cooperação; incentivo à relação educação e trabalho; um sistema de alternância entre aulas presenciais (Tempo Escola) e atividades à distância (Tempo Comunidade) nas áreas de origens dos educandos”.

As experiências apresentadas pelas juventudes comprovam que a educação que o MST proporciona aos/as jovens militantes do CCJC, veem construindo possibilidades para sua permanência no campo, de suas famílias e da comunidade, principalmente continuar os laços com o MST.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não é tarefa fácil, escrever as considerações finais de uma dissertação, reunir em páginas as principais particularidades evidenciadas na reflexão, com o envolvimento de subjetividades, utopias, indivíduos sociais distintos, teorias e reflexões torna-se um desafio.

Desde o início de nossa caminhada para compreender a realidade dos/as jovens que participam do Coletivo de Cultura, Juventude e Comunicação CCJC/MST/MS, buscamos investigar sobre os seus anseios, dilemas, suas perspectivas e os lugares que ocupam no interior do MST. E apresentar ao/a leitor/a algumas aproximações aos caminhos percorridos pelas juventudes do CCJC, suas angústias, perspectivas e resistências.

Essa jornada se evidencia repleta de esperanças, emoções e angústias. São muitos sentimentos envolvidos, os lugares, os eventos, congresso nacional, encontros regionais, projetos de assentamentos e marchas.

Nesse período, convivemos e dialogamos com indivíduos sociais com trajetórias distintas e esperança no olhar, alguns/algumas demonstraram tristeza ao lembrarem fatos ocorridos no passado, a grande maioria, traz um sentimento de “revolução”.

Além disso, compreendemos as relações estabelecidas entre as juventudes e as lideranças do MST, as ações políticas, as expectativas juvenis quanto ao trabalho e à renda, e a importância atribuída para a educação como estratégia de permanência na terra. A pergunta inicial era: as juventudes do CCJC estão construindo diálogos com o MST para permanência no campo ou não? Esperamos tê-la respondido.

No primeiro capítulo apresentamos o histórico do CCJC no estado de Mato Grosso do Sul. Constatou-se que desde a sua gênese até sua efetivação concreta como um espaço de discussão coletiva de/para as juventudes, o Coletivo foi envolvido por conflitos e subjetividades, foram cerca de onze anos de organização. Inicialmente, surgem dois jovens homens como lideranças, a presença das jovens mulheres nos espaços públicos do MST era sazonal. Com o tempo as jovens mulheres conquistaram os espaços e no ano de 2014, uma jovem mulher e um jovem homem foram indicados/as para a direção do CCJC, pelo MST.

No capítulo I discorreremos sobre a diversidade das juventudes que compõem o CCJC, dos/as 50 jovens que participam do Coletivo, 22 foram envolvidos no diálogo durante a pesquisa, que se iniciou após o aceite em participar do estudo, que versaria sobre sua vida. O grupo envolvido na pesquisa reside em espaços diversos, tanto nas cidades, quanto em acampamentos e assentamentos e o primeiro contato com o CCJC e MST é distinto. Alguns/as, através do processo de luta pela terra com suas famílias conheceram o MST, outros/as através de diálogos efetuados pelo Coletivo nos espaços das cidades. A partir de então, o contato foi se ampliando.

O conceito de juventude que percorreu a nossa reflexão foi o de juventudes, no plural e não no singular, por ser um grupo heterogêneo, com identidades múltiplas e trajetórias diversas, enfim, o plural permite ampliar a abordagem.

O capítulo II teve como objetivo, fazer uma reflexão acerca da relação entre o discurso e a prática do MST, o ponto central da análise foram as relações sociais estabelecidas entre as juventudes e as lideranças do Movimento nos espaços de discussões coletivas, nos quais estivemos presentes.

Os elementos principais para o estudo foram: a prática da mística, os lugares ocupados pelas juventudes, os momentos das plenárias e as estratégias de resistências construídas pelas juventudes, principalmente por jovens mulheres.

A prática da mística é o espaço ocupado pelas juventudes. Desde a sua elaboração, sistematização e efetivação, os/as jovens são responsáveis por preparar e apresentá-la aos/as militantes presentes nos espaços de discussões coletivas. Constatamos que a prática da mística é, também, uma estratégia de dominação do MST e de perpetuação de sua própria “vida”, através do controle dos corpos, de emoções e sentimentos. Os assuntos abordados são pré-definidos pelo MST, bem como os objetivos a serem alcançados.

As juventudes se identificam, sem uma visão crítica, com os símbolos do Movimento e os incorporam na prática da mística como as ferramentas, enxadas, foices, camisetas, os bonés e livros, do Movimento para retratarem a realidade dos/as militantes. A mística é ambígua, inicia-se como imposição, controla corpos e emoções e, gradativamente, se fortalece como representações de luta, assumida pelas juventudes, como um elemento para ampliação de suas forças.

Os espaços efetivos de decisão, elaboração de metas e estratégias estão ausentes no CCJC, através de nossa presença atenta nos encontros foi possível observar que as

juventudes não participam. As jovens mulheres, por sua vez, vivenciam várias opressões ao tentarem participar, um dos fatores primordiais que contribuem para essa dificuldade é a ausência de conhecimento das famílias quanto aos objetivos e a atuação do CCJC. Além disso, nem todas as famílias dispõem de recursos financeiros para a locomoção das juventudes e, conforme relatou uma jovem mulher, não são todos/as que têm conhecimento sobre os encontros, datas, locais, assunto, por exemplo.

No terceiro capítulo apresentamos ao/a leitor/a, a pluralidade de trabalhos desejados e defendidos pelas juventudes para os espaços dos acampamentos e assentamentos, como estratégia de permanência na terra, com também, atuação profissional que não está diretamente ligada à terra. Através de suas vozes articuladas com reflexões de pesquisadores/as do tema juventudes, evidenciamos as múltiplas formas de trabalho que os/as jovens do CCJC defendem.

Entre as juventudes há o desejo de construir um campo novo – novos assentamentos – onde as pessoas possam viver do seu trabalho, seja em atividades diretamente ligadas à produção agropecuárias, seja atuando em áreas da saúde, educação ou outras.

E por fim, a luta por uma Educação libertária como estratégia de permanência e autonomia para os/as militantes do CCJC. Dos 22 jovens que participaram da pesquisa, no momento 6 estudavam nível superior pelo PRONERA e 4 curso técnico nas Escolas Família Agrícola. O acesso ao curso superior e técnico, com o apoio do MST, contribuiu para os/as jovens permanecerem no campo junto com suas famílias, ou construam os seus próprios projetos de vida. As juventudes trilham caminhos distintos, compartilhados com a luta do Movimento.

Os/as jovens do CCJC conquistam o seu espaço no Movimento desde os anos 2000-2001, mesmo que a passos lentos, entretanto, firmes, quando surgiu a discussão para construir um espaço para/de as juventudes, os/as jovens iniciaram uma atuação mais efetiva nos espaços dentro do MST. Porém é necessário que, a cada dia, o discurso se aproxime da prática, e concretize a participação de jovens nas instâncias de decisões dos Coletivos, principalmente no Coletivo da Juventude, para que possam contribuir para transformar os espaços sociais com o apoio do Movimento, e as relações no próprio MST.

As juventudes desejam escolher o seu trabalho para o campo, as jovens mulheres almejam a participação nas plenárias, mesas de discussões, sem distinção de temas para

abrirem os caminhos do empoderamento e da autonomia. Viver seu protagonismo enquanto jovens mulheres sem terra é primordial, ao contrário haverá o retrocesso das lutas, pois espera-se a soma de forças e a expansão das lutas com igualdade de gênero.

No decorrer da pesquisa, muitos sentimentos foram vivenciados, mais do que compreender a realidade das juventudes através dos conhecimentos científicos construídos nos espaços e bancos da Universidade, compartilhamos os saberes e as experiências significativas. Aprendemos a importância da partilha, gratidão, união e coletividade a fim de um viver diferenciado, este libertário através da reflexão crítica sobre a própria realidade.

Cultivamos amizades sinceras, contamos com o apoio dos/as jovens militantes do CCJC, vivenciamos paixões, utopias e subjetividades. Durante os dois anos de pesquisa, observamos de perto a trajetória dos/as jovens sem terra, ficamos felizes ao ver jovens construindo seus próprios projetos de vida, com filhos/as a virem, ou na luta ainda pequeninos/as com os/as jovens hoje pais e mães.

Vivenciamos jovens em momentos de alegria ao conquistarem o seu pedaço de terra, para nele viver e plantar. Compartilhamos a alegria de ver jovens em sua formatura no curso técnico/a agrícola, e hoje estão nos acampamentos em busca de sua própria terra.

Nos espaços de discussões coletivas, notamos conflitos, embates e subjetividades, em alguns momentos, o silêncio e a observação atenta fizeram parte da metodologia adotada, compreendemos como são constituídas as relações sociais no interior de um movimento social.

Atualmente após 15 anos da primeira discussão sobre a construção do CCJC, os/as jovens sem terra, mulheres, homens, revolucionários/as, indígenas, do campo ou da cidade, através do diálogo efetivado com o MST têm construído, gradativamente, espaços de diálogos. Por vezes eles/elas não estão no campo com as famílias porque querem estudar – o assentamento/campo não oferece a oportunidade –, mas a identidade sem terra que os/as constituem como sujeitos sociais é reafirmada a cada dia, a cada luta.

Esperamos que esta dissertação constitua-se como um o início, que muitas sejam escritas em busca da compreensão da realidade dos/as jovens sem terra, que possamos juntos/as como pesquisadores/as nos revestir de humildade, sair de nossa zona de conforto e ir à luta. Marchar, lutar, vivenciar as dificuldades que os/as militantes vivem

cotidianamente em busca da terra e dos meios para nela viverem, que além de intelectuais possamos nos construir, acima de tudo, como seres humanos e humanas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, Vilênia Venâncio Porto; STROPASOLAS, Valmir Luiz. **As problemáticas de gênero e geração nas comunidades rurais de Santa Catarina**. In: SCOTT, Parry; CORDEIRO, Rosineide; MENEZES, Marilda. (Orgs) *Gênero e Geração em Contextos Rurais*. Ilha de Santa Catarina: Ed. Mulheres, 2010. p. 157-182.

ANDRADE, E. A. de. **Processo de Trabalho, Espaço e Sociabilidade: A Sericultura no Assentamento de Reforma Agrária do Horto Silvânia- Araraquara- São Paulo**. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Faculdade de Ciências e Letras – UNESP- Araraquara: São Paulo, 1997.

AZAMBUJA, Fernando de; BRAND, Antonio Jacó; FERREIRA, Eva Maria Luiz. **Os Kaiowá e Guarani e os Processos de Ocupação de seu Território em Mato Grosso do Sul**. In: Rosemeire Aparecida de Almeida, organizadora- Campo Grande, MS: ED. UFMS, 2008.

BAGLI, Priscila. **Rural e urbano: harmonia e conflito na cadência da contradição**. In: SPOSITO, M. E., WHITACKER, A.M. (Orgs) *Cidade e Campo: relações e contradições entre cidade e campo*. São Paulo: Expressão Popular, 2006.

BAJOIT, Guy.; FRANSSEN, Abraham. O Trabalho, Busca de Sentido. In: FÁVERO, Osmar; SPOSITO, Marília Pontes; CARRANO, Paulo; NOVAES, Regina Reyes. **Juventude e Contemporaneidade**. Brasília: UNESCO, MEC, ANPEd, 2007.284 p. – (Coleção Educação para Todos; 16).

BARONE, L. A.; FERRANTE, V. L. S. B. **Assentamentos Rurais em São Paulo: Estratégias e Mediações para o Desenvolvimento**. DADOS – Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, vol. 55, no 3, 2012, pp. 755 a 785. Disponível em: <<http://www.scielo.br/>>.

BATTESTIN, Simone. **Ser Jovem e Ser Agricultor: A Agricultura Familiar Como Perspectiva e Projeto de Vida Para Filhas e Filhos de Agricultores do Município de Anchieta-ES**. 2009. 206 f. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural) – Universidade Federal de Viçosa, Minas Gerais.

BOFF, Leonardo; BETTO, Frei. **Mística e espiritualidade**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

BORBA, J. **Participação política: uma revisão dos modelos de classificação**. Sociedade e Estado vol.27, n. 2. Brasília, maio/ago.2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/>>.

BRUMER, Anita. A problemática dos jovens rurais na pós-modernidade. In: CARNEIRO, Maria José; CASTRO, Elisa Guaraná de (Orgs.). **Juventude rural em perspectiva**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007. P. 35-51.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues; BORGES, Maristela Correa. **A pesquisa participante: um momento de educação**. Cartão de divulgação da agenda do Programa de Formação Continuada em Educação, Saúde e Cultura Populares/ 2007.

\_\_\_\_\_. Pesquisar-Participar. In: BRANDÃO, Carlos R. (Org.). **Repensando a Pesquisa Participante**. São Paulo: Brasiliense, 1985, p. 7-14.

BOURDIEU, P. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

\_\_\_\_\_. **A dominação Masculina.** Trad. Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro 2. ed. Bertrand Brasil. 2002.

CADERNO DE EDUCAÇÃO, Nº 13. **Dossiê MST Escola. Documentos e Estudos 1990-2001.** Produção: Instituto Técnico de Capacitação e Pesquisa da Reforma Agrária- ITERRA, Organização: Setor de Educação do MST; 2ª Edição: Setembro de 2005.

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede. A Era da Informação:** Economia, Sociedade e Cultura. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTRO, Elisa Guaraná de. **Os jovens estão indo embora? Juventude rural e a construção de um ator político.** Rio de Janeiro: Mauad X; Seropédica, RJ: EDUR, 2009.

\_\_\_\_\_. **O paradoxo “ficar” e “sair”:** caminhos para o debate sobre juventude rural. 2006.

\_\_\_\_\_. **Juventude rural no Brasil:** processos de exclusão e a construção de um ator Político. Rev.latinoam.cienc.soc.niñez juv 7(1): 179-208, 2009

CASTRO, Mary Garcia; VASCONCELOS, Augusto. Juventudes e Participação Política na Contemporaneidade: explorando dados e questionando interpretações. In: **Juventudes:** outros olhares sobre a diversidade. Organização, Miriam Abramovay, Eliane Ribeiro Andrade, Luiz Carlos Gil Esteves. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; Unesco 2007.

CALDART, Roseli. **Sem Terra com poesia.** Petrópolis Vozes, 1987.

COELHO, Fabiano. **A prática da mística e a luta pela terra no MST.** Dissertação Mestrado em História, Universidade Federal da Grande Dourados. UFGD, 2010, p. 284.

COSTA, Kátia Aline da. **Entre desejos, Sonhos e Incertezas:** Reflexões sobre a Juventude Rural. Anais do IV Simpósio sobre Reforma Agrária e Assentamentos Rurais. Assentamentos Rurais: Controvérsias e alternativas de desenvolvimento. Araraquara 2010.

DAYRELL, Juarez; REIS, Juliana Batista. **Juventude e Escola:** Reflexões sobre o Ensino de Sociologia no ensino médio. Anais do XIII Congresso Brasileiro de Sociologia. Recife 2007.

DEMO, Pedro. **Pesquisa Participante.** Mito e Realidade. Brasília, 1982 UnB/INEP.

DOMINGUES, Alex Torres; JUNIOR, Antonio Thomaz. **A territorialização da cana-de-açúcar no Mato Grosso do Sul.** Caderno Prudentino de Geografia, Presidente Prudente, n.34, v.1, p.138-160, jan./jul.2012.

ELIADE, Mircea. **Imagens e símbolos:** ensaios sobre o simbolismo mágico-religioso. Tradução Sonia Cristina Tamer. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

ESTEVES, Luiz Carlos Gil; ABRAMOVAY, Miriam. Juventude, Juventudes: pelos outros e por elas mesmas. In: **Juventudes:** outros olhares sobre a diversidade / organização, Miriam Abramovay, Eliane Ribeiro Andrade, Luiz Carlos Gil Esteves. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; Unesco 2007.

FARIAS, Marisa de Fátima Lomba de. Mulheres no Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). In: TEDESCHI, Lozandro Antonio (Org.). **Leituras de gênero e Interculturalidade.** Dourados, MS: UFGD, 2013, p 544.

FERNANDES, Bernardo Mançano. **MST formação e territorialização.** Editora Hucitec: São Paulo, 1996.

FERNANDES, Aline Alves e TAVARES, Gerson Ferreira. **Escola Família Agrícola de Itaquiraí- EFAITTAQ:** Construindo Múltiplos Conhecimentos com Novas Práticas Metodológicas aplicadas ao Ensino. Trabalho de Conclusão de Curso, 2012,UFGD

FLORES, Ana Flávia; SILVA, Silvani. Juventude assentada: Guardiã do Futuro do Assentamento? Um estudo de caso no assentamento Bela Vista do Chibarro Araraquara/SP. In:

MENEZES, Marilda Aparecida; STROPASOLAS, Valmir Luiz; BARCELLOS, Sergio Botton (Orgs). **Juventude Rural e Políticas Públicas no Brasil**. Brasília: Presidência da República, 2014.

FREIRE, Jaqueline. Juventude Rural Brasileira: Sentidos e (Re) leituras de Jovens Pesquisadores sobre Políticas Públicas e Múltiplas Identidades Juvenis no Campo. In: MENEZES, Marilda Aparecida de; STROPASOLAS, Valmir Luiz; BARCELLOS, Sérgio Botton. (ORGS). **Juventude Rural e Políticas Públicas no Brasil**. Brasília: Presidência da República, 2014, 268 páginas.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: A Vontade de Saber**. 13. Ed. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

GARCIA, Regina Leite. **Aprendendo com os movimentos sociais**. (org.) Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

GATTI, Bernadete Angelina. **Grupo focal em ciências sociais e humanas**. Brasília, DF: Laber Livro, 2005.

GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade. Sexualidade, Amor e Erotismo nas Sociedades Modernas**. 2. Ed. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993. P 13-45.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6ª Edição. Editora Atlas. São Paulo. 2008.

GALINDO, Eryka. **Em Pauta: Juventude Rural e Políticas Públicas**. In: MENEZES, Marilda Aparecida de; STROPASOLAS, Valmir Luiz; BARCELLOS, Sérgio Botton. (ORGS). **Juventude Rural e Políticas Públicas no Brasil**- Brasília: Presidência da República, 2014, 268 páginas.

GOHN, Maria Glória. **Os Sem- Terra, Ongs e Cidadania**. São Paulo: Cortez, 1997. p. 154.

\_\_\_\_\_. **Novas teorias dos movimentos sociais**. São Paulo, SP: Loyola, 2008.

\_\_\_\_\_. **Teoria dos Movimentos Sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos**. 4 ed. São Paulo: Loyola, 2004.

\_\_\_\_\_. **Sociologia dos movimentos sociais**. Canadian Journal of Latin American Studies. Toronto, vol. 36, n. 72, 2011.

\_\_\_\_\_. **A Formação do Cidadão no MST: Cultura Política e “Frames” Organizativos**. XXIII, Encontro Anual da ANPOCS, GT: Processos e Movimentos Sociais no Campo, Caxambú 1999, 32 páginas.

JOHNSON, Guillermo. **A quimera democrática na América Latina: o Brasil sob o império** – Dourados-MS: Ed. UFGD, 2013. 250 p.

JOHNSON, Guillermo; SILVA, Marcos Antonio da. **Gênero, Estado e políticas públicas na América Latina: o labirinto da emancipação**. In: TEDESCHI, Lozandro Antonio (org.). **Leituras de gênero e Interculturalidade**. Dourados, MS: UFGD, 2013, p 544.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo Estranho. Ensaio sobre Sexualidade e teoria queer**. Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MARSCHNER, Walter Roberto. **A Licenciatura em Ciências Sociais PRONERA-UFGD na perspectiva da Educação do Campo**. In: **Saberes em Construção: Experiências Coletivas de Sem Terra e a Universidade Federal da Grande Dourados** Alzira Salete Menegat, Marisa de Fátima Lomba de Farias, Walter Roberto Marschner (orgs)- Dourados : Editora da UFGD, 2009.

MARTINS, Suely Aparecida. **A formação política da juventude do Movimento Sem Terra no estado do Paraná.** Tese do Programa de Pós- Graduação em Sociologia Política da Universidade Federal de Santa Catarina. 2009, p. 281.

MARTINS, De Antoni, C; FERRONATO, C; SIMÕES, M. A; MAURENTE, A, Maurenre, COSTA, V F; KOLLER, S. H. (2001). **Grupo focal: Método qualitativo de pesquisa com adolescentes em situação de risco.** Arquivos Brasileiros de Psicologia, 53(2), 38-53.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. (org.) **Pesquisa social: Teoria, Método e Criatividade.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

MUNARIM, Antônio. **Elementos para uma Política Pública de Educação do Campo.** In: MOLINA, Monica Castagna. (Org) Educação do Campo e Pesquisa. Questões para reflexão. Brasília\_ MDA, 2006.

NASCIMENTO, Alice Araújo do; ÁVILA, Rosangela Fátima Correia ; ALVARENGA, Julio Cesar de Souza. **Jovens do Assentamento Sebastião Rosa da Paz: O dilema entre ficar ou sair.** Trabalho de Conclusão de Curso,2012,UFGD.

NEDELCO, Danay Quintana. **Da vida à reflexão: três chaves de leitura.** Resenha do livro Jóvenes investigadores en infancia y juventud, desde una perspectiva crítica latinoamericana: aprendizajes y resultados de Sara Victoria Alvarado e Jhoana Patiño. In: Revista Desidades/ Revista Eletrônica de Divulgação Científica da Infância e Juventude, Número 4, ano 2, Setembro 2014, páginas 40-44.

NETTO, Sebastião Leal Ferreira Vargas. **A mística da resistência. Culturas, histórias e imaginários rebeldes nos movimentos sociais latino-americanos.** Tese apresentada ao Programa de Pós- Graduação em História Social do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2007, 390 páginas.

NOVAES, Regina Reyes. **Políticas de juventude no Brasil: continuidades e rupturas.** In: FÁVERO, Osmar; SPÓSITO, Marília Pontes; CARRANO, Paulo; NOVAES, Regina Reyes. Juventude e Contemporaneidade. – Brasília : UNESCO, MEC, ANPEd, 2007.284 p. – (Coleção Educação para Todos; 16).

PAIS, José Machado. **A construção sociológica da juventude—alguns contributos.** Análise Social, vol. XXV (105-106), 1990 (1.º, 2.º), 139-165

PERUZZO, Cicilia Maria Krohling. **A observação participante à Pesquisa- Ação em Comunicação: pressupostos epistemológicos e metodológicos.** INTERCOM- Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – BH/ MG- 2 a 6 Set 2003.

PINTO, Andréia Dioxopoulos Carneiro; MENEGHEL, Stela Nazareth; MARQUES, Ana Paula Maraschin. **Acorda Raimundo! Homens discutindo sobre masculinidade.** Revista Psico. V. 38 , n. 3 , pp. 238-245, set ./dez . 2007

ROSA, Joel Santos da; SOUZA, Susy Michelly de Lima; GODÓI, Tatiane Aparecida. **Situação atual e as perspectivas dos jovens no Assentamento Itamarati I/ AMFFI.** Trabalho de Conclusão de Curso,2012,UFGD

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **O poder do Macho.** São Paulo: Moderna, 1987.

SARTI, Cynthia Andersen. **O jovem na família: o outro necessário.** In: VANNUCHI, Paulo; NOVAES, Regina (org.). Juventude e Sociedade: trabalho, educação, cultura e participação. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo; 2004. p. 115-29.

SALES, Celecina de Maria Veras. **Criações Coletivas da Juventude no Campo Político: Um Olhar Sobre os Assentamentos Rurais do MST**. 2003. 321 F. Tese (Doutorado em Educação)– Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza-Ceará.

\_\_\_\_\_. **Gênero e Juventude Rural: Permanência de Traços da Herança Cultural Camponesa e a Produção de Novos Valores na Construção do Presente**. Ceará: UFC, 2006.

\_\_\_\_\_. **Mulheres jovens rurais: marcando seus espaços**. In: SCOTT, Parry; CORDEIRO, Rosineide; MENEZES, Marilda (ORGS.) *Gênero e Geração em Contextos Rurais*. Ilha de Santa Catarina, Editora Mulheres, 2010, p 421- 446.

SAUER, S. **Terra e modernidade: a reinvenção do campo brasileiro**. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

SCHERER-WARREN, I. **Das mobilizações às redes de movimentos sociais**. *Sociedade e Estado*. Abr 2006, vol.21, no.1, p.109-130. Disponível em: <http://www.scielo.br/>.

\_\_\_\_\_. **Redes de movimentos sociais**. São Paulo: Loyola, 2005.

\_\_\_\_\_. **Para uma metodologia de pesquisa dos movimentos sociais e educação no campo**. In. *Educação do Campo e Pesquisa. Questões para reflexão*. – Brasília : Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2006.

SCOTT, J. **Gênero: Uma categoria útil de análise histórica**. *Revista educação & realidade*. V.15 , n.02 , jul./dez. 1995. Traduzido da versão Francês, com consulta ao original em inglês. p.

\_\_\_\_\_. **Experiência. Falas de Gênero: Teorias, Análises, Leituras**: SILVA, Alcione Leite da; SOUZA, Mara Coelho de; RAMOS, Tânia Regina de Oliveira (orgs). Florianópolis: Editora Mulheres, 1999.

SILVA, Carolina Braz de Castilho e; SCHNEIDER, Sergio. **Gênero, trabalho rural e pluriatividade**. In: SCOTT, Parry; CORDEIRO, Rosineide; MENEZES, Marilda (ORGS.) *Gênero e Geração em Contextos Rurais*. Ilha de Santa Catarina, Editora Mulheres, 2010.

SILVA, M. K. **Sociedade civil e construção democrática: do maniqueísmo essencialista à abordagem relacional**. *Sociologias*, Porto Alegre, ano 8, nº 16, p. 156-179, jul/dez 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/>.

SILVA, Maria do Socorro. **Da raiz à flor: produção pedagógica dos movimentos sociais e a escola do campo**. In: MOLINA, Monica Castagna. (Org) *Educação do Campo e Pesquisa. Questões para reflexão*. Brasília\_ MDA, 2006

SPINK, Peter Kevin. **Pesquisa de Campo em Psicologia Social: Uma Perspectiva Pós-Construcionista**. *Psicologia & Sociedade*; 15 (2): 18-42; jul./dez.2003

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa- Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010, 133p.71-99.

STEDILE, João Pedro; BERNADO, Mançano Fernandes. **Brava Gente. A trajetória do MST e a luta pela terra no Brasil**. Editora Fundação Perseu Abramo, 1º Edição, 1999, p. 167.

\_\_\_\_\_. **Brava Gente. A trajetória do MST e a luta pela terra no Brasil**. Editora Fundação Perseu Abramo, 3ª Reimpressão, 2005, p. 168.

STROPASOLAS, Valmir Luiz. **O mundo rural no horizonte dos jovens**. Florianópolis. Ed. da UFSC, 2006. P. 346.

\_\_\_\_\_. **Os desafios da sucessão geracional na agricultura familiar**. *Revista Agriculturas*. V. 8- n. I. Março de 2011.

\_\_\_\_\_. **A dimensão da diversidade social na concepção de Políticas Públicas para a Juventude Rural**. In: *Juventude rural e políticas públicas no Brasil* / Marilda Aparecida de

- Menezes, Valmir Luiz Stropasolas, Sergio Botton Barcellos, organizadores. – Brasília : Presidência da República, 2014.
- SIRINELLI, Jean- François. **A geração**. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. Usos & abusos da História Oral. 8ª ed. RJ: FGV, 2006. p. 131-137
- SOUZA, Bruno Lacerra de. Juventude, Trabalho e Utopias Sociais: Expectativas de Jovens Assentados do MST. Anais de evento do V Simpósio sobre Reforma Agrária e Questões Rurais, 23 a 25 de Agosto de 2012.
- SOUZA, João Batista Alves. **O papel das Escolas Família Agrícola (EFA) no desenvolvimento de alternativas agrícolas em Mato Grosso do Sul: O caso da Escola Família Agrícola de Itaquiraí (EFAITAQ)**. Dissertação (Mestrado em Geografia), UFGD: Dourados, 2010.
- ROCHA, Eliza Emília Rezende Bernardo. A Pesquisa Participante e seus Desdobramentos - Experiências em Organizações Populares. **Anais do 2º Congresso Brasileiro de Extensão Universitária**. Belo Horizonte, 12 a 15 de set. 2004.
- VARGAS NETTO, Sebastião Leal Ferreira. **A Mística da Resistência: culturas, histórias e imaginários rebeldes nos movimentos sociais latino-americanos**. 2007. Tese (Doutorado em História). USP: São Paulo.
- WALLS, Álvaro L. M. **O que é Ética**. nº177, 1994 (Coleção Primeiros Passos).
- WEEKS, Jeffrey. O corpo e a Sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado**. Pedagogias da Sexualidade. 2. Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007, p. 37-82.
- WEISHEIMER, Nilson. **Juventudes rurais: mapas de estudos recentes**. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2005.
- \_\_\_\_\_. Sobre a Invisibilidade Social das Juventudes Rurais. **Revista Desidades**. n. 1, ano 1, dez, 2013, p. 22-27.
- YAMIN, Giana Amaral. Crianças e Jovens em um espaço de luta pela terra. In: ALMEIDA, Rosemeire Aparecida de (Org.). **A Questão Agrária em Mato Grosso do Sul: Uma Visão Multidisciplinar**. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2008. p. 205- 225.